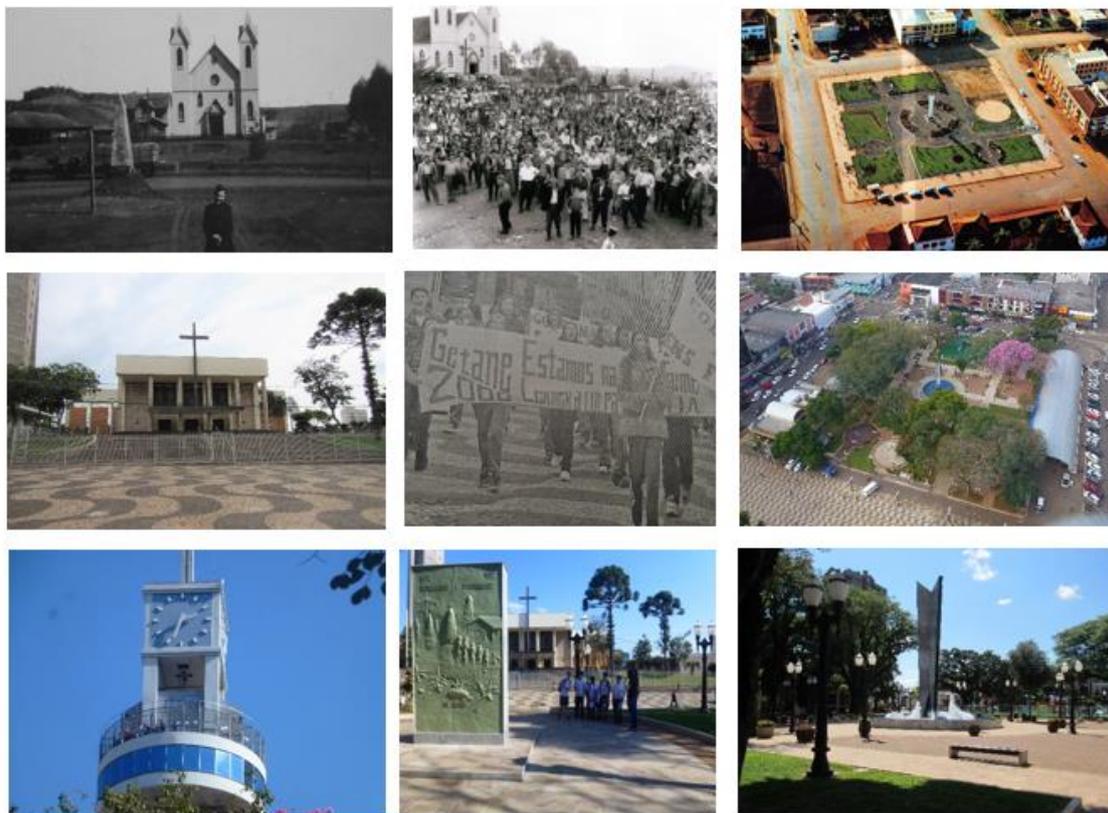


**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO/PPGEFB  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**PRAÇA ESPAÇO DE REGISTRO HISTÓRICO E CULTURAL**



**BRUNA KISATHOWSKI FISS**

FRANCISCO BELTRÃO - PR  
2020

**BRUNA KISATHOWSKI FISS**

**PRAÇA ESPAÇO DE REGISTRO HISTÓRICO E CULTURAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de mestre para o Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Área de concentração: Educação, Linha de Pesquisa Cultura, Processos educativos e Formação de professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mafalda Nesi Francischett.

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Fiss, Bruna Kisathowski  
Praça espaço de registro histórico e cultural / Bruna  
Kisathowski Fiss; orientador(a), Mafalda Nesi  
Francischett, 2020.  
199 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste  
do Paraná, Campus de Francisco Beltrão, Centro de Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.

1. Cidadania. 2. Educação. 3. Espaço público. 4.  
Monumentos. I. Nesi Francischett, Mafalda . II. Título.

---

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**BRUNA KISATHOWSKI FISS**

**TÍTULO DO TRABALHO: PRAÇA ESPAÇO DE REGISTRO HISTÓRICO E CULTURAL**

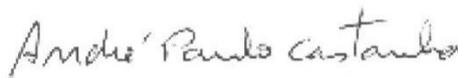
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, Área de Concentração: Educação, Linha de Pesquisa 01: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

### COMISSÃO EXAMINADORA



**Mafalda Nesi Francischett (Orientadora)**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão  
(UNIOESTE)



**André Paulo Castanha**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão  
(UNIOESTE)



**Helena Copetti Callai**

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul  
(UNIJUÍ)

Francisco Beltrão, 31 de agosto de 2020

## **DEDICATÓRIA**

*Com todo o meu amor à minha família, que me apoiou e moveu intangíveis forças.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha Orientadora Mafalda, sinônimo de competência e companheirismo. A sua participação em minha vida me ensinou o que de fato é mediação. Agradeço pela confiança em meu trabalho e por toda compreensão, paciência, amor e carinho. Terminamos essa etapa com uma grande amizade que levarei para a vida, minha eterna admiração.

Agradeço aos membros da Banca de Qualificação e Defesa, Dr. Helena Copetti Callai, Dr. André Paulo Castanha, Dr. Geliane Toffolo e Dr. Adir Silvério Cembranel.

Daiane e Maria Isabel, minhas grandes amigas do Mestrado. Nem todas as palavras aqui descritas representariam a gratidão por tê-las.

Grupo RETLEE, “a união faz a força”!

À equipe do Programa de Pós-Graduação e professores pelos direcionamentos, ensinamentos e compartilhar de experiências.

À turma do Programa de Pós-Graduação em Educação 2018 pelas conversas nos intervalos e encontros informais que trouxeram alegria e motivação.

À CAPES pelo financiamento, este me permitiu imergir na pesquisa.

À minha mãe Maria, pai Arnaldo e meus irmãos Karolyne e Gabriel, vocês são meus eternos amores, meus alicerces.

Devo também, meus agradecimentos aos entrevistados, por meio de seus relatos traçamos a história.

Estas alianças humanas e o percurso da pesquisa me transformaram, almejo que este trabalho possa transformar olhares.

*A praça Castro Alves é do povo  
como o céu é do avião  
um frevo novo, eu peço um frevo novo  
todo mundo na praça  
e muita gente sem graça no salão  
Metete o cotovelo e vai abrindo o caminho  
Pegue no meu cabelo pra não se perder e terminar sozinho  
O tempo passa mas, na praça eu chego lá  
É aqui nessa praça que tudo vai ter de pintar*

Caetano Veloso – Um frevo novo

## RESUMO

FISS, B. K. **Praça espaço de registro histórico e cultural**. 2020. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2020.

Esta pesquisa se desenvolveu com vínculo na linha Cultura, Processos educativos e Formação de professores do Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e com o Grupo de pesquisa Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativas (RETLEE). O objetivo foi analisar a função da Praça Dr Eduardo Virmond Suplicy (EVS), localizada no centro da cidade de Francisco Beltrão-PR, por ser um espaço de intensa mobilidade e concentração de pessoas. Estudamos a constituição deste espaço, sua trajetória histórica e a relação dos usuários com os elementos que compõem a sua estrutura. A pesquisa se caracterizou por estudo de caso e os instrumentos investigativos foram questionários, entrevistas, observação, diário de campo, registros fotográficos, documentos, levantamento de dados em jornais e demais bibliografias. Com evidência em alguns autores como: Mumford (1982), Weimer (2012), Caldeira (2007), Sennett (1995), Borges (2008) e Bakhtin (1999), no levantamento da origem, da história e na linha do tempo. Santos (2017) alicerçando os fatores que produzem o espaço como: processo, estrutura, forma e função. Os elementos que remontam a história do município e da contextualização da Praça, em Lazier (2004), Battisti (2006), Galvão (2009), Poli (2009), Silva (2010), Silva (2013). No levantamento de dados em geral, em jornais locais, principalmente, no JB. O texto segue apoio conceitual em Gomes (2013), na exposição do lugar como indutor do ver e do olhar. Em Harvey (2014) que defende os espaços públicos democráticos e, em Santos (2014; 2008) que conceitua lugar, paisagem e natureza. Tratamos sobre a Educação Patrimonial com Marchette (2016). Realizamos uma prática de estudo dos monumentos com acadêmicas da Universidade Aberta para a Terceira Idade (UNATI), com estudantes do Colégio Estadual Industrial (CEI) e do Colégio Estadual Dr Eduardo Virmond Suplicy (CES). Para tanto Callai (2004, 2016) e Claudino (2019) enfatizam a importância do estudo do lugar e da formação cidadã. A Praça se modifica com o tempo, mas não se dilui e está relacionada ao movimento social, desde seus primórdios à atualidade. Entretanto, há esforços do poder público em garantir este território para a população. Ela representa as histórias e as contradições da sociedade, na qual se constitui. Sua materialidade registra a história e a cultura de grupos sociais. Este fator possibilita, por meio do seu estudo, a formação de cidadãos conhecedores do lugar onde vivem.

**Palavras-chave:** Cidadania. Educação. Espaço público. Monumentos. Praça Central.

## ABSTRACT

FISS, B. K. **Space square the record historic and cultural**. 2020. 199 f. Master's Dissertation – Education Postgraduate Program – Master, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2020.

This research was developed with a link in line of Culture, Educative Process and Teachers Formation of the Education Master's at *Universidade Estadual do Oeste do Paraná* (UNIOESTE) and with the Research Group Representations, Spaces, Times and Languages in Educational Experiences (RETLEE). The objective was analyze the square Dr Educarado Virmond Suplicy (EVS) function, located in central region of Francisco Beltrão municipality, for it a space of intense mobility and people concentration. We study the constitution this space, your historic trajectory and relationship of the users with the elements that compose your structure. The research was characterized for a case study and the investigative instruments was questionnaire, interviews, observation, field diary, photographic records, documents, data collection in a newspaper and bibliography too. With evidence in some authors as: Mumford (1982), Weimer (2012), Caldeira (2007), Sennett (1995), Borges (2008) and Bakhtin (1999), in origin survey, of history and in timeline. Santos (2017) underpins the factors that produce the space as: process, structure, shape and function. The elements that date back to municipality history and Square contextualization, in Lazier (2004), Battisti (2006), Galvão (2009), Poli (2009), Silva A. (2010), Silva R. (2013). In data collection, in general, a local newspapers, especially in *Jornal de Beltrão*. The text follows conceptual support in Gomes (2013), in exposure place as inductor of view and of see. In Harvey (2014) defend the public democratic spaces and, in Santos (2014; 2008) that conceptualize the place, landscape and nature. We treat about the Patrimonial Education with Marchette (2016). We carried through an action of the monument study with academics of *Universidade Aberta para a Terceira Idade (UNATI)*, with students of the *Colégio Estadual Industrial (CEI)* and *Colégio Estadual Dr. Eduardo Virmond Suplicy (CES)*. Therefore Callai (2004, 2016) and Claudino (2019) they emphasize the importance of the place study and citizen formation. The Square modify over time, but not dissolve and is related the social movement, since its beginning to the present time. Therefore have efforts of public power into ensure this territory to the population. It's represent the history and contradictions of society, which it arise. Your materiality records the history and culture of social groups. This factor enable by means of your study, the citizen formation that know the lively place.

**Keywords:** Citizenship. Education. Public Place. Monuments. Central Square.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Imagens da planta casa-aldeia tucano e marubo.....	37
<b>Figura 02</b> - Casa unitária marubo.....	38
<b>Figura 03</b> - Imagem da casa unitária ianomâmi.....	39
<b>Figura 04</b> - Imagem da representação da aldeia Tupi e Xingu.....	40
<b>Figura 05</b> - Imagens da organização espacial indígena em diferentes aldeias.....	41
<b>Figura 06</b> - Imagem da Praça Marquês de Pombal em Vila Real de Santo Antônio.....	44
<b>Figura 07</b> - Imagem da planta de Viana do Castelo em 1756.....	44
<b>Figura 08</b> - Imagens da Praça da Matriz e Praça da República de Viana do Castelo.....	45
<b>Figura 09</b> - Imagem do formato das primeiras vilas brasileiras.....	47
<b>Figura 10</b> - Fotografias da redução Jesuíta de San Ignacio Mini na Argentina.....	47
<b>Figura 11</b> - Imagem da planta da cidade de Salvador em 1625.....	49
<b>Figura 12</b> - Imagens das Praças brasileiras de formação orgânica.....	50
<b>Figura 13</b> - Imagem da Praça Santos Andrade em Curitiba-PR.....	51
<b>Figura 14</b> - Poema de uma estudante do 8º ano do Colégio Estadual Mario de Andrade em 2007.....	54
<b>Figura 15</b> - Croqui da Gleba Missões e Chopim.....	55
<b>Figura 16</b> - Imagem dos Posseiros reunidos em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória em 1957.....	57
<b>Figura 17</b> - Imagem da construção da Praça EVS em 1966.....	59
<b>Figura 18</b> - Imagem de Eduardo Virmond Suplicy.....	60
<b>Figura 19</b> - Imagem da Praça EVS em 1970.....	61
<b>Figura 20</b> - Fotografia do Obelisco da Praça EVS em 2019.....	62
<b>Figura 21</b> - Imagens do primeiro obelisco em 1957.....	63
<b>Figura 22</b> - Imagem do monumento do GETSOP em 1973.....	65
<b>Figura 23</b> - Imagem do monumento ao GETSOP em 2019.....	66
<b>Figura 24</b> - Monumento Árvore da Amizade do Rotary e monumento da Associação de Defesa e Educação Ambiental de Francisco Beltrão-PR.....	68
<b>Figura 25</b> - Croquis do centro de Francisco Beltrão-PR em 1984 e 1997.....	70
<b>Figura 26</b> - Imagem das Camilas na Praça EVS em 1988.....	72
<b>Figura 27</b> - Imagem dos comícios na Praça EVS em 1989.....	73

<b>Figura 28</b> - Imagem do Monumento da bíblia no decorrer e após a remodelação em 2006.....	75
<b>Figura 29</b> - Fotografia do monumento da Bíblia na Praça EVS em 2019.....	76
<b>Figura 30</b> - Imagem da inauguração do monumento da Cuia em 1993.....	77
<b>Figura 31</b> - Fotografia do Monumento da Cuia na Praça EVS em 2019.....	78
<b>Figura 32</b> - Imagem da inauguração do monumento à Maçonaria na Praça EVS.....	80
<b>Figura 33</b> - Fotografia da Torre da Concatedral em 2019.....	81
<b>Figura 34</b> - Imagem da lancheria na Praça EVS em 1999.....	82
<b>Figura 35</b> - Imagem da mobilização do MST e outros movimentos sociais no calçadão da praça em 2008.....	83
<b>Figura 36</b> - Imagem do espaço para feira e eventos no decorrer da obra em 2016.....	84
<b>Figura 37</b> - Fotografias das feiras na Praça EVS em 2019.....	85
<b>Figura 38</b> - Imagem dos produtos das feiras na Praça EVS.....	86
<b>Figura 39</b> - Imagem da revitalização da Praça EVS em 2017.....	87
<b>Figura 40</b> - Imagem do Natal na Praça EVS em 24 de novembro de 2017.....	88
<b>Figura 41</b> - Fotografia do Monumento da ASR frente e verso em 2019.....	91
<b>Figura 42</b> - Projeto “O teatro vai à escola” na Praça EVS em 1998.....	92
<b>Figura 43</b> - Imagens de estudantes em atos políticos na Praça EVS em 1998.....	94
<b>Figura 44</b> - Estudantes do Colégio Dr Eduardo Virmond Suplicy e professores plantando muda de pau Brasil na Praça EVS em 1999.....	96
<b>Figura 45</b> - Imagens de estudantes excepcionais na Praça EVS em 1997.....	97
<b>Figura 46</b> - Imagem de estudantes pedindo pela paz nas famílias na Praça EVS em 1999.....	99
<b>Figura 47</b> - Prática educativa com a UNATI. ....	104
<b>Figura 48</b> - Fotografia de uma família na Praça EVS no final de semana.....	115
<b>Figura 49</b> - Fotografia de crianças brincando na academia ao ar livre para a terceira idade da Praça EVS. ....	116
<b>Figura 50</b> - Fotografia de senhoras nos bancos entre a Praça EVS e o calçadão.....	117
<b>Figura 51</b> - Fotografia de vendedores ambulantes na Praça EVS.....	120
<b>Figura 52</b> - Fotografia do parque das crianças da Praça EVS.....	122
<b>Figura 53</b> - Fotografia da rampa de acesso a calçada da Praça EVS.....	128
<b>Figura 54</b> - Fotografia das rampas de acesso dificultoso à Praça EVS.....	128
<b>Figura 55</b> - Cartão postal de 1980 de Francisco Beltrão frente e verso.....	132

<b>Figura 56</b> - Pontos turísticos de Francisco Beltrão.....	132
<b>Figura 57</b> - Dinâmica de funcionamento da prática educativa.....	143
<b>Figura 58</b> - Trajeto da ação Fauna e Flora na Praça EVS.....	144
<b>Figura 59</b> - Planta baixa do coreto conforme a organização da ação da Agricultura Familiar. ....	147
<b>Figura 60</b> - Fotografia da exposição de imagens na ação da torre da concatedral.....	147
<b>Figura 61</b> - Fotografia dos estudantes e professores do CEI e CES com os pesquisadores do RETLEE ao final da Prática Educativa na Praça. ....	148

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> - Contribuição da prática monumentos para a UNATI.....	105
<b>Tabela 02</b> - Atrativos da prática monumentos para a UNATI.....	105
<b>Tabela 03</b> - Importância da praça para a UNATI.....	106
<b>Tabela 04</b> - Dia, horário e quantidade de transitantes de janeiro e fevereiro da Praça EVS.....	110
<b>Tabela 05</b> - Idade e Gênero dos usuários da Praça EVS de janeiro e fevereiro de 2019.....	111
<b>Tabela 06</b> - Frequência dos usuários na Praça EVS em janeiro e fevereiro de 2019.....	114
<b>Tabela 07</b> - Destaques da Praça EVS.....	124
<b>Tabela 08</b> - Problemas na Praça EVS.....	125
<b>Tabela 09</b> - Espécies exóticas e nativas da Praça EVS em 2019.....	145
<b>Tabela 10</b> - Avaliação da prática educativa.....	149
<b>Tabela 11</b> - Atrativos da Praça EVS.....	149
<b>Tabela 12</b> - Importância da prática educativa.....	150
<b>Tabela 13</b> - Os estudantes fariam novamente da prática educativa.....	150
<b>Tabela 14</b> - Visão dos estudantes sobre a Praça.....	151
<b>Tabela 15</b> - Sugestões para estudar na Praça.....	152

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> - Relação entre os transitantes na Praça EVS no final de semana....	115
<b>Gráfico 02</b> - Relações entre transitantes na Praça EVS durante a semana.....	117
<b>Gráfico 03</b> - Relações entre os feirantes na Praça EVS.....	118
<b>Gráfico 04</b> - Relações entre os comerciantes na Praça EVS.....	118
<b>Gráfico 05</b> - Os transitantes na Praça EVS no final de semana.....	119
<b>Gráfico 06</b> - Como os transitantes usam a Praça EVS durante a semana.....	119
<b>Gráfico 07</b> - Os feirantes na Praça EVS.....	120
<b>Gráfico 08</b> - Como os comerciantes usam a Praça EVS.....	121
<b>Gráfico 09</b> - Elementos materiais da Praça EVS.....	122
<b>Gráfico 10</b> - O que os transitantes usam da Praça EVS durante a semana.....	123
<b>Gráfico 11</b> - Os feirantes na Praça EVS.....	123
<b>Gráfico 12</b> - O que os comerciantes avaliam a estrutura da Praça EVS.....	123

## LISTA DE ORGANOGRAMAS

<b>Organograma 01</b> - A função da Praça EVS para os transitantes.....	136
<b>Organograma 02</b> - A função da Praça EVS para os feirantes.....	137
<b>Organograma 03</b> - A função da Praça EVS para os comerciantes.....	138
<b>Organograma 04</b> - A importância e uso da Praça EVS para os transitantes.....	139
<b>Organograma 05</b> - A importância e uso da Praça EVS para os feirantes.....	140
<b>Organograma 06</b> - A importância e uso da Praça EVS para os comerciantes.....	141

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - Cronograma da linha do tempo das praças.....	26
<b>Quadro 02</b> - Eventos culturais na Praça EVS de 1984 a 2008.....	91
<b>Quadro 03</b> - Eventos políticos na Praça EVS de 1991 a 2005.....	93
<b>Quadro 04</b> - Semanas comemorativas na Praça EVS de 1996 a 2009.....	95
<b>Quadro 05</b> - Datas comemorativas na Praça EVS de 1998 a 2009.....	98
<b>Quadro 06</b> - Eventos de Saúde na Praça EVS em 1998, 2003 e 2006.....	100
<b>Quadro 07</b> - Localidades em Francisco Beltrão-PR onde residem os feirantes....	110
<b>Quadro 08</b> - Relação de materiais e alimentos da ação da AF.....	146

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABMES	Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior
AF	Agricultura Familiar
ASSESOAR	Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural
ASR	Associação de Senhoras Rotarianas
ASTEC	Associação dos Amigos da Torre da Concatedral
APMI	Associação de Proteção a Maternidade e a Infância
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas
CANGO	Colônia Agrícola Nacional General Osório
CEI	Colégio Estadual Industrial
CEMA	Colégio Estadual Mario de Andrade
CES	Colégio Estadual Dr Eduardo Virmond Suplicy
CITLA	Clevelândia Industrial Territorial Limitada
CPC	Secretaria de Estado da Cultura
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
DEBETRAN	Departamento Beltronense de Trânsito
DER/PR	Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Paraná
DETRAN/PR	Departamento de Trânsito do Paraná
EMATER	Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
EVS	Praça Dr Eduardo Virmond Suplicy
FACIBEL	Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão
FS	Folha do Sudoeste
GETSOP	Grupo Executivo para Terras do Sudoeste do Paraná
JB	Jornal de Beltrão
JI	Jornal do Iguaçu
MEI	Micro Empreendedores Individuais
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná
RETLEE	Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativas
SEMA	Secretaria de Estado e Meio Ambiente
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Estado do Paraná

TS	Tribuna do Sudoeste
UNATI	Universidade Aberta a Terceira Idade
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UNIMED	Confederação Nacional das Cooperativas Médicas
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIPAR	Universidade Paranaense
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná
IAP	Instituto Ambiental do Paraná
IMC	Índice de Massa Corporal
INCRA	Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>I – SURGIMENTO DA PRAÇA PARA SOCIABILIDADE.....</b>	<b>24</b>
1.1 Espaço, tempo e grupo na formação das praças.....	25
1.2 A origem das praças no tempo e pelas civilizações.....	30
1.3 As praças indígenas brasileiras.....	36
1.4 As praças portuguesas.....	42
1.5 A formação das praças brasileiras pelos colonizadores.....	46
<b>II – ACONTECIMENTOS NA PRAÇA DR EDUARDO VIRMOND</b>	
<b>SUPLICY DE 1969 A 2009.....</b>	<b>53</b>
2.1 A história e constituição.....	54
2.2 Lazer, trabalho, turismo e política.....	61
2.3 Modificações estruturais e eventos educacionais.....	74
2.4 Educação patrimonial pelo estudo dos monumentos.....	102
<b>III – ATRIBUIÇÕES DA PRAÇA DR EDUARDO VIRMOND</b>	
<b>SUPLICY.....</b>	<b>108</b>
3.1 Significação do lugar para o cidadão.....	109
3.2 A materialidade da Praça.....	119
3.3 Olhar crítico sobre o espaço.....	124
3.4 Lugar, paisagem e natureza.....	131
3.5 Educação para cidadania.....	142
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>158</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>172</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>196</b>

## INTRODUÇÃO

A Praça Dr Eduardo Virmond Suplicy (EVS<sup>1</sup>) é um espaço público localizado na área central da cidade de Francisco Beltrão-PR. É um marco na constituição do território e representa a dinâmica social do município. Território que chama a atenção aos olhares dos cidadãos beltronenses e de outros munícipes. É um espaço de exposição, de venerável visibilidade, que dificilmente não tenha sido visitada ou notada, por ser tão bela e convidativa.

Essa visibilidade despertou a nossa curiosidade em conhecer a Praça para além do que a paisagem manifesta. Por isso, o objetivo da pesquisa foi analisar a sua função. Para isso, foi necessário verificar a constituição do espaço e a relação dos usuários com os elementos que compõem a sua estrutura. O espaço se modifica conforme as necessidades dos sujeitos, enquanto produtores da sua história, por isso a função está articulada com as ações dos grupos no tempo. Portanto, o espaço dinâmico e complexo da praça é compreensível se for possível descrever o caminho histórico desde o seu surgimento e suas modificações no tempo. (SANTOS, 2008).

Na praça existem diversos locais com usos devidos como a feira, a academia ao ar livre para a terceira idade, o parque infantil, estabelecimentos comerciais no seu entorno, monumentos, a flora e fauna, a concatedral, entre outros. Estes elementos constituem a estrutura e são responsáveis por incluir a população, pois ao se criar diferentes espaços, diversos grupos passam a usá-lo.

O estudo de caso foi a metodologia indicada que nos possibilitou analisar a totalidade do fenômeno: a função da Praça EVS. Assim, conforme Yin (2015), esta metodologia é apropriada para analisar fenômenos sociais complexos, em pesquisas sobre eventos contemporâneos, que não podem ser controlados experimentalmente. O estudo de caso possibilita compreender o fenômeno, numa perspectiva mais abrangente da realidade social.

O levantamento de dados, no estudo de caso, ocorreu por meio de questionários, entrevistas, observação e anotação no diário de campo, registros fotográficos, análise de documentos como: leis, fotografias, discursos, entre tantos. Ainda, levantamento de dados nos jornais: Tribuna do Sudoeste (TS), no período de 1969 a 1978; Jornal do Iguazu (JI), de 1979 a 1985; Folha do Sudoeste (FS), de 1987 a 1989; e, no Jornal de Beltrão (JB) de 1990 a 2009, períodos alcançados conforme a disponibilidade do tempo para a pesquisa.

---

<sup>1</sup> A partir daqui usaremos Praça EVS.

O levantamento no estabelecimento do JB foi realizado de fevereiro de 2019 a maio de 2020, cinco dias ao mês, totalizando 75 dias de coleta. Também realizamos revisão bibliográfica em trabalhos acadêmicos e livros sobre o tema.

Realizamos questionários e entrevistas com o total de 230 sujeitos. Sendo 108 transitantes da praça; 15 feirantes da Agricultura Familiar (AF); 12 feirantes Micro Empreendedores Individuais (MEI); 29 comerciantes dos estabelecimentos dos arredores da Praça EVS; e, duas indígenas que utilizam a praça para vender seus artesanatos, elas foram abordadas no próprio local. Entrevistamos um senhor maçom, o Chefe de Divisão do Patrimônio Histórico do município; o arquiteto da Prefeitura e dois fundadores do Rotary de Francisco Beltrão, estes foram entrevistados nos seus locais de trabalho. Além de 55 estudantes e quatro professoras.

Os 108 transitantes responderam aos questionários, em 2019, na primeira semana de janeiro, no domingo à tarde e na segunda-feira pela manhã; na segunda semana de fevereiro, também no domingo à tarde e na segunda-feira pela manhã, totalizando quatro dias. Os feirantes foram interrogados no dia da feira, sendo a AF na quarta-feira e os MEI na quinta-feira. Os comerciantes em dois dias, escolhidos aleatoriamente, em horário comercial, as indígenas no dia 11 de outubro de 2019, sexta-feira à tarde.

No decorrer da pesquisa fomos procuradas pela professora da Universidade Aberta a Terceira Idade (UNATI), ciente do nosso projeto, o “Nós Propomos!”<sup>2</sup>, para trabalharmos com os estudantes a história da Praça. Aceitamos o convite e elaboramos um circuito para o estudo da Praça EVS a partir dos monumentos. Realizamos também ações com estudantes de dois colégios estaduais de Francisco Beltrão: Colégio Estadual Industrial (CEI), no dia 7 de agosto de 2019 e Colégio Estadual Dr Eduardo Virmond Suplicy (CES), no dia 10 de outubro de 2019. Para desenvolver as ações com o 8ºA do CEI, contamos com a colaboração do Projeto “Nós Propomos!”. Essa ação repercutiu no JB (Anexo I), devido a isso, fomos convidados a abordar a prática com estudantes do 7º D do CES (Anexo II). O CEI foi convidado para participar da prática, enquanto os outros solicitaram.

Responderam aos questionários, 23 estudantes e duas professoras do CEI e 24 estudantes e um professor do CES. Da UNATI, responderam oito estudantes e uma professora. Estes fazem parte do total de sujeitos questionados. Realizamos registros fotográficos da Praça durante os questionamentos e desenvolvimento das ações com

---

<sup>2</sup> Projeto Realizado pela UNIOESTE/FB em parceria com IGOT/UL/PT que se constitui em ações educativas para trabalhar a cidade. O projeto visa a elaboração de ações para trabalhar aspectos relacionados a identificação do lugar pela mobilização de estudantes e professores, que realizaram a identificação de problemáticas neste espaço. (IGOT, 2020).

estudantes. Também, consulta aos registros históricos em documentos arquivados no Espaço da Arte de Francisco Beltrão.

Foram colaboradores no trabalho de campo, para coleta de dados em entrevistas, e nas ações educativas, os pesquisadores do grupo Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativas (RETLEE) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Organizamos este texto de forma a respeitar a sucessão dos acontecimentos, que iniciam na origem da Praça, no contexto universal e no processo que nos permite compreendê-la enquanto território, objeto de estudo e de pesquisa local.

O primeiro capítulo aborda o surgimento do fenômeno praça no contexto universal e a relação com o surgimento das praças nas cidades brasileiras. Estes espaços desempenham, conforme Mumford (1982), um meio de estudo sobre o surgimento e estruturação das primeiras cidades. Sendo que é a Ágora grega que balisa as modificações ocorridas no espaço público. Weimer (2012) explica a organização, das aldeias indígenas, que caracteriza a estrutura da praça brasileira. Caldeira (2007) faz uma retrospectiva da função que a praça desempenhou no decorrer do processo histórico. Sennett (1995) descreve que a crise entre espaço público e privado está relacionada ao comportamento do sujeito, nas estruturas sociais. Borges (2008) retrata o surgimento do parque infantil nas praças. Já, Bakhtin (1999), descreve o papel que a praça desempenhou na Idade Moderna, quando foi palco da expressão popular. Santos (2017) analisa a natureza do espaço, relaciona os fatores tempo, espaço e grupo para descrever a praça transformada e modificada.

O segundo capítulo percorre a história do município na Praça EVS e pelos acontecimentos que ocorreram de 1969 a 2009. Além da prática realizada com a UNATI. Silva (2010) foi importante na contextualização da Revolta dos Posseiros, uma vez que foi uma disputa de terras que influenciou na construção da Praça. Battisti (2006) contribui com questões relacionadas a Clevelândia Industrial Territorial Limitada (CITLA), Companhia que participou na disputa das terras durante a Revolta dos Posseiros, e ainda, sobre o movimento dos suinocultores que ocorreu na praça. Galvão (2009) traz aspectos sobre o início da construção da Praça. Poli (2009) trouxe argumentos sobre a atuação do Grupo Executivo para Terras do Sudoeste do Paraná (GETSOP) na regularização dos terrenos da cidade e da Praça. Lazier (2004) contribuiu com o debate da importância da cultura da erva mate no município, uma vez que na Praça há diversos monumentos sendo um que faz referência este fato: o monumento da cuia. Silva (2013) levanta o fenômeno

da prostituição e a praça é um dos locais de encontro. Marchette (2016) descreve a educação patrimonial que caracteriza a prática educativa.

O terceiro capítulo busca analisar a função da Praça, por meio da análise das entrevistas com os transitantes, feirantes e comerciantes. Traçamos o perfil dos usuários, referente a idade, gênero e localidade. O modo e a importância deste local, o que mais apreciam e o que problematizam. Apresentamos a prática educativa na Praça EVS. Para Gomes (2013) a relação dos elementos do espaço, sobre o que é visto, como é visto e porque é visto. Ainda, como o sujeito forma a imagem sobre o lugar, ou seja, a compreensão das imagens que são capturadas pelos olhares dos usuários. Harvey (2014) enfatiza a inclusão, quando se refere ao direito à cidade, no sentido de que grupos sociais são excluídos. Entretanto, possuem o direito ao espaço público. Santos (2008; 2014) caracteriza o espaço em lugar, paisagem e natureza e debate sobre a importância da educação na formação cidadã. Callai (2004, 2016) enfatiza o estudo do lugar na sua concretude. Claudino (2019) argumenta o envolvimento dos sujeitos nas decisões públicas.

Ao buscamos desvelar a Praça como lugar com função e forma, ela é identificada no contexto histórico, cuja existência é marcada pelas mudanças sociais e econômicas da cidade, do município e da região. Ou seja, ela representa as histórias e as contradições de uma sociedade que se constitui, organiza e por assim vive.

A Praça é um território que possui existência garantida por lei e por sua função social, cultural, turística e econômica. Por exemplo, o local da feira, dos comércios, do parque infantil, dentre outros, promovem movimentação e a mantém frequentada. Mas o uso cultural e educativo são mantidos por eventos promovidos por instituições.

Praça é um lugar simbólico de identidade do município. Resguarda monumentos que registram a história e a movimentação de grupos sociais hegemônicos. Entretanto, tem significado pouco conhecido por quem a vê, pois sua função está relacionada somente ao lazer. As ações educativas promovem a mudança no olhar, pois os estudantes passaram a percebê-la como lugar histórico e social.

## I – SURGIMENTO DA PRAÇA PARA SOCIABILIDADE



Fonte: WEIMER, 2012, p.46.

## **1.1 Espaço e tempo na formação das praças**

Neste capítulo tratamos sobre a história das praças, no que concerne ao surgimento e às modificações destes espaços. Caldeira (2007) apresenta contribuições sobre a função das praças no tempo. Mumford (1982) trabalha com o surgimento e estruturação das primeiras cidades, considerada Ágora – termo primórdio para denominar a praça – também com base nas suas modificações. Weimer (2012) caracteriza a estrutura das aldeias, conforme a forma e a função da praça indígena. Sennett (1995) descreve o comportamento dos sujeitos nas estruturas sociais, associado ao uso do espaço público. Também em Bakhtin (1999) que descreve a praça na Idade Moderna como palco da expressão popular.

A função da praça é cronológica, modificada com os avanços históricos- sociais. Apresentamos, a seguir, uma linha do tempo sobre a função desempenhada na praça em cada período.

Quadro 01 – Linha do tempo das praças

ANTIGUIDADE	IDADE MÉDIA	IDADE MODERNA	IDADE CONTEMPORÂNEA
Séc. I	Séc. V	Séc. XV	Séc. XVIII
<p><b>SURGIMENTO PRAÇA GREGA:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Político: debates políticos, julgamentos e execuções</li> <li>• Lazer: jogos e dança</li> </ul>	<p><b>Civilizações</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho: mercado</li> <li>• Político: cerimônias, necessidades militares e anúncios de Leis.</li> <li>• Lazer: esporte e festas populares</li> </ul> <p><b>SURGIMENTO PRAÇA INDÍGENA BRASILEIRA:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho: divisão dos afazeres da aldeia</li> <li>• Cultura e lazer: cerimônias e rituais</li> <li>• Político: encontro cívico, noções de justiça e conselho de anciãos</li> </ul> <p><b>SURGIMENTO PRAÇA PORTUGUESA:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação espontânea: espaços vazios nas periferias das muralhas</li> </ul>	<p><b>Civilizações</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho</li> <li>• Político: julgamentos e execuções e anúncios de guerra</li> <li>• Lazer: tablados, teatros, bailes, procissões carnavalescas, encontro de conhecidos e desconhecidos</li> <li>• Expressão popular: discursos de liberdade</li> <li>• Reformas: ordem na praça</li> </ul> <p><b>Praça Portuguesa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação formal: reformas de valorização estética e simbólica</li> <li>• Cultura: eventos</li> <li>• Poder do Estado</li> </ul> <p><b>SURGIMENTO PRAÇA BRASILEIRA:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho: mercado</li> <li>• Poder português: estado e religião</li> </ul>	<p><b>Civilizações</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desequilíbrio privado e público: esvaziamento da praça</li> <li>• Ponto de referência: passagem</li> </ul> <p><b>Praça Portuguesa:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reformas: formato rígido, no centro da cidade</li> <li>• Poder do Estado</li> </ul> <p><b>Praça Brasileira:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reformas: cartas régias e autos de fundação, cidades planejadas</li> <li>• Praças ajardinadas</li> <li>• Lazer: a revitalização dos espaços públicos resgata a função de sociabilidade da praça</li> </ul>

Elaborado: Autoria própria.

As primeiras praças surgiram na Grécia, como locais de encontro para debates políticos. No território brasileiro a praça surgiu nas aldeias indígenas. A praça brasileira tem características híbridas da indígena e da praça portuguesa, resultado da interferência dos colonizadores. Na Idade Moderna houve a estruturação formal da praça portuguesa e com a colonização também se formavam as praças em território brasileiro. Estas assumiram características próprias do território, onde se instalavam, mas comuns por reproduzirem os costumes indígena e português. A função se modificou nos períodos históricos, mas o lazer permaneceu, desde a sua constituição. Os julgamentos perduraram até a Idade Moderna. Na Idade Contemporânea, este território passa a desempenhar função política, pela demonstração do poder do Estado e pela prática de eventos com caráter social.

A função desse espaço é transitória, pois depende do uso social e das modificações na sua forma. Neste movimento, o tempo é elemento essencial e se distingue pelas formas de fazer, das técnicas, da adaptação do objeto ao uso, conforme as necessidades, ações e comando do homem. (SANTOS, 2017).

O tempo modifica as técnicas e com isso: “[...] tempo e espaço são uma só coisa, metamorfoseando-se um no outro, em todas as circunstâncias”. (SANTOS, 2017, p.53). O tempo vivido pelos homens difere nos lugares, existe tempo rápido e o lento em relação ao rápido. (SANTOS, 2017).

A história do espaço pode ser dividida em meio natural, meio técnico e meio técnico-científico-informacional. O meio natural antecede o meio técnico, pois se caracteriza pela ausência da técnica. Esta que surge pela influência dos grupos sociais no meio, portanto, o uso do meio natural caracteriza a passagem para meio técnico. O meio técnico é caracterizado pela mecanização, os objetos passam a ser culturais e técnicos ao mesmo tempo. O espaço é formado pelo natural e artificial em constante modificação, de substituição dos objetos naturais e culturais pelos técnicos. O meio técnico-científico-informacional é requalificado, principalmente, para os grupos hegemônicos, surge da união da técnica e da ciência para o mercado. Mediante a técnica e a ciência o mercado se torna global e informativo. No sentido de que a informação rege o funcionamento dos objetos técnicos, eles são técnicos e informacionais. (SANTOS, 2017).

O espaço de uma praça é transformado no tempo, por ser a natureza historicizada, mas como meio modificado para o uso dos grupos sociais, assim se tornou em meio técnico-científico-informacional. (SANTOS, 2017).

A base da existência material dos grupos se deu quando o homem utilizou o meio natural escolhendo o que lhe interessava para viver. A valorização do espaço foi

diferenciada nos lugares, conforme a cultura, fato que se diferencia pela função da praça, conforme as civilizações, mesmo que cada lugar possua sua função específica, suas relações são globais. (SANTOS, 2017).

Os lugares possuem suas especificidades, devido ao sistema de objetos criados e aos existentes, que desempenham usos que definem as funções. Objeto é tudo o que está na superfície da Terra, incluindo a herança natural, os resultados das transformações do homem. Portanto, é aquilo que se cria na exterioridade do homem como instrumento material para suas ações. (SANTOS, 2017).

Os objetos são organizados em sistemas, o seu uso está relacionado às necessidades temporais dos grupos humanos.

A ação não se dá sem que haja um objeto; e, quando exercida, acaba por se definir como ação e por redefinir o objeto. Por isso os eventos estão no próprio cerne da interpretação geográfica dos fenômenos sociais. (SANTOS, 2017, p. 95).

A ação humana e a função do objeto estão em relação de dependência. Para descrever um objeto é necessário descrever o sistema de práticas sobre ele. A funcionalidade do objeto não se define por si só, mas pelo conjunto das ações sobre o objeto. (SANTOS, 2017).

O objeto existe funcionando em um sistema e o próprio objeto é um sistema. A praça é um exemplo, que não existiria sem a dinâmica própria de organização interna, do acesso pelas vias, dos objetos utilizados por quem visita, da localização na malha urbana, dos eventos de mobilização social e cultural que promovem a sua visibilidade.

O patrimônio técnico envelhece rapidamente, devido à competitividade econômica, isto leva ao uso acelerado substitutivo, que criam novos usos por novas técnicas. Isso provoca o envelhecimento de lugares, que se tornam incapazes ou insuficientes de munir novos usos. A competitividade econômica é o fator de aceleração da modernização de certos espaços, na cidade. Os recursos sociais são usados irracionalmente, começando pelos coletivos. A globalização provoca a rapidez neste processo de irracionalidade de uso dos objetos. (SANTOS, 2017).

O lugar é um espaço compartilhado por diversas pessoas, grupos, instituições, entre colaboração e conflito. A interdependência é a práxis territorial, onde cada sujeito desempenha um papel específico, como base na junção das partes que formam um conjunto. E essas ações são efeitos de comandos, mas também de manifestações espontâneas e criativas.

Santos (2017) diz que o evento é uma manifestação física do tempo histórico, algo que acontece em determinado local, mas interligado a outros lugares da superfície da Terra, cada um novo e específico. Diferenciado pelas técnicas que convergem naquele determinado momento. (SANTOS, 2017).

As condições estruturais que o espaço dispõe, como lazer, exercício da política, comunicação, expressão cultural, produção, são o que o caracteriza e destaca. A identidade do lugar é definida pelo tempo horizontal e vertical, e ainda pelas relações entre os grupos e o meio. (SANTOS, 2017).

Os grupos podem atribuir técnicas a outros grupos.

Ao longo da história, as trocas entre grupos e, sobretudo, as desiguais, acabam por impor a certos grupos as técnicas de outros. Entre aceitação dócil ou reticente, entre imposição brutal ou dissimulada, a escolha é, entretanto, inevitável. É assim que conjuntos inteiros ou pedaços de técnicas se incorporam a outros pedaços mudando-lhes os antigos equilíbrios e acrescentando elementos externos às histórias até então autônomas. (SANTOS, 2017, p. 190).

É o que acontece quando uma civilização se apropria de um espaço que já tem uma característica cultural e produz um espaço novo. A exemplo, a praça brasileira que foi formada pela modificação da praça indígena pelos portugueses.

O espaço geográfico condiciona a vida social, se modifica e se transforma, por isso é um misto, híbrido. Formado por padrões morfológicos e funcionais de mudança da forma, acompanhada da função. Objetos podem se manter no tempo com funções modificadas e novos podem ser criados para atender às novas funções, em novos arranjos. O sistema de objetos acompanha o surgimento de novas técnicas. (SANTOS, 2017).

A totalidade está em constante processo de totalização, que define a paisagem e está em constante modificação no espaço. Pois cada nova totalização atribui um novo conteúdo ao espaço e novos grupos. (SANTOS, 2017).

O valor funcional de um objeto é definido pelo conjunto social e pela realidade que pertence, que se modifica no tempo, pois a sociedade se apropria do espaço e dos seus processos que dão a forma à vida, representada pelas ações e usos, no tempo e no espaço. A seguir delineamos os processos de formação da praça conforme a linha do tempo.

## 1.2 A origem das praças no tempo e pelas civilizações

A formação da praça tem relação com a estruturação das primeiras cidades. Por isso as modificações do espaço nos sistemas grupais se dão com o tempo. Os primórdios do que denominamos de praça, surgiu na Grécia no século V a.C em forma de *Ágora*<sup>48</sup>. Local de encontros cívicos, para cidadãos livres, excluindo mulheres e escravos, que se reuniam para debates. Era um pátio aberto rodeado por edifícios públicos e administrativos, como o *bouleuterion*, sala do conselho da cidade e a *prytaneion*, câmara privada, para os chefes oficiais do magistrado, onde guardavam documentos antigos referentes às questões políticas e civis. Em um dos lados funcionava a *Stoa* uma espécie de mercado com construção em pórticos<sup>49</sup>. (MUMFORD, 1982).

Assim como a *Ágora Grega*, o *Fórum Romano*<sup>50</sup> também desempenhou papel importante na vida da *urbs*<sup>51</sup>. Neste local aconteciam as atividades do mercado, se realizavam encontros políticos, cultos e disputas atléticas. Entretanto, se diferenciava da *Ágora* por ser um espaço vinculado ao Imperador e à sua representação política. O *Fórum Romano* estava ligado à toponímia do espaço, uma vez que recebia o nome do seu fundador. Já o espaço da *Ágora Grega* era independente da imagem do governante. (CALDEIRA, 2007).

A *Ágora* tinha um formato irregular, sendo de propriedade pública. No centro dela se encontravam barracas cobertas provisoriamente, utilizadas no dia de feira. O camponês feirante usava esse espaço para expôr seus produtos e realizar a troca por outras mercadorias. (MUMFORD, 1982).

A *Ágora* despertava sentimento de liberdade, igualdade e fraternidade nos sujeitos frequentadores, uma vez que era um espaço público de socialização. Neste espaço os cidadãos se encontravam, observavam e desempenhavam atividades mercantis de troca. Ela desempenhou um papel importante na vida social da cidade. (CALDEIRA, 2007).

---

<sup>48</sup> A *Ágora* foi retratada na *Ilíada*, como o espaço onde a comunidade se encontrava para decidir as execuções dos assassinos. Havia um círculo demarcado por pedras polidas, onde os mais velhos sentavam e davam a sua decisão sobre as execuções. Neste sentido, a *Ágora* era o espaço onde se restabelecia o equilíbrio social da parcela da sociedade que andava fora da lei. O espaço do encontro era sob uma árvore sagrada ou junto de uma fonte, no qual também ocorriam os jogos de aldeias e as danças. (MUMFORD, 1982).

<sup>49</sup> Espaço coberto cujo teto está amparado por colunas ou pilares e que pode ser usado como entrada ou vestíbulo. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2018).

<sup>50</sup> O *Fórum Romano* era o espaço da vida pública em Roma, onde se localizava os principais edifícios do poder público e templos. Por incluir essas estruturas era considerado como um espaço de visita e contemplação. (CALDEIRA, 2007).

<sup>51</sup> O termo *urbs* e *urbis* era utilizado na antiguidade para definir o espaço urbano da cidade que se diferenciava do espaço do campo rural. (CALDEIRA, 2007).

Porém, a partir do século VII a. C., com a introdução de moedas como meio de troca comercial as atividades econômicas, na *Ágora* começaram a se expandir. As pessoas começam a utilizar o espaço com fins comerciais em busca de riquezas, sob a ilusão de que se tornariam tão ricas quanto o rei da época<sup>52</sup>. Em Atenas essa enorme pressão sobre a *Ágora* fez com que a Assembleia Popular<sup>53</sup>, que necessitava de um espaço maior, trocasse a *Ágora* pelo monte Pnix. (MUMFORD, 1982).

No século XIV a vida pública começou a ser concebida como uma obrigação formal. Pois tudo que era oficial, como cerimônias, anúncios de leis, necessidades militares do imperialismo, contratos rituais com outros romanos, ocorriam nos espaços públicos (SENNETT, 1995). Para além dos eventos oficiais, na praça, a sociedade interagiu por meio das festividades populares. (CALDEIRA, 2007).

Os esportes persistiram na praça, os torneios de cavalaria, que eram praticados no final da Idade Média, na Europa setentrional, seguiram até o século XVII com as exposições militares. (MUMFORD, 1982).

A praça na Idade Média abrigou o mercado, onde produtos passavam de mão entre vendedores e compradores, que se submetiam às mesmas normas morais. Ali os sujeitos prezavam pela segurança, equidade, estabilidade ao invés do lucro. (MUMFORD, 1982).

A praça no final da Idade Média e no Renascimento agregava discursos de liberdade e franqueza do povo, por meio das interpretações em altos brados e dos espetáculos organizados. Naquele local a palavra do povo tinha sentido e significado, por isso neste período, passou a ser um lugar de encontros não oficiais<sup>54</sup>. (BAKHTIN, 1999).

Segundo François Rebelaís, escritor francês que estudou o vocabulário dos sujeitos, na praça, no período do Renascimento, era espaço da cultura popular, possuía uma linguagem própria, que ele chamou de “vozes da praça pública”. Pois a linguagem que se ouvia era diferenciada daquela da Igreja, da corte, dos tribunais ou da literatura oficial. (BAKHTIN, 1999).

A praça pública era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de “extraterritorialidade” no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo aí tinha sempre a última palavra. Claro, esses aspectos só se revelavam inteiramente nos dias de festa. Os

---

<sup>52</sup> Rei Lídio Cresos.

<sup>53</sup> Assembleia aberta a homens acima de 21 anos que haviam prestado pelo menos dois anos de serviço militar e que fossem naturais de Atenas. A assembleia era responsável por fiscalizar os sujeitos que atuavam no poder, destituindo caso fosse necessário. Também atuava no poder legislativo, judiciário e executivo. (WIKIPÉDIA, 2017).

<sup>54</sup> O termo não-oficial neste caso representa as atitudes do povo frente ao espaço, que eram espontâneas e livres das Instituições da época (Igreja, Corte, Instituições públicas). (BAKHTIN, 1999).

períodos de feira, que coincidiam com estes últimos e duravam habitualmente muito tempo, tinham uma importância especial. (BAKHTIN, 1999, p. 132).

Rebelais era um grande observador da feira da praça, para Bakhtin (1999) a citação faz referência à feira de Lyon na França, que ocorria por quinze dias, quatro vezes ao ano. Nesta feira o ambiente era carnavalesco, de grande alegria e festividade, onde se ouvia risos e muitos jargões<sup>55</sup>.

Na praça também aconteciam comédias de rua, erguiam palcos no espaço central e o povo se acomodava em volta. Ainda, as folias estudantis por meio de bailes e procissões carnavalescas. Era o espaço da coletividade, onde dominava a alegria e festividade popular. Espaço da feira onde, por vezes, se confundia os papéis dos sujeitos atuantes, os camelôs que vendiam as drogas<sup>56</sup> podiam ser confundidos com comediantes, o discurso dos charlatões da feira parecia ao dos vendedores de romance. (BAKHTIN, 1999).

A praça era o espaço onde a população, constituída por atores, estudantes, comerciantes, entre tantos, tinham voz. Ali a linguagem comum era a expressão de liberdade do povo. O espaço da praça se tornou importante no sentido de vir a expressar um sentimento de igualdade, onde o inferior e superior o sagrado e o profano ocupavam o mesmo lugar. Os mensageiros anunciavam à população o início e o fim da guerra. (BAKHTIN, 1999).

Mas para além do significado de sociabilidade, a praça apresentava características de local que exhibe o poder da lei. Eram comuns os julgamentos e execuções públicas (CALDEIRA, 2007). No período do Renascimento o ambiente urbano se torna objeto de estudo. As praças, ruas e avenidas passam a ser o principal foco de transformações e reformas. O surgimento da burguesia admite novas atitudes frente ao espaço público, além dos Tratados de Arquitetura e Urbanismo e ao modelo de desenvolvimento de cidade ideal, que passa a valorizar a estética urbana<sup>57</sup>. A praça adquire organização com vistas à ordem e à disciplina e sua função é elemento estruturante do espaço urbano, assumindo, portanto, uma simetria rigorosa. (CALDEIRA, 2007).

---

<sup>55</sup> Jargões são palavras usadas para definições que são utilizadas comumente na casa das famílias.

<sup>56</sup> Remédios farmacêuticos.

<sup>57</sup> Cabe ressaltar que a praça sofreu mudanças devido alguns Tratados. Dentre eles o de Antônio Filarete que foi o primeiro a divulgar um plano de cidade ideal. Francesco di Giorgino Martini enfatizou a importância da praça central da cidade que ele chamou de poligonal fortificada. Pietro Cataneo, Bounaiutto Lorini e Vasari planejaram as praças que se situam no encontro das ruas principais das cidades, que atualmente estão desenhadas em praças de cidades como Grammichele, Washington\ D.C e Belo Horizonte. (CALDEIRA, 2007).

No Renascimento o sentido de público assumiu uma característica coletiva, à vida dos sujeitos, ocorre nos ambientes exteriores ao lar. “Público significava aberto à observação de qualquer pessoa, enquanto privado significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos”. (SENNETT, 1995, p. 30).

Neste período a Revolução Industrial provocou mudanças no espaço físico e nas relações familiares. Surge um local na praça para as crianças. Em períodos passados a criança era desvalorizada, não possuía papel definido na família. Quando a criança adquiria habilidades a tratavam como um jovem adulto independente e a inseriam no ambiente de trabalho. A importância estava na sobrevivência, por isso a afetividade era negada à criança. (BORGES, 2008).

Com a Revolução Industrial a criança ganha destaque, muda de posição e o desenvolvimento educacional é valorizado, de personagem secundário, a criança passa a ser o centro da família. O movimento de valorização do trabalhador, explorado física e psicologicamente, foi responsável pelo pensamento dos direitos humanos, bem como na produção de espaços para lazer para adultos e crianças. (BORGES, 2008).

Os projetos de reforma dos espaços urbanos, para o lazer, inseriram o parque infantil como forma de tirar as crianças das ruas, entretanto houve outras intenções nestas ações.

A criança, por sua vez, é uma das mais prejudicadas com as transformações urbanas, e é ela quem motivará as ações dos reformadores, que viam nas ruas um ambiente nocivo criador de maus hábitos e de tendências anti-sociais. A rua, antiga extensão natural da casa e cenário de brincadeiras, é vista agora como ameaçadora e como um ambiente proliferador de maus hábitos e criminalidade. Não se pensava na segurança da criança contra outros criminosos, mas de que ela mesma se tornasse criminosa por estar às soltas na rua. (BORGES, 2008, p. 35).

O primeiro parque infantil surgiu na Alemanha, ao final do século XIX, depois espalhou-se pela Europa e América, com a ideia do lúdico como influenciador positivo das emoções. O termo *playground* surge em 1868, como espaço de prática de esportes, primeiramente, implantados em jardins de escolas. Em 1885 são incorporados brinquedos aos *playgrounds*, resultado de uma pesquisa da médica norte-americana Dr<sup>a</sup> Marie Zakesewska, que observara os parques em Berlin. Então o *playground* é implantado em parques urbanos com objetivos pedagógicos e sociais, visando a retirada das crianças das ruas, com intuito educativo. (BORGES, 2008).

O público se tornou o espaço de contato dos diversos grupos sociais, conhecidos e estranhos se reuniam, pois aglomerava uma grande quantidade de pessoas (SENNETT, 1995). Ao mesmo tempo, que o espaço público se torna o espaço da sociabilidade de pessoas desconhecidas, exigiu determinado comportamento, referente a quem sociabilizava nestes espaços.

A linha divisória entre vida privada e vida pública constituía essencialmente um terreno onde as exigências de civilidade – encaradas pelo comportamento público, cosmopolita – eram confrontadas com as exigências da natureza – encarnadas pela família. Os cidadãos viam conflito entre essas exigências; e a complexidade dessa visão residia no fato de que se recusavam a preferir uma em detrimento da outra, mantendo ambas em um estado de equilíbrio. Comportavam-se com estranhos de um modo emocionalmente satisfatório, e no entanto permanecer-se á parte deles, era considerado em meados do século XVIII como um meio através do qual o animal humano transformava-se em ser social. (SENNETT, 1995, p. 33).

A socialização no espaço público visou trazer experiências de vida aos sujeitos e, esse fator, colaborou na formação da personalidade do ser social. Esta visão de socialização como experiência individual aparece com o conceito de sujeito cosmopolita, aquele que transitava em meio à diversidade de pessoas, despreocupado em seguir um determinado comportamento, imposto pela família. Por isso, público adquire o significado do que se passa fora do ambiente do lar. (SENNETT, 1995).

Na metade do século XVIII, o sentido de espaço público se altera devido ao desequilíbrio entre a esfera pública e privada. Isso ocorre pela atenuação na visitação dos burgueses nestes espaços<sup>58</sup>, que começam a frequentar locais como cafés, *boulevards* e jardins. Portanto, houve o fenômeno de esvaziamento dos espaços públicos, atrelado ao enfraquecimento do seu valor simbólico. Ao mesmo tempo que se abriam os parques urbanos como espaços para passeios, encontros, cafés, restaurantes, teatro e óperas com venda aberta de entradas<sup>59</sup>. Esse fator incentivou o decréscimo no movimento dos espaços públicos em direção ao crescimento na visitação em espaços privados, impulsionado pelo aumento da burguesia. (SENNETT, 1995).

Nos países latinos o que chamam de *plaza*, *campo*, *piazza*, *grand-place* teve suas origens na *Ágora*. Espaço aberto que englobava em suas redondezas os cafés e

---

<sup>58</sup> No século XVIII Londres e Paris constituíam-se majoritariamente por burgueses. (SENNETT, 1995).

<sup>59</sup> O teatro e a ópera nessa época abrem para o público no geral, uma vez que anteriormente, patrocinadores aristocratas distribuíam as entradas a somente quem lhe interessavam. (SENNETT, 1995).

restaurantes colaboraram nos encontros, conversas e discussões cara a cara. (MUMFORD, 1982).

No século XIX, houve divisão de domínio imoral de gênero sobre os espaços públicos. Para as mulheres o espaço público era o local da desgraça onde poderiam perder a virtude. Para o homem este espaço representava a liberdade, pois ali poderia se desligar da repressão e autoridade que estava associada à sua figura como pai e marido, no lar. (SENNETT, 1995).

A estrutura da praça modificou conforme a cidade acompanhou o avanço tecnológico, sucedido pelo desenvolvimento industrial. Espaços urbanos como as ruas foram organizadas de forma a propiciar o fluxo contínuo e, a praça, conseqüentemente adquire função de espaço de passagem. (CALDEIRA, 2007).

O tráfego de automóveis reduziu os espaços públicos a espaços de passagem de pedestres, e ainda para estacionamentos. O sujeito no período do desenvolvimento industrial prezava pela agilidade e por isso perdeu a atração pelo espaço público. Atração que permite a este permanecer, usufruir do lazer e bem estar que o ambiente proporciona. (MUMFORD, 1982).

Na França, a abertura dos *bulevares* de Paris reduziu os espaços arborizados das vias e canais por estacionamentos. Esse processo ficou conhecido de religião dos automóveis, espaços destinados ao usufruto dos sujeitos são consumidos por automóveis. (MUMFORD, 1982).

O advento da revolução tecnológica enfraqueceu a função da praça como local destinado à sociabilidade. A estrutura da praça foi modificada e adquire novas tendências arquitetônicas que facilitam o fluxo de pessoas por entre seu espaço. (CALDEIRA, 2007). Ocorreu a deformação da função do público como espaço da experimentação e sociabilidade para passagem. (MUMFORD, 1982).

Conforme Sennett (1995), no século XIX, houve a chamada crise da vida pública, caracterizada pelo isolamento e desligamento do sujeito do espaço público. Isto ocorreu devido dois fatores, um deles se refere às estruturas privadas e outro relacionado à experiência pública na formação da personalidade. As estruturas privadas inibiram o sentimento de relação do sujeito com o espaço social que está inserido. Este fator caracterizou a negação da vida pública, provocada, principalmente, pela priorização da vida particular associada à sagacidade do cotidiano. Acreditavam que o sujeito formaria a personalidade por meio da interação com o meio, que está associada à formação do homem cosmopolita. Portanto, o receio dos sujeitos ao contato com a vida pública colaborou no seu isolamento. (SENNETT, 1995).

No século XX, a função da praça como um espaço vazio é reforçada, decorrente da implantação de planos viários e complexos sistemas de circulação urbana. O plano térreo do transporte perde sua característica, pois a tecnologia permite explorar espaços subterrâneos e aéreos. A praça se caracteriza como um enorme espaço vazio entre o barulho dos automóveis e a vida fora dela. (CALDEIRA, 2007).

A praça ficou legada à escala monumental devido ao seu esvaziamento, porém, com a mudança nas políticas de intervenção urbana, o espaço público retoma a sua ênfase. Neste sentido, ocorreu resgate da qualidade dos espaços públicos, expressado em ações de intervenção sobre espaços centrais, históricos e espaços reabilitados de pequenas praças. (CALDEIRA, 2007).

Portanto, a partir destas intervenções, das políticas urbanas, expressas por meio dos processos de revitalização dos espaços públicos, buscam resgatar e readmitir valores simbólicos espaciais e a praça assume função de espaço da coletividade. A partir daí, funciona como ambiente da sociabilidade, onde ocorre a recreação, a convivência de pessoas que procuram finalidade econômica, cultural, política e social. (CALDEIRA, 2007).

A praça adquiriu diversas funções no decorrer do tempo histórico, aliada ao desenvolvimento da tecnologia e da mudança nos costumes da população. Assim, a função de público está intimamente relacionada ao seu uso pela sociedade. Para compreendermos em que contexto surgiu a praça brasileira e qual a sua função no tempo, é necessário compreender o surgimento e a influência da praça indígena e portuguesa.

### **1.3 As praças indígenas brasileiras**

A praça brasileira surgiu da transformação do espaço coletivo dos indígenas pela apropriação dos portugueses e sua influência cultural arquitetônica. Para delinear este processo, precisamos enfatizar a origem pelos indígenas brasileiros e a organização das aldeias que implicaram no formato da praça. Os indígenas são os povos primitivos do território brasileiro, por isso a maior atribuição e ênfase na formação dos espaços coletivos ser desta cultura, em relação à portuguesa.

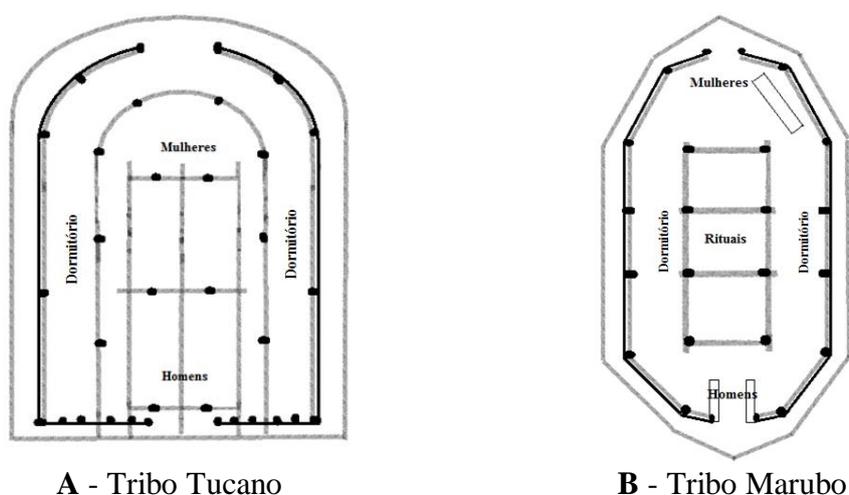
Sabemos pouco acerca da origem indígena no Brasil, em que período e como chegaram ao território brasileiro. Mas, provavelmente, há 12 mil anos houve uma migração do nordeste da Ásia para o norte e sul do continente americano e também na entrada pelo estreito de Bering. (CUNHA, 2012).

Na Idade Média entre os séculos VII e IX ocorreu a estruturação e a diferenciação linguística e social dos indígenas. Esta diferenciação gerou os troncos indígenas<sup>60</sup> Macro-Jê e Macro-Tupi e deu origem as nações Tupi e Guarani. O processo de estruturação destas tribos deu origem à praça indígena, a localização e o formato estão relacionados à organização das habitações de cada cultura. (CUNHA, 2012).

A organização dos assentamentos indígenas seguiu de duas formas: a) pela habitação unitária<sup>61</sup>: que reúne em uma construção todas as famílias e, b) e pela organização mais comum: a aldeia se divide em diversas construções, que são independentes uma das outras. (WEIMER, 2012).

Os povos *tupis* se organizavam em habitação unitária. Eles eram nômades e se aglomeravam em núcleos distribuídos, formando as aldeias, com costumes próprios (CALDEIRA, 2007). A seguir, uma representação da organização da casa unitária nas tribos tucano e marubo.

**Figura 01** – Imagens da planta casa-aldeia tucano e marubo.



Fonte: WEIMER, 2012.  
Adaptado: Autora, 2019.

Na casa-aldeia tucano (Imagem A), o espaço destinado ao dormitório é dividido por família, conforme o *status* que ocupa na comunidade. A parte central apresenta uma divisão referente ao gênero, homens ocupam a parte da frente da casa e as mulheres a parte dos fundos. Esta tribo habita, ainda hoje, o Alto Solimões, no Amazonas. A casa-

<sup>60</sup> Os troncos indígenas levam em consideração a origem das famílias linguísticas indígenas para realizar a separação dos grupos Macro-Jê e Macro-Tupi. (FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2011).

<sup>61</sup> Também chamada de casa-aldeia, casa-tribo, casa-grande. (WEIMER, 2012).

aldeia dos marubos (Imagem B), habitantes da fronteira Brasil e Colômbia, possui duas portas nas extremidades do seu formato. Podemos observar uma imagem do exterior desta habitação a seguir.

**Figura 02** – Casa unitária marubo.



Fonte: WEIMER, 2012

Homens e meninos fazem suas refeições em bancos na entrada, já as mulheres em um corredor logo após os bancos. Os dormitórios são divididos por famílias e neles ficam os pertences como: redes, cerâmicas, fogão e apetrechos de cozinha. Além da casa-aldeia circundam construções menores, nas quais os marubos distribuem funcionalidades. (WEIMER, 2012).

Nas casa-aldeia tucano e marubo há um espaço central, compartilhado por todos e que é destinado às práticas rituais. O formato da estrutura é peculiar, pois indica uma praça de ambiente fechado, incomum às praças que conhecemos, que estão em espaços abertos, ao ar livre.

Os ianomâmis, que habitam a fronteira Brasil e Venezuela, também se organizam em casa unitária. Porém a estrutura no centro da construção se diferencia por possuir uma abertura (WEIMER, 2012). A seguir a imagem da casa unitária ianomâmi:

**Figura 03** – Imagem da casa unitária ianomâmi.



Fonte: WEIMER, 2012.

A casa unitária ianomâmi tem uma estrutura para 50 até um pouco mais de 200 pessoas. Na região central há um pátio com uma abertura, que serve para a saída de fumaça e entrada de luz. Neste espaço os ianomâmis realizam seus rituais. (WEIMER, 2012).

O povo *guarani*, habitantes do Alto Solimões até as bacias do Paraguai e Uruguai, é o mais estudado, dentre as culturas que admitem um formato de aldeia com diversas construções. O espaço central da aldeia se chama *Ocara*. No período pré-colonial o formato era quadrado. Na abrangência exterior da *Ocara* havia quatro construções ortogonais entre si e ordenadas (Figura 4). Por ser um espaço comunitário é considerada uma praça indígena guarani.

A praça central, delimitada por quatro casas-grandes, representava a unidade indissolúvel da tribo, e lá eram realizadas as cerimônias tribais. Em seu centro se reuniam os homens para decidir as atividades que seriam realizadas no dia. Essas atividades consistiam na caça e na pesca, já que lhes competia prover a tribo carne, ou seja, das proteínas. Por vezes, competia-lhes também abrir uma clareira, que servia para a prática da agricultura, de exclusiva competência feminina. As atividades exercidas pelos integrantes de cada sexo eram tabus, o que fazia com que uma parte jamais interferisse nas da outra. (WEIMER, 2012, p. 49).

A praça dos *guaranis* é usada para decisões sobre a divisão do trabalho, onde o aspecto cultural ganha forma por meio das cerimônias. A *Ocara* é vital para a tribo, pois é palco da organização e execução das dinâmicas que mantêm a vida indígena. Muitas aldeias, além das povoadas pelos *guaranis*, ainda mantêm o espaço da *Ocara*, considerado sagrado. A *Ocara* com formato quadrado e com quatro construções está presente nas aldeias *tupi-guaranis*, na Amazônia. Já, o povo Assurini da aldeia Xingu manteve a casa-grande, com a disposição das casas em círculo. (CALDEIRA, 2007).

**Figura 04** – Imagem da representação da aldeia Tupi e Xingu.



**A** - Aldeia Tupi no período pré-colonial

**B** - Aldeia Xingu

Fonte: STADEN, 1998; WIKIPÉDIA, 2007.

Em algumas tribos *guaranis*, essa organização (Imagem A) era duplicada, sendo caracterizada por oito casas, sendo duas de cada lado do quadrado, formando ao centro o pátio. (WEIMER, 2012).

As missões jesuíticas contribuíram com o desaparecimento da casa grande para os *guaranis*. Isto ocorreu devido aos princípios da religião católica, trazida pelos jesuítas que foi contra a maneira coletiva ao qual vivia a família *guarani*, pelo fato de que na casa grande *guarani* as famílias viviam juntas. Os jesuítas, nas aldeias, exigiram que os indígenas se organizassem de maneira que cada família vivesse em uma casa. Este fator levou os *guaranis* a adotarem uma nova forma de vida, que incluiu viver em casas jesuíticas. (CALDEIRA, 2007).

Outro fator que colaborou no desaparecimento da casa grande *guarani* foi a impossibilidade de relacionar alguns fatores necessários para a sua construção. A existência da casa grande está associada à condição de acesso à madeira adequada, bem

como de conhecimentos específicos das técnicas, passadas oralmente de geração em geração e o esforço coletivo<sup>62</sup>. (CALDEIRA, 2007).

As casas nas aldeias indígenas se posicionam formando um espaço central. Este espaço admite formas diferentes dependendo da organização da aldeia.

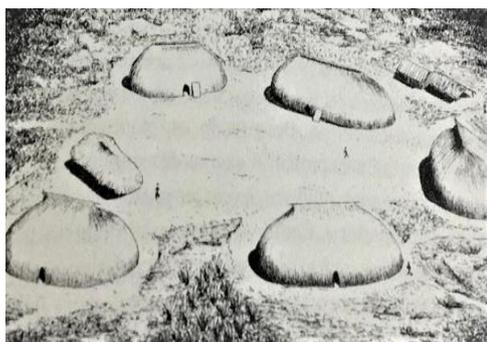
**Figura 05** – Imagens da organização espacial indígena em diferentes aldeias.



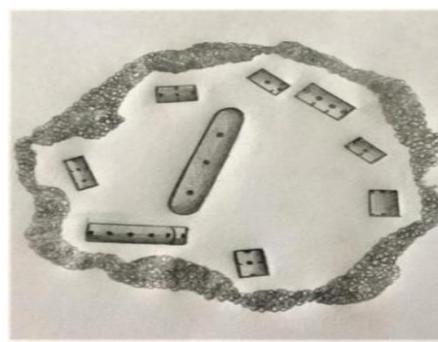
**A** - Aldeia Bororo



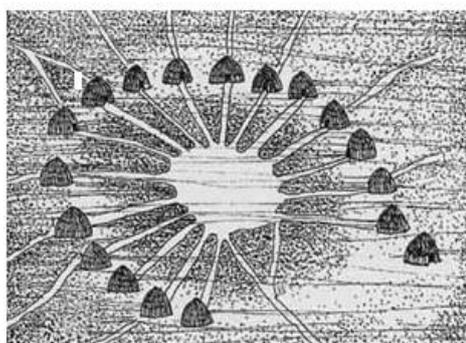
**B** - Aldeia Yawalaiti



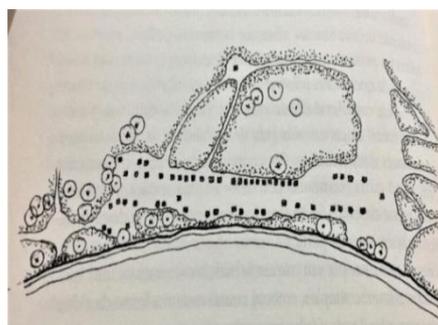
**C** - Aldeia Uaurá



**D** - Aldeia Tapirapé e Tampitauá



**E** - Aldeia Xavante



**F** - Aldeia Carajá

Fonte: CALDEIRA, 2007; WEIMER, 2012.  
Adaptado: Autora, 2019.

<sup>62</sup> Neste esforço coletivo é necessário quarenta homens convocados pelo chefe da tribo para a construção da casa grande guarani. (CALDEIRA, 2007).

As casas-aldeia são organizadas de maneira que o espaço central admita formato circular, exceto dos xavantes e dos Carajás (Imagem E e F), que habitavam o Mato Grosso. As casas-aldeia se organizam em semi-círculos e o espaço central se chamava *warã*. Era onde os homens se reuniam para discutir assuntos da tribo e para realizar rituais (CALDEIRA, 2007). Na tribo dos Carajás (Imagem F), habitantes da margem do rio Araguaia, o espaço central da aldeia tinha formato retangular. As casas eram construídas em duas filas, que acompanhavam a margem do rio, e quantificavam até meia centena de unidades. No período de cheias as casas eram construídas com estrutura sólida. O espaço central possuía 5 metros de largura, por mais de 600 metros de comprimento. (WEIMER, 2012).

Na praça indígena a vida comunitária é praticada.

A existência desse pátio central, ou praça, na ordenação espacial indígena esboça a necessidade que esses habitantes tiveram de hierarquizar seus espaços de convivência, privilegiando espaços de uso coletivo para a celebração de cerimônias e rituais. Na história das civilizações ocidentais, espaços sagrados ou ritualísticos sempre estiveram presentes nos agrupamentos humanos e estavam vinculados a crenças e ritos próprios de cada cultura, resultando em configurações específicas. (CALDEIRA, 2007, p. 64).

O espaço indígena que desempenha o papel da praça se constituiu necessário para a convivência dos sujeitos da tribo. Com significado fortemente cultural, utilizado para ritos e cerimônias. A praça, para eles, é um local sagrado. As aldeias indígenas possuem diferentes espaços como a casa, o oratório, o poço, a via e a praça. Sendo que a casa é o espaço da família, já a praça é para os encontros cívicos, representados nas aldeias pelo conselho de anciãos, organizado pelo chefe da aldeia. Portanto, as noções de governo, direito e justiça se concretizam nesse local. (MUMFORD, 1982).

A praça, nas aldeias indígenas, fica centralizada e tem significado de coletivo, independente da organização da tribo, em casa unitária ou em diversas construções. Importante para a dinâmica da tribo, pois é necessário um ambiente onde os sujeitos se encontram para dar voz e prática às atividades da cultura indígena.

#### **1.4 As praças portuguesas**

Os portugueses construíram as primeiras praças brasileiras organizadas conforme a estrutura atual. Processo conforme as referências do surgimento da praça em território

Português. Por isso, descrevemos a organização da praça portuguesa, na estruturação das vilas e cidades.

A localização estrutural da praça portuguesa está ligada diretamente ao núcleo da cidade, associada a elementos como vias e ruas principais, edifícios institucionais e muralhas. Além dos elementos morfológicos à sua formação, a praça está associada aos aspectos hierárquicos, ao uso e à apropriação da sociedade. (CALDEIRA, 2007).

A praça portuguesa passou por dois processos de formação: a) espontânea no século XIV, quando surgiu, naturalmente nos conglomerados portugueses, em espaços marginais vazios próximos aos portais das muralhas. Por isso, não há modelos a se considerar neste período, pois não havia uma estrutura rigorosamente denominada praça; e, b) formação formal, na Idade Moderna, incentivada pelos movimentos populares e pela implantação de Códigos de Leis e Forais, que exigiam a reestruturação dos espaços urbanos. (CALDEIRA, 2007).

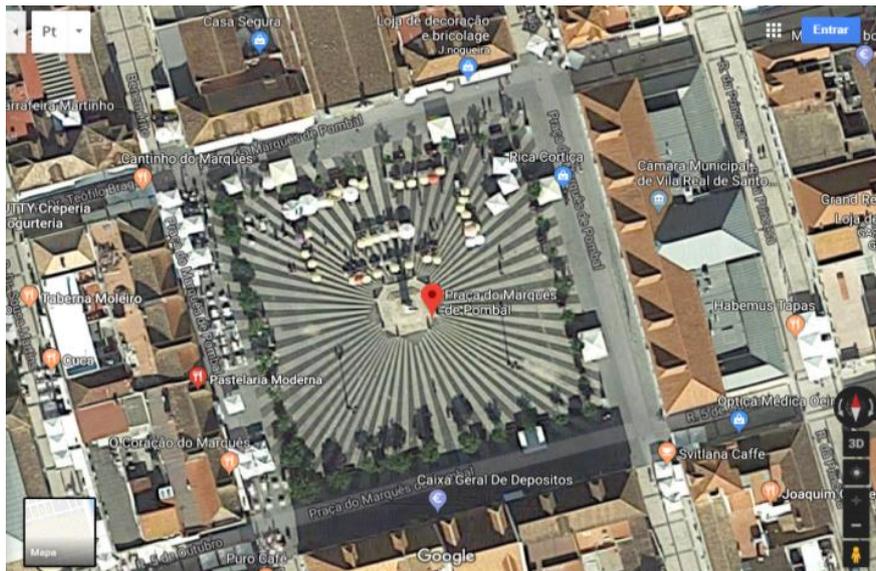
Nos fins do século XV surge um movimento de reforma elevando o significado cultural da praça para a cidade.

[...] observou-se uma nova postura em relação às cidades, traduzida no “entendimento dos espaços urbanos como palco de manifestações culturais”. Esse entendimento foi seguido por uma nova conduta por parte dos dirigentes, cujos objetivos visavam à implantação de um processo de modernização do espaço urbano e arquitetônico. (CALDEIRA, 2007, p. 43).

O movimento de valorização estética da praça incluiu a presença dos monumentos, elementos simbólicos e funcionais. Além de conjuntos arquitetônicos de importância para a sociedade como casas de Câmara, Igrejas Matriz e Hospitais. A praça que envolveu os edifícios institucionais demonstrou o poder do Estado. Devido a esse movimento, a praça passou a ser o marco urbano simbólico, conceito que ainda perdura na atualidade. (CALDEIRA, 2007).

No século XVIII, por meio das Cartas Régias e os Autos de Fundação, as cidades tiveram por obrigatoriedade a rigidez estrutural. Com isso, a praça foi organizada com formato quadrado ou retangular, localizada no centro da cidade e esta passou a se desenvolver no entorno. (CALDEIRA, 2007).

**Figura 06** – Imagem da Praça Marquês de Pombal em Vila Real de Santo António.

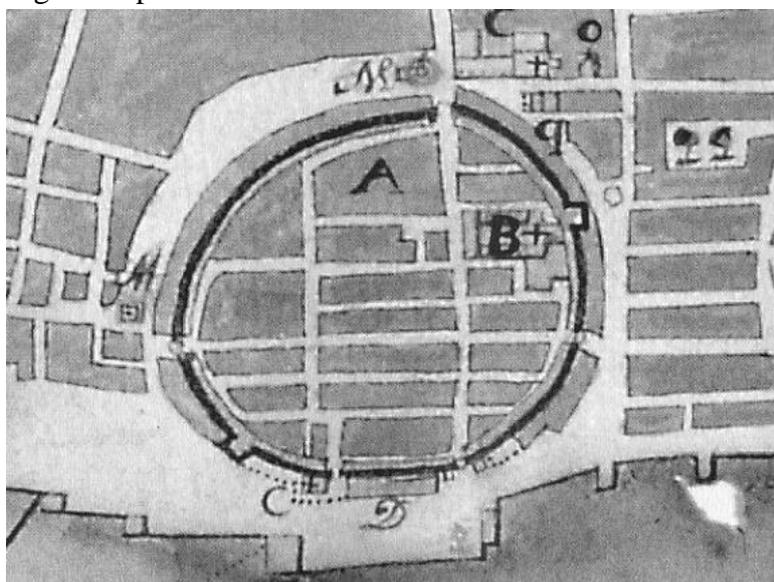


Fonte: GOOGLE STREET VIEW, 2019.

Na imagem é possível observar simetria da praça, exigências das normas de reconfiguração urbana. Na Praça Marquês de Pombal se instalaram os conjuntos urbanos, edifícios institucionais que representavam o poder do governo e o poder religioso, à direita, na imagem, consta a Câmara Municipal.

A Praça da República de Viana do Castelo é um modelo da representação do poder governamental e religioso, mesmo que desobedeça ao formato geométrico exigido nas normas. Este fato ocorreu devido à própria formação da cidade, o interior da muralha não disponibilizava novos espaços para praças (CALDEIRA, 2007). A seguir a planta de Viana do Castelo que consta a cidade envolvida por uma muralha circular.

**Figura 07** - Imagem da planta de Viana do Castelo em 1756.

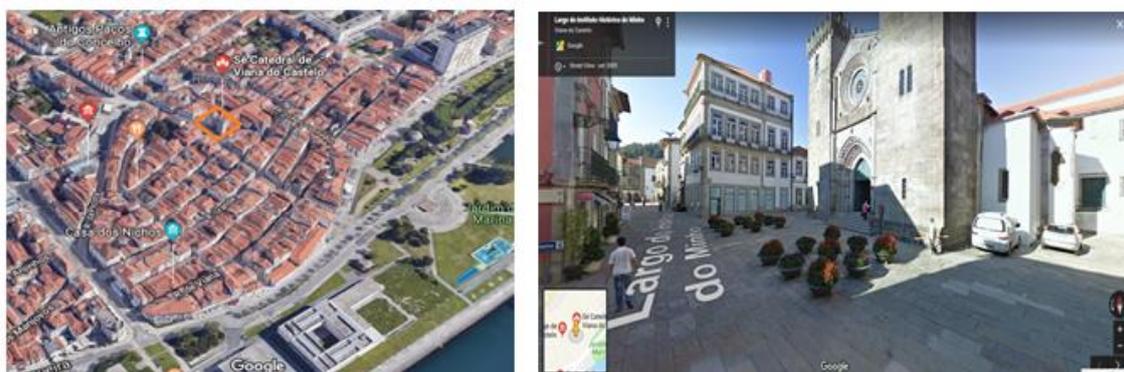


Fonte: CALDEIRA, 2007.

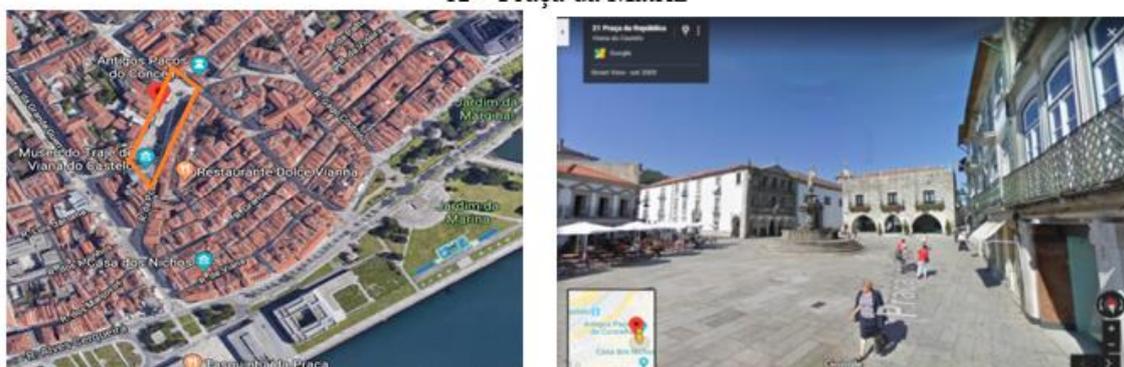
No espaço envolvido pela muralha havia uma praça: a Praça da Matriz<sup>63</sup> (Figura 8), que surgiu no século XV com a inserção da Igreja Matriz. No século XVI, Viana do Castelo expandiu para além da muralha, então surgiu novos espaços, inclusive a Praça da República. O surgimento desta praça definiu o novo centro da cidade. (CALDEIRA, 2007).

A seguir a imagem de Viana do Castelo com a localização e visualização da praça na imagem lateral.

**Figura 08** – Imagens da Praça da Matriz e Praça da República de Viana do Castelo.



**A** – Praça da Matriz



**B** – Praça da República

Fonte: GOOGLE STREET VIEW, 2019.

Adaptado: Autora, 2019.

A Praça da República (Imagem B), representa o poder religioso e o poder do governo; à esquerda do chafariz se encontra a Igreja da Misericórdia e aos fundos a Prefeitura. É um exemplo de espaço formal fundado por meio da reestruturação da cidade e de uma forte presença do aspecto hierárquico de poder.

Quando havia uma única praça na cidade, a igreja, a casa da Câmara, a cadeia e o pelourinho se localizavam no mesmo ambiente. Mas quando eram duas praças, estes

<sup>63</sup> Também chamada de Praça Velha ou Praça da Sé. (CALDEIRA, 2007)

conjuntos urbanos ficavam distribuídos assim: numa ficava a casa da câmara, a cadeia e o pelourinho, este com a câmara e na outra, a Igreja, com o cruzeiro no centro. A estruturação da praça portuguesa culminou em praças multifuncionais, nas quais os conjuntos urbanos desempenharam função cívica, religiosa e comercial. Esta herança se alastrou pelo Brasil com a colonização dos portugueses. (CALDEIRA, 2007).

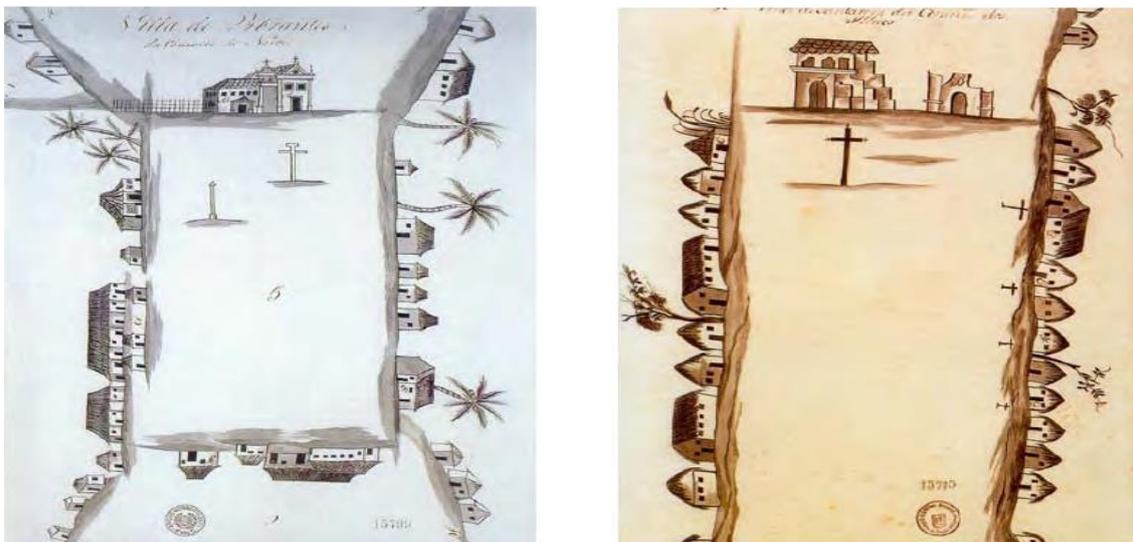
### **1.5 Formação das praças brasileiras pelos colonizadores**

A origem da praça brasileira está na influência indígena e da colonização dos portugueses, na América, que mantiveram a tradição urbanística do seu país ao estruturar as cidades. A instalação das cidades brasileiras seguiu princípios de formação das estruturas das cidades portuguesas, porém precisou se adaptar às condições do local. As cidades construídas pelos portugueses possuíam a particularidade de respeitar as características do território em que ela se implantava. (CALDEIRA, 2007).

A praça brasileira se constituiu, no período colonial do século XVI ao XIX, com a formação das aldeias e assentamentos indígenas, e na formação das vilas e cidades urbanizadas. A forma que ocorreu a colonização portuguesa determinou a organização territorial brasileira, pois quando os portugueses ocuparam o território brasileiro introduziram, em suas projeções, a influência das aldeias indígenas. Principalmente no que se refere ao aproveitamento dos recursos disponíveis, que demandaram técnicas indígenas. Como a relação natureza-localização da aldeia e ao posicionamento dos cômodos da casa, lavadeira e cozinha. (CALDEIRA, 2007).

Os jesuítas desempenharam um papel importante no processo de interação dos indígenas com os portugueses colonizadores. Isso permitiu que os portugueses adentrassem territorialmente. Os jesuítas instalavam uma cruz no meio da *Ocara* e em frente, desta cruz, construíam uma igreja. Este fato estabeleceu um padrão de construção das vilas que se deu em seguida. (CALDEIRA, 2007).

**Figura 09** – Imagem do formato das primeiras vilas brasileiras.

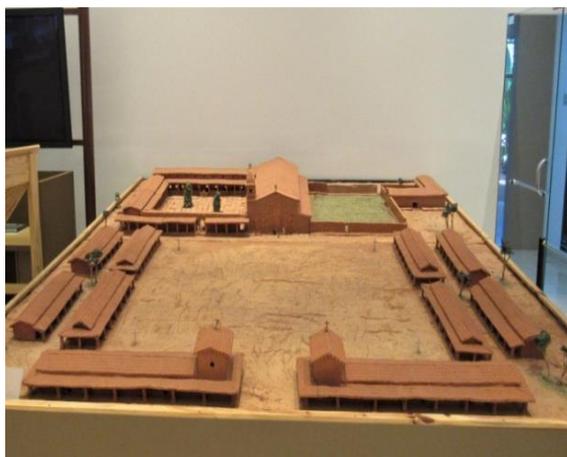


Fonte: CALDEIRA, 2007, p.68.

Devido à forte influência da religião jesuítica, a igreja e a cruz foram centralizados na *Ocara*, espaço do uso comum, como praça da vila. A constituição da vila brasileira pela interferência dos jesuítas formou a praça religiosa.

Um exemplo de formação da praça pela interferência jesuítica foi nas ruínas de San Ignacio Mini. A redução de San Ignacio Mini fica a 250 km da fronteira Brasil e Argentina, um modo de como ocorreu no território brasileiro, a seguir a imagem da redução.

**Figura 10** - Fotografias da redução Jesuíta de San Ignacio Mini na Argentina.



**A** – Maquete da redução



**B** – Praça maior

Fonte: Arquivo da autora, 2019.

A maquete traz a representação da estrutura da redução, com algumas construções<sup>64</sup>, onde os indígenas viviam com a família. A praça maior ou “Plaza Mayor” tem referência espanhola. As praças localizadas nas laterais da igreja, chamam-se *Okara*. A redução está em ruínas (Fotografia B). A igreja<sup>65</sup> onde os indígenas participavam das missas diariamente, foi devastada sobrando apenas os muros laterais e uma parte do arco frontal. A praça maior era reservada para o convívio dos indígenas e jesuítas, e onde se realizavam as cerimônias. Existia um tronco numa das periferias, utilizado para castigo dos indígenas. (GAZETA DO POVO, 2013).

O castigo em praça pública, no Brasil, também acontecia com os escravos africanos. Ocorreu com a inserção do pelourinho, por ordem do Estado, em contraposição à Igreja, então, o espaço da praça começou a ser palco das execuções públicas. (CALDEIRA, 2007).

Portanto, as primeiras praças brasileiras, nas vilas, tinham a função de demonstrar a crença religiosa dos colonizadores. A praça era organizada de maneira a valorizar a igreja e ali se aglomeravam os fiéis, que na redondeza construíam suas moradias. (CALDEIRA, 2007).

As praças religiosas brasileiras recebiam denominações padronizadas.

[...] Praça Matriz, Terreiro de Jesus, Largo do Carmo, Largo São Francisco, Praça da Sé, indicam a diversidade de praças religiosas que constituíram nossa paisagem urbana. (CALDEIRA, 2007, p. 81).

Além da formação das vilas, por meio da religião, também foram formadas em prol da defesa territorial. Este formato de vila pelos portugueses, se localizavam nos morros, com acesso dificultoso, que facilitava o controle das vias marítimas e fluviais, a delimitação do território contava com muralhas. Os primeiros núcleos das cidades costeiras possuíam duas zonas chamadas cidade baixa e cidade alta.

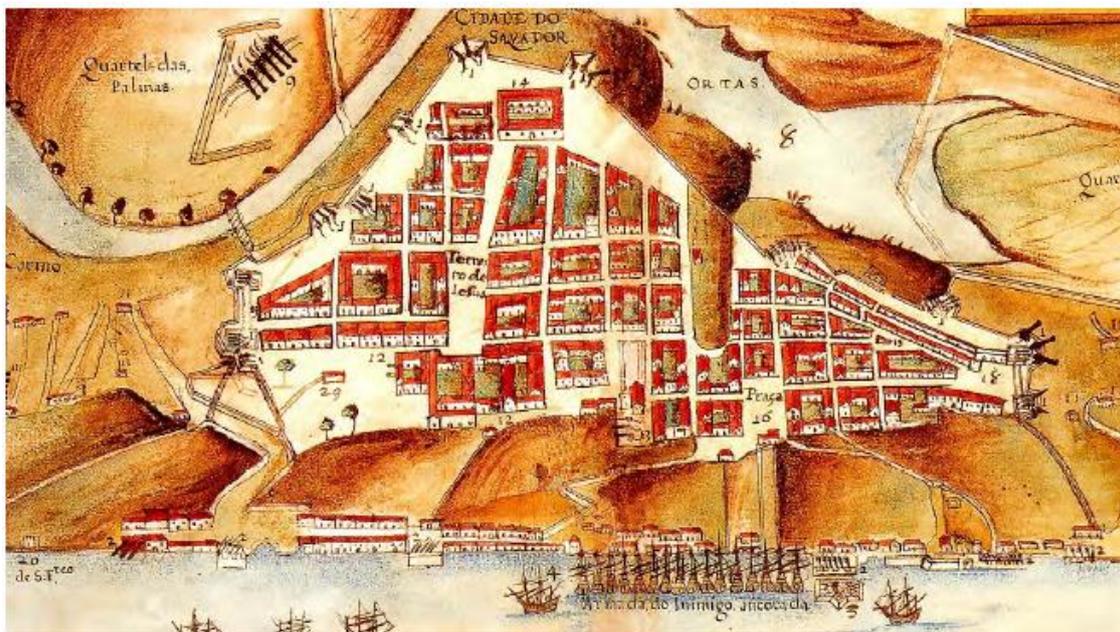
A cidade de Salvador, no período colonial, seguia dois segmentos de cidade, a alta no morro e a baixa na faixa litorânea. Cada segmento admitiu um tipo de praça, na cidade alta se encontrava o poder institucional, político, militar e religioso e as habitações dos cidadãos de maior poder. Já a cidade baixa incluía as habitações comerciais dedicadas ao comércio e a pesca marítima e as habitações do restante do povo de menor poder. (CALDEIRA, 2007).

---

<sup>64</sup> Construções que estão nas laterais da praça maior.

<sup>65</sup> Ruína mais alta à direita na fotografia B.

**Figura 11** – Imagem da planta da cidade de Salvador em 1625.



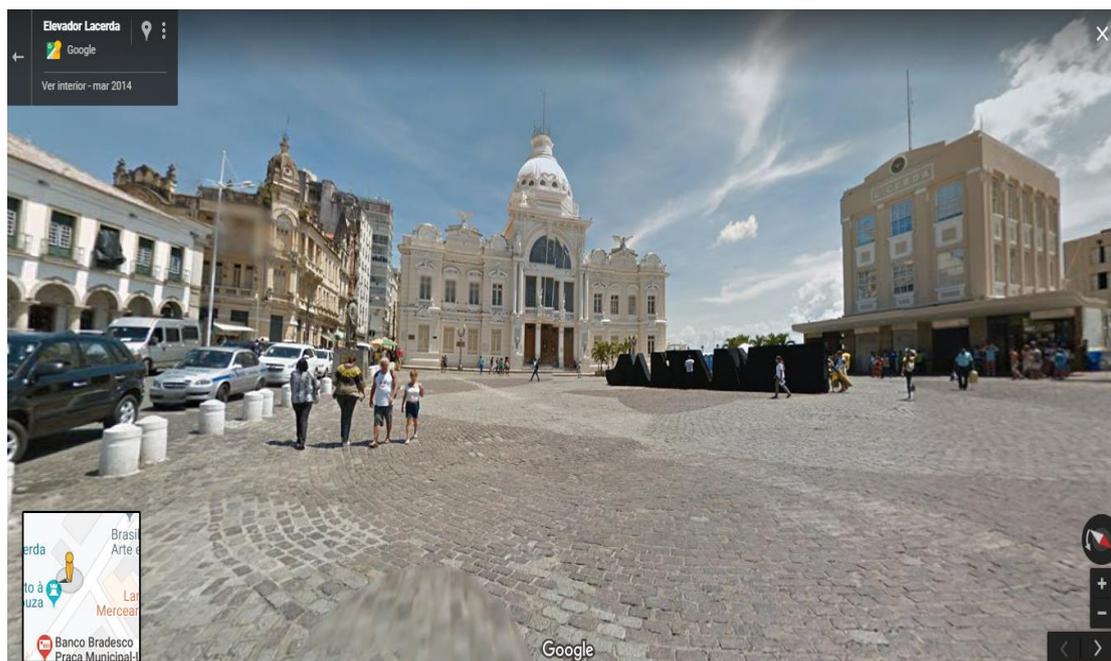
Fonte: CALDEIRA, 2007, p. 96.

Neste período, a praça brasileira surgiu para abrigar as principais estruturas institucionais da cidade. Porém, ela foi arquitetada levando em consideração funções diferentes, como o espaço cívico, o religioso ou o comercial. Portanto, é comum encontrar praças com funções específicas, como: praça do mercado, praça militar, praça política e administrativa, praça religiosa. (CALDEIRA, 2007).

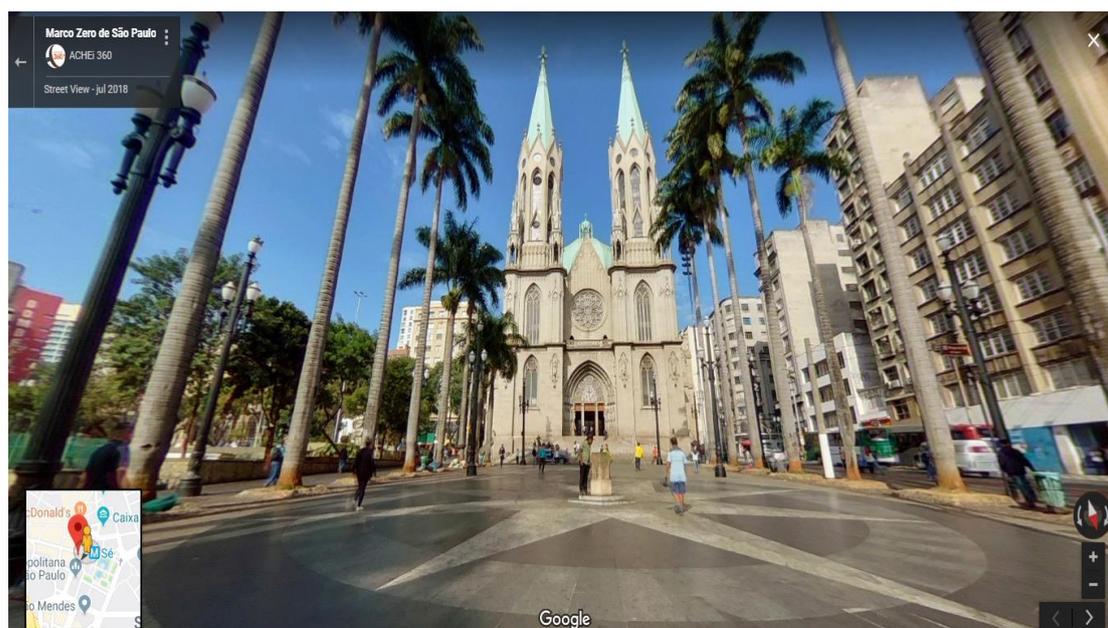
A estruturação da praça, no Brasil, seguiu em dois formatos: a) formato orgânico: marcado pela formação espontânea e, b) formato formal: baseado nos documentos das Cartas Régias e Autos de Fundação. Nestes incluem regras sobre como proceder a implantação de ruas, edifícios institucionais, praças, formato das quadras e fachadas dos edifícios. A Praça Municipal de Salvador e a Praça da Sé em São Paulo consistem no formato orgânico de organização (CALDEIRA, 2007). Estas praças surgiram pelo alargamento da via principal que ligava ao núcleo urbano, ou como resultado do espaço dividido pela Igreja.

Podemos observar a organização de parte destas praças, nas imagens a seguir.

**Figura 12** – Imagens das Praças brasileiras de formação orgânica.



**A** - Praça Municipal de Salvador – BA



**B** - Praça da Sé – SP

Fonte: GOOGLE STREET VIEW, 2019.  
Adaptado: Autora, 2019.

No século XIX a praça foi foco de estruturação priorizando a sua estética, neste sentido foram implantadas áreas verdes visando a contemplação e lazer. Este fator colaborou para consolidação do formato regular e formal da praça. (CALDEIRA, 2007).

A partir do século XX há predominância da praça ajardinada de norte a sul no Brasil. Um exemplo é a Praça Santos Andrade em Curitiba-PR, que foi inspirada nos jardins franceses.

**Figura 13** – Imagem da Praça Santos Andrade em Curitiba-PR.



Fonte: GUIA GEOGRÁFICO CURITIBA, 2019.

A simetria dos canteiros da flora é característica primordial destes modelos de praça. A jardinagem abrange as principais praças das cidades e também define novo uso para este espaço. De praça com função de registro histórico, local de trabalho, de poder do Estado, passa a ser também contemplativa da paisagem, para a recreação e sociabilidade. Devido a esse nova característica o espaço do mercado foi realocado em edifícios próprios, em seu entorno. (CALDEIRA, 2007).

Além da praça desempenhar a função urbana, local na cidade para o uso da população, possui função de abrigar eventos e de ser palco de registro histórico, cultural e social que acompanham o desenvolvimento territorial e humano. (CALDEIRA, 2007).

A praça manteve a função de lazer dos primórdios até a atualidade. Local onde a sociedade se reúne para superar as limitações sociais do espaço privado. Mesmo que a função da praça, como espaço da sociabilidade, tenha se modificado significativamente no período da Idade Contemporânea, existem iniciativas da retomada desta função, questão que merece estudo e pesquisa para aprofundar, não trataremos neste texto.

A praça está presente desde as civilizações gregas, europeias e nas organizações indígenas, em toda e qualquer sociedade há a necessidade de um espaço público central, porque permite a permanência humana e a integração e sociabilidade da população, seja por motivo político, cultural, social, econômico ou outro. Ou seja, a praça forma e é formada pela vida em comunidade.

No próximo capítulo abordamos a história da Praça EVS de Francisco Beltrão-PR, com suas particularidades, função e tempo, para tal analisamos os acontecimentos e mudanças estruturais do local.

**II- ACONTECIMENTOS NA PRAÇA DR EDUARDO VIRMOND  
SUPLICY DE 1969 A 2009**



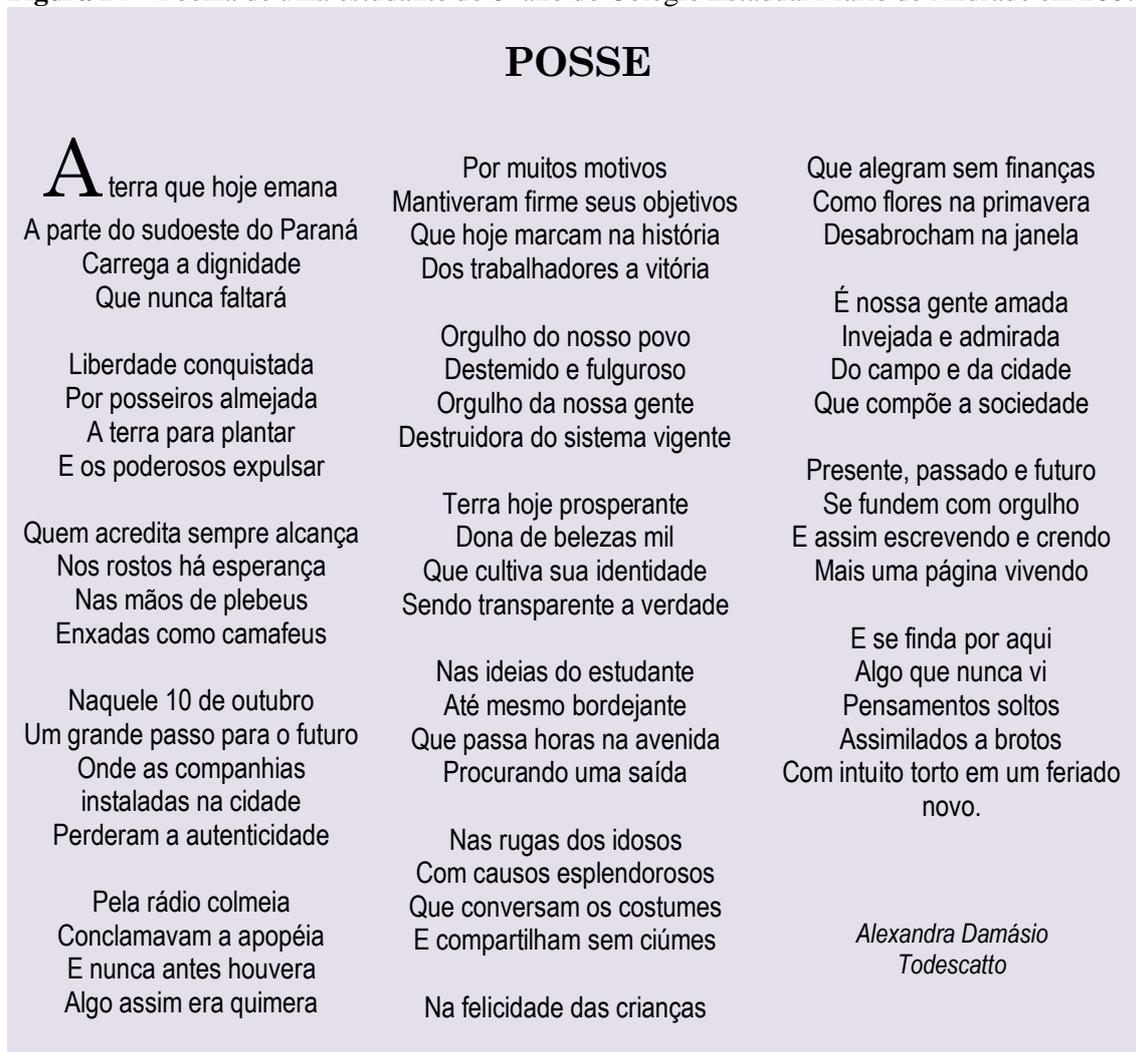
Fonte: JB, 2007, p.07.

## 2.1 A história e constituição

Este capítulo se refere a história da Praça EVS e como tal se constituiu como espaço. Para tanto, verificamos trabalhos acadêmicos e realizamos um levantamento no Jornal de Beltrão: do ano de 1969 quando a praça é inaugurada até 2009<sup>66</sup>.

O poema da Alexandra Damásio Todescatto, foi publicado pelo JB, em 2007, no ano do cinquentenário da Revolta dos Posseiros e traz uma mensagem bastante significativa sobre o processo histórico e sobre este evento, ocorrido no município de Francisco Beltrão.

**Figura 14** – Poema de uma estudante do 8º ano do Colégio Estadual Mario de Andrade em 2007.



Fonte: JB, Ed. 3.612, 2007, p.07.  
Adaptado: FISS, 2020.

Este poema caracteriza alguns aspectos históricos da conquista do território. As terras do Sudoeste do Paraná foram disputadas por Companhias, que visavam extrair a

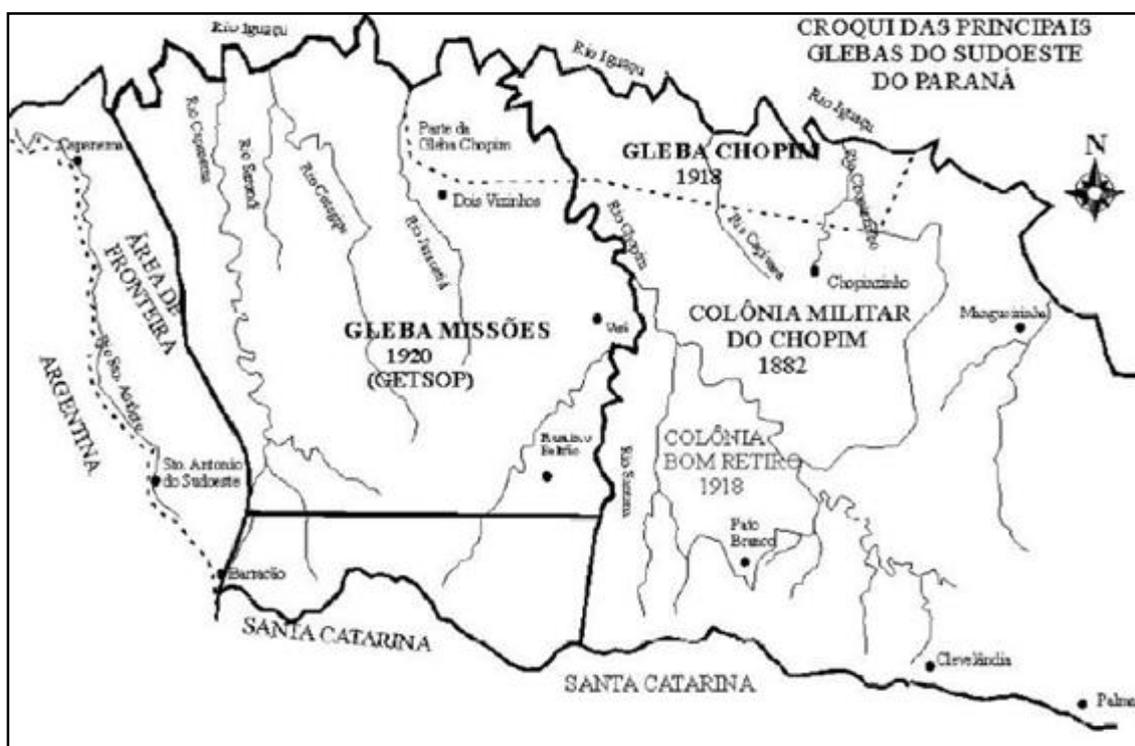
<sup>66</sup> O tempo dispendido para coleta no Jornal delimitou o período de 1969 a 2009.

madeira araucária. O terreno, correspondente atualmente a Praça, também foi disputado pelas Companhias, além do município: com intenção de torná-lo praça.

O povo elegeu o terreno da Praça como palco da Revolta dos Posseiros e lutou para garantir seus direitos. Francisco Beltrão no período Vila Marrecas<sup>67</sup>, foi um dos principais centros revolucionários. Além de Francisco Beltrão participaram Capanema, Dois Vizinhos, Pato Branco, Pranchita, Santo Antonio do Sudoeste e Verê.

Os fatos que levaram à revolta permeiam o final do Império, quando em 1889 a monarquia assinou contrato para a construção de uma estrada de ferro de São Paulo ao Rio Grande do Sul. O pagamento pela construção à Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande foi em terras, que incluíam as colônias Gleba Missões e Chopim localizadas no Sudoeste do Paraná, com extensão de mais de 500 mil hectares e ocupavam praticamente toda a atual microrregião de Francisco Beltrão. A Companhia se endividou, o patrimônio foi incorporado pela União e disputado pelo governo paranaense, já na década de 1940. (JB, Suplemento especial da Revolta dos Posseiros, 2007). A seguir uma representação do território referente a Gleba Missões e Chopim.

**Figura 15** - Croqui da Gleba Missões e Chopim.



Fonte: LAZIER, 2004.

Adaptado: FRANCISCHETT, 2008.

<sup>67</sup> Em 1952 a Vila Marrecas passou a ser município de Francisco Beltrão-PR, conforme Lei estadual nº 790, de 14 de novembro de 1951. (SILVA, 2013).

Em 1943, Getúlio Vargas assinou o Decreto nº. 12.417 que criou a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), que ocupou a faixa de 60 km ao longo da fronteira da Argentina. Criada para o desenvolvimento da economia, principalmente da classe agrária responsável pela produção de alimentos, com intuito de serem comercializados nas cidades e vilas, que estavam crescendo. Neste sentido, o governo disponibilizava um pedaço de terra para o agricultor e auxílios como sementes, ferramentas, tratamento dentário e hospitalar (GALVÃO, 2009). Entretanto, estas terras, cedidas pelo governo, estavam em julgamento de justiça, conforme a incorporação do patrimônio do endividamento da Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande.

Um dos desbravadores de terras daquele período, José Rupp, perdeu extensões de terras para a Companhia Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande. Ao entrar na justiça recebeu uma indenização, que não foi paga, então vendeu a extensão de terra referente às colônias Gleba Missões e Chopim pelo valor da indenização. A Clevelândia Industrial e Territorial Limitada (CITLA) fez a compra ilegal. Esta Companhia pertencia a Mario Fontana e mais 26 sócios, criada em 1947, instalada nas Colônias Missões e Chopim em 1951. (JB, Suplemento especial da Revolta dos Posseiros, 2007).

Conforme informações retiradas da Folha do Sudoeste (Suplemento especial, 1988) a CITLA possuía a posse da terra, concedida pelas empresas incorporadas pela União, que corresponde, atualmente, ao Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (INCRA). Mas, segundo registros do JB (Suplemento especial da Revolta dos Posseiros, 2007), o documento da CITLA havia sido registrado em um cartório no Rio de Janeiro, em 17 de novembro de 1950, e que não havia sido aprovado pelo Congresso Nacional, o que tornava a posse ilegal.

Quando a CITLA se instalou nas Colônias Missões e Chopim, já havia três mil famílias de posseiros, na região. A CITLA iniciou a venda destes terrenos às pessoas ali instaladas. Mas a situação se agravou quando a CITLA vendeu em 1956 parte das terras às Companhias Imobiliárias Comercial e Apucarana. Para forçar o pagamento das terras pelas famílias<sup>68</sup>, a Companhia Imobiliária Comercial enviava jagunços exigindo a compra por preço exorbitante. O que piorou com a proibição na arrecadação de impostos pela escrituração de imóvel, do governo Bento Munhoz da Rocha. Então, além da Companhia obrigar os posseiros a venderem os terrenos, não disponibilizavam o título da posse para estes. (SILVA, 2010).

---

<sup>68</sup> Até mesmo daqueles que ganharam terras da CANGO.

Segundo relatos de posseiros da época, registrados no JB (Suplemento especial aos 50 anos da Revolta dos Posseiros, 2007), o envio dos jagunços era da CITLA. Mas em entrevista, no mesmo jornal, com Júlio Assis Cavalheiro, pioneiro e funcionário da CITLA, ele relatou que o envio dos jagunços aconteceu por meio da Companhia Imobiliária Comercial.

A negação dos títulos das terras da CITLA e das Companhias aos moradores culminou na Revolta dos Posseiros, cujo pico culminante ocorreu em 10 de outubro de 1957, quando os posseiros expulsaram a Companhia da cidade (SILVA, 2010). O ato da revolta ocorreu no espaço que atualmente é a Praça, conforme registro na imagem a seguir.

**Figura 16** – Imagem dos Posseiros reunidos em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória em 1957.



Fonte: ESPAÇO DA ARTE DE FRANCISCO BELTRÃO, 2018.

Os posseiros tomaram esse espaço com armas em mãos e pedaços de pau. Na imagem, alguns estão em cima do posto de combustível Vitorelli e Cia<sup>69</sup>, que se encontrava em uma estrada entre o terreno da igreja e o da praça. Clemente Machado, que acompanhou este dia, declarou que vários caminhões chegavam até o local carregados de posseiros. Mas não houve confronto, apenas o alvoroço do povo gritando pelos direitos e rasgando os documentos disponibilizados pela CITLA. Um dos fatores que evitou o confronto dos jagunços com os posseiros foi o patrulhamento das ruas, da cidade, por soldados. Estes soldados visaram evitar a invasão da CITLA ao escritório da CANGO. (JB, Suplemento especial Revolta dos Posseiros, 2007).

Em 1962 o governo criou o Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná (GETSOP), foi resultado de uma ação promovida pelo governo, de maneira a organizar a estruturação agrária do Sudoeste. O grupo agiu regularizando os terrenos aos posseiros. (POLI, 2009).

O terreno para a construção da praça foi cedido em 1951 por Luiz Antonio Faedo e o terreno lateral, para a construção da Igreja, por Júlio Assis Cavalheiro. Este local era o mais alto da sede da Vila Marrecas (GALVÃO, 2009). Porém, a construção da praça ficou ameaçada pelas companhias Terras e Pinos e a CITLA que disputavam o terreno. (FS, suplemento especial, 1988).

A Vila Marrecas mobilizou as principais lideranças, que arrecadaram uma quantia em dinheiro para a viagem de Irineu Montemezzo, de Jahyr de Freitas e de Angélico Penso, ao Rio de Janeiro. Os três representantes buscaram, junto ao presidente Getúlio Vargas respostas sobre a posse das terras. Na chegada foram recebidos pelos assessores do presidente que, no momento, estava em uma missão internacional. Diante da situação, os assessores prometeram que as informações chegariam até o presidente. (FS, suplemento especial, 1988).

Os anos seguiram em clima de disputa entre o já município de Francisco Beltrão e as Companhias Terras e Pinos e CITLA, sem respostas do governo federal. Até que em 1962 o GETSOP regularizou a situação (FS, suplemento especial, 1988). Além da titulação de lotes particulares, o GETSOP tituló espaços para construção de estruturas Públicas. (POLI, 2009).

A posse das terras ao município, pelo GETSOP, foi determinada respeitando alguns critérios que seguiam a Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 1946, na qual o

---

<sup>69</sup> O posto Vitorelli e Cia era propriedade da empresa Comércio Oeste Paraná Ltda. Sendo os sócios Adelino e Guerino Vitorelli, Irineu Montemezzo, Dário Mioti, Luiz Prolo, Santo Rosseto, Moacyr Bordignon e Ivo Thomazzoni. (TOFFOLO, 2012).

direito à propriedade era condicionado ao bem estar social. Portanto, a finalidade social era garantida por meio da desapropriação de terras, caso o interesse fosse para fim social ou público. (POLI, 2009).

Com a titulação dos terrenos, concedida pelo GETSOP, os posseiros se reuniram no espaço da praça. Desta vez para um ato pacífico, para celebrar a vitória. Este fato ocorreu no dia 26 de junho de 1963, um ano após o GETSOP atuar na regularização dos terrenos. Portanto, a titulação do terreno da Praça para a Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão ocorreu em 1962, mas sua construção iniciou em 1966, não se sabe o porquê da demora de quatro anos, (FS, suplemento especial, 1988) e a inauguração no dia 31 de janeiro de 1969. (FS, Ed. 512, 1987).

**Figura 17** – Imagem da construção da Praça EVS em 1966.



Fonte: TS, Edição Especial, 1969, p.05.

Na imagem<sup>70</sup>, o registro dos caminhões carregados de terra tirada do local, que foi escavado a fim de deixar o local mais baixo em relação à Igreja. A terra retirada foi utilizada para o nivelamento da Avenida Júlio Assis Cavalheiro. (GALVÃO, 2009).

A data de inauguração da Praça ocorreu no final do mandato do Prefeito Antônio de Paiva Cantelmo e custou ao cofre público NCr\$ 80.000,00<sup>71</sup>, a construção se deu em

<sup>70</sup> A imagem foi retirada de um jornal antigo e possui resolução baixa.

<sup>71</sup> O NCr\$ se chamou cruzeiro novo, e era a moeda predominante no Brasil do ano de 1967 a 1970. (BACEN, 2019).

tempo recorde segundo informações do Jornal Tribuna do Sudoeste. (TS, edição especial, 1969).

[...] a maior obra, depois de construído o prédio da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, foi sem sombra de dúvida, a praça Dr. Eduardo Wirmond<sup>72</sup> Suplicy. Mesmo para nós beltronenses que todos os dias estamos vendo esta maravilha, cada vez que a olhamos, ficamos a admirar um trabalho de arte. Para os transitantes à nossa cidade, então a maravilha da Praça Suplicy, se reveste de uma beleza ímpar. Alguns transitantes chegam a dizer que, no Sudoeste ainda não viram praça tão linda como esta. (TS, Ed. 51, 1969, p. 8).

A Praça EVS foi considerada, pelo prefeito Cantelmo, a maior obra da cidade, depois da construção da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão. Ele enfatizava a sua beleza, comparada a uma obra de arte, de tal importância para os cidadãos beltronenses e para os transitantes. (TS, Ed. 51, 1969).

O nome da praça se refere a Eduardo Virmond Suplicy, um dos principais pioneiros da região, que nasceu em 1897, na cidade de Lapa-PR, era Engenheiro Agrônomo, trabalhou na CANGO, como administrador em 1943, exonerado em 1953, retornou em 1954 e faleceu em 1955, em Curitiba-PR. O seu nome está associado ao pioneirismo, às ações prestadas durante a colonização e no desenvolvimento econômico da região pelos serviços prestados pela CANGO.

**Figura 18** - Imagem de Eduardo Virmond Suplicy.



Fonte: VIRMOND, 1976.

O seu nome também consta em um colégio no município. O colégio foi fundado em 1949, em 1956 já possuía instalações próprias e se chamou Grupo Escolar Dr Eduardo Virmond Suplicy. Em 1976 passa a se chamar Escola Dr Eduardo Virmond Suplicy

---

<sup>72</sup> Em algumas matérias do jornal consta Wirmond, porém a palavra correta é escrita Virmond.

atendendo a reforma do ensino pela lei 5.692/7, com Ensino de 1º grau. A partir de 1991 assume as turmas de 5º ao 8º ano. E em 1993 oferta o Ensino Supletivo de Ensino Geral no período noturno e passa a se chamar como atualmente é referido: Colégio Estadual Dr Eduardo Virmond Suplicy. (SEVERGNINI, 2020).

A partir do próximo item retrataremos os acontecimentos que ocorreram na Praça desde seu surgimento, de 1969 até 1980. Neste período seis monumentos foram instalados no local, atualmente dois deles não se encontram mais e o destino, bem como a retirada são desconhecidos. Estes monumentos são o de homenagem a Júlio Assis Cavalheiro e ao Rotary Club de Francisco Beltrão. Além da ocorrência de movimentos sociais, políticos e culturais, houve modificações estruturais e frequentes cerimônias militares nesse período.

## 2.2 Lazer, trabalho, turismo e política

A Praça foi inaugurada com um obelisco, localizado na área central, em homenagem aos colonos pioneiros do Sudoeste do Paraná. A seguir a imagem do local, um ano após a inauguração.

**Figura 19** – Imagem da Praça EVS em 1970.



Fonte: ESPAÇO DA ARTE DE FRANCISCO BELTRÃO - PR, 1970.

A Praça seguiu formato retangular, com canteiros geométricos e, em uma das suas extremidades o parque infantil. O obelisco, foi reformulado, recebeu um novo revestimento, com fonte d'água, conforme a imagem a seguir.

**Figura 20** – Fotografia do Obelisco da Praça EVS em 2019.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

O primeiro obelisco fazia referência ao pioneiro Júlio Assis Cavalheiro<sup>73</sup>, vindo do Rio Grande do Sul, chegou em Francisco Beltrão em 1947, se instalou com o intuito de adquirir grandes extensões de terras para criar porcos soltos. Juntamente com Luiz Antônio Faedo, seu vizinho, formaram a cidade, por meio da venda e doações de terrenos. No dia 11 de outubro de 1957, com a Revolta dos Posseiros, o obelisco homenageando Júlio Assis Cavalheiro foi derrubado. (JB, Ed. 469, 1994). Imagens do obelisco antigo a seguir:

---

<sup>73</sup> Nasceu dia 04 de julho de 1910 e faleceu no dia 25 de julho de 1994. (JB, Ed. 469, 1994).

**Figuras 21** - Imagens do primeiro obelisco em 1957.



Fonte: ESPAÇO DA ARTE DE FRANCISCO BELTRÃO, 1957.

Na figura 20 o obelisco e a igreja, como plano de fundo nas fotografias. Nesta última o registro do casamento de Amnéris Prolo e Élcio Tomazzoni. A noiva e padrinhos subindo os degraus para entrar na igreja, somente o obelisco no terreno, no qual uma década depois se transformou na Praça.

O obelisco em homenagem à Júlio Assis foi arrebatado do local pelos posseiros como ato de revolta, pois acreditavam que ele tinha ligação com a Companhia, na disputa da terra, pois trabalhou na CITLA (SILVA, 2010). Entretanto, Júlio Assis declarou que assumiu o cargo da CITLA, pelo povo, pois o acordo com Mario Fontana era que os preços pelas terras fossem justos. Discordava da violência gerada pelos jagunços e

descartou o envolvimento da CITLA, afirmou a violência iniciou quando parte Companhia foi vendida para a Companhia Imobiliária Comercial. (JB, Suplemento especial da Revolta dos Posseiros, 2007).

Os posseiros extraíram o obelisco com o intuito de levá-lo até a casa do Sr Júlio. No trajeto se depararam com um riacho que impossibilitou-os de atravessarem com o monumento. Há algumas informações divergentes, acerca do paradeiro deste obelisco. Segundo o atual arquiteto da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, os posseiros o enterraram entre a Rua Antonina e a Rua Ponta Grossa. Silva (2010) afirma que o obelisco foi soterrado em frente a casa de Júlio Assis, que após foi jogado em algum aterro até desaparecer.

Júlio Assis afirma que não gostou do obelisco e nunca chegou a vê-lo, que aquilo estava lá contra a sua vontade. Também se sentiu ofendido e magoado pelo derrubamento do mesmo, pois suas intenções, pelo povo, sempre foram as melhores. (JB, Suplemento especial da Revolta dos Posseiros, 2007).

Gomes (2013) explica que a derrubada de monumentos é como uma suspeita sob a imagem que ele simboliza. Neste caso a derrubada do obelisco demonstra o combate a idolatria de Júlio Assis Cavaleiro.

Dr Mario Vargas Junqueira da Rocha<sup>74</sup> fundador e presidente do Rotary de 1966 até 1969 e Agustinho Seleski também integrante do Rotary, nesse período, relataram sobre a existência de um monumento do Rotary, na praça. Este monumento fazia referência à importância da entidade no município. O Rotary Club de Francisco Beltrão é uma instituição com objetivo de estimular e fomentar o desenvolvimento, o companheirismo, o reconhecimento ao mérito de toda ocupação útil e a difusão das normas de ética profissional. Além da melhoria para a comunidade, pelo trabalho dos membros, também pela aproximação dos profissionais de todo mundo, com relação, integração e cooperação e com objetivo de fomentar a paz entre os países. Entre as contribuições do Rotary está a organização de eventos de caráter social, a garantia de espaços para usufruto do município e de instituições Públicas, entre outros. (ROTARY CLUB FRANCISCO BELTRÃO, 2011).

O monumento ao Rotary se encontrava na praça, onde atualmente se localiza a Cia do Chopp, consistia numa rocha plana, grande, com uma placa referenciando ao Rotary.

---

<sup>74</sup> Era morador de Barra do Rio Azul-RS e foi convidado a vir morar em Francisco Beltrão-PR quando era Vila Marrecas para atuar conforme sua formação em Medicina Humana. Se instalou em 23 de janeiro de 1963. Atuando como médico do povo confessou: “*Operei gente que tinha fama de bandido, como clientes, e me tornei amigo de alguns deles.*”. Dr Mario é uma figura importante para a cidade, pois contribuiu de diversas formas, além da sua atuação no Rotary, para com o desenvolvimento do município.

Segundo Dr Mario e o Sr Augustinho não há informações sobre o paradeiro do monumento.

Nos primeiros anos após sua inauguração, a Praça foi palco de cerimoniais do Exército, como no dia 31 de março de 1970 houve a comemoração da Revolução Democrática no Brasil<sup>75</sup>, quando ocorreu hasteamento da bandeira, canto do Hino Nacional, leitura da ordem do dia<sup>76</sup>, entrega de certificados para o grupamento e a visitação a uma exposição que ocorria na Praça. Em agosto ocorreu a comemoração da Semana do Exército, com entrega de prêmios, solenidade parecida com a de março, com entrega de certificados, hasteamento da bandeira, canto do hino, leitura da ordem do dia e entrega da carta patente a um oficial<sup>77</sup>. (TS, Ed. 109, 1970).

No dia 14 de dezembro de 1972, o monumento do GETSOP, também chamado de painel dos pioneiros, foi inserido na Praça. (SILVA, 2010). O monumento está registrado na imagem a seguir.

**Figura 22** - Imagem do monumento do GETSOP em 1973.



Fonte: ESPAÇO DA ARTE DE FRANCISCO BELTRÃO-PR, 1973.

O monumento se encontrava no centro de um reservatório com água. A característica não se manteve, o reservatório foi retirado. Sua localização também foi modificada, pois em 1973 se encontrava em paralelo ao obelisco, atualmente está em uma

<sup>75</sup> Conhecida na história como golpe militar de 1964.

<sup>76</sup> Leitura sobre o contexto histórico do golpe militar de 1964, como memorável e passível de comemoração, e com isso enfatizou a importância da atuação do Exército Brasileiro na pacificação dos conflitos.

<sup>77</sup> Oficial R/2 Dr Romeu João Munaretto.

das periferias da Praça. Na revitalização que ocorreu no local, em 2017, ele foi reformado. Podemos observá-lo na figura a seguir.

**Figura 23** - Imagem do monumento ao GETSOP em 2019.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

O monumento consiste em um painel com duas faces, uma delas representa o título da terra cedida pelo GETSOP, uma réplica de um título de terra, sendo entregue sobre a demarcação do território da Gleba Missões e Chopim. Abaixo, uma escola e um mastro com uma bandeira de paz. A escola e o mastro representam a pacificação. O sujeito no trator, na lateral de uma estrada pavimentada, demonstra o desenvolvimento econômico e estrutural da terra, e na outra lateral as araucárias, já dizimadas pela ação das serrarias. (SILVA, 2010).

A outra face do monumento do GETSOP, voltada para o interior da Praça, representa uma família vislumbrando a propriedade, sob as palavras escritas: “Prosperidade e tranquilidade”. Esta imagem significa que a terra foi concedida para o homem e sua família, o papel representado pelo título trouxe a segurança e a tranquilidade que a presença dos jagunços havia lhes retirado. A partir da oficialização do título o homem estava apto para fazer uso da terra para o seu sustento e prosperidade. (SILVA, 2010).

Além do monumento ao GETSOP, em 1972, houve a inserção de espaços verdes no centro da cidade, o ajardinamento da praça embelezou a cidade. (TS, Edição especial, 1972).

No dia 25 de agosto de 1975, a praça foi palco de um evento militar, o Dia do Soldado, que ocorreu com solenidade realizada pelo comando da 2ª Companhia de Infantaria. (TS, Ed. 338, 1975).

Nos dois anos que seguiram a Praça EVS foi elogiada no jornal Folha do Sudoeste. Conforme pode ser interpretado nas citações seguintes:

A Praça Virmond Suplicy, é moderna, arborizada, e consiste em um equilíbrio ecológico para a cidade, devido às suas árvores e as suas flores que renderão aromáticos perfumes quando florarem. (FS, Ed. 10, 1977, p. 4).

A Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão Municipal está de parabéns pela conservação da Praça Dr Eduardo Virmond Suplicy, em frente da Igreja Matriz – bela grama, lindas flores, muita sombra e passeios com pedregulho. Poucas cidades tem praça tão aconchegante e convidativa para casais de namorados e famílias passarem horas de tranqüilidade em um encontro com a natureza, podendo até apreciar as dezenas de tartarugas, mansamente deslizarem no aquário onde está o monumento em homenagem ao GETSOP. (FS, Ed. 26, 1978, p. 8).

Em 1978, no local, já havia árvores e flores. As pessoas observavam tartarugas, na fonte que cercava o monumento do GETSOP. Porém, tanto em uma matéria como noutra, os elogios foram acompanhados de críticas. A matéria do ano de 1977 apontou a necessidade da construção de banheiros. Já a de 1978 criticou a falta de manutenção em alguns postes, cujas lâmpadas não ascendiam as luzes.

O banheiro foi construído e inaugurado em 1989 e 12 anos após ainda houve críticas pela falta de banheiro. Entrevistados desta pesquisa, em 2019, ainda apontam este como um problema não resolvido, com necessidade de melhorias. Algumas feirantes mulheres indicaram como problema também a prostituição, relacionado ao banheiro, como:

Algumas feirantes apontaram como um dos problemas da praça a prostituição. Isto porque as prostitutas ficam próximas ao banheiro, então quando as feirantes vão até os sanitários são confundidas. (DIÁRIO DE CAMPO, 09.01.19).

Para as mulheres feirantes o banheiro é um problema porque está relacionado à prostituição. Elas alegam que são abordadas e confundidas com prostitutas. Segundo um comerciante, no passado, o banheiro era usado pelas prostitutas para os programas.

Em 21 de setembro de 1978, no Dia da Árvore, foi inserido, na praça, o monumento Árvore da amizade, do Rotary Club de Francisco Beltrão e um ano depois, na mesma

data, o monumento da Associação de Defesa e Educação Ambiental de Francisco Beltrão-PR. Podemos observar os monumentos na imagem a seguir.

**Figura 24** - Monumento Árvore da Amizade do Rotary e monumento da Associação de Defesa e Educação Ambiental de Francisco Beltrão-PR.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

Não foram encontradas informações sobre estes dois monumentos. Dr Mario Vargas Junqueira da Rocha disse que houve uma enchente, na década de 1980, que danificou atas e documentos, na sede do Rotary de Francisco Beltrão-PR.

Em 1979, foi oficializada a banca do Gambim<sup>78</sup>, também chamada, pela população, de boca maldita beltronense. Pois, ali comercializavam jornais e revistas, e o nome popular está associado à aglomeração de pessoas que se reuniam para conversar, discutir assuntos e notícias. (JI, Ed. 49, 1979).

[...] eterna fonte de recursos para a eterna solução de todos os problemas que diariamente afligem o brasileiro, porque ali, além dos nossos entendimentos, sempre aparece também um transitante sequioso de ajudar a endireitar aquilo que está torto, ou ainda, para trazer uma nova fórmula mágica (por incrível que pareça) ainda não formulada pelos nossos próprios mágicos. (JI, Ed. 49, 1979, p. 03).

<sup>78</sup> A banca do Gambim já se fazia presente na praça há alguns anos, mas somente em agosto de 1979 e que foi oficializado este espaço, por meio da entrega da placa da banca pelo prefeito João Batista de Arruda e Danilo Biazus. (JI, Ed. 49, 1979).

A banca do Gambim foi um local importante para reunir pessoas, elas discutiam ali possíveis soluções dos problemas que afligiam a sociedade, naquele tempo, debatiam ideias, compartilhavam informações e de certa maneira, exerciam a cidadania.

No dia 15 de outubro de 1980 a Praça foi palco de um movimento que reuniu 5 mil pessoas, em Francisco Beltrão, foi o movimento da suinocultura, organizado pelos produtores de suínos, teve como objetivo estabelecer um preço mínimo para a carne suína e melhores condições de produção. A produção havia sido incentivada pelo governo Figueiredo, mas com o excesso da produção da carne e propagação da febre suína africana o preço e a venda despencaram. Os suinocultores haviam realizado empréstimos, se endividaram e muitos estavam perdendo suas terras. Com a ajuda da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural (ASSESOAR), sindicatos e da Pastoral da Terra organizaram bloqueios nas estradas, passeatas, concentrações e acampamentos. No dia 30 de outubro de 1980 foi encerrado o movimento com algumas conquistas e promessas. Das conquistas, houve o aumento do valor da carne suína<sup>79</sup>, a abertura da exportação da carne, a prorrogação por 90 dias dos financiamentos, o acesso ao farelo de trigo para os agricultores e a promessa de uma “[...] campanha nacional de consumo interno de carne suína”. (FS, Ed. 512, 1987, p. 18).

Em 1980 já havia uma lanchonete na Praça EVS chamada Papillon e os eventos militares continuaram. No dia 14 de dezembro, aniversário do município, houve o hasteamento do pavilhões, seguido de missa de ação de graças. (JI, Ed. 116, 1980).

Na década de 1980 foi realizado o carnaval, em 19 de fevereiro de 1981, quando a Companhia de Samba Sol Maior<sup>80</sup> alegrou os beltronenses (JI, Ed. 125, 1981). A Companhia voltou a se apresentar, no ano seguinte, no dia 29 de janeiro, muitas famílias compareceram e os jovens sambaram até madrugada. (JI, Ed. 173, 1982).

O carnaval e o desfile de Sete de Setembro, comemoração da independência do Brasil, ocorriam na Praça, como eventos calendarizados. (FS, Ed. 512, 1987).

Ainda em 14 de junho de 1981, ocorreu a 1ª gincana dos bandeirantes, uma parte do circuito passou pela Praça. Em julho a festa de São Cristóvão que dali em direção a um bairro da cidade. (JI, Ed. 140 e 146, 1981).

---

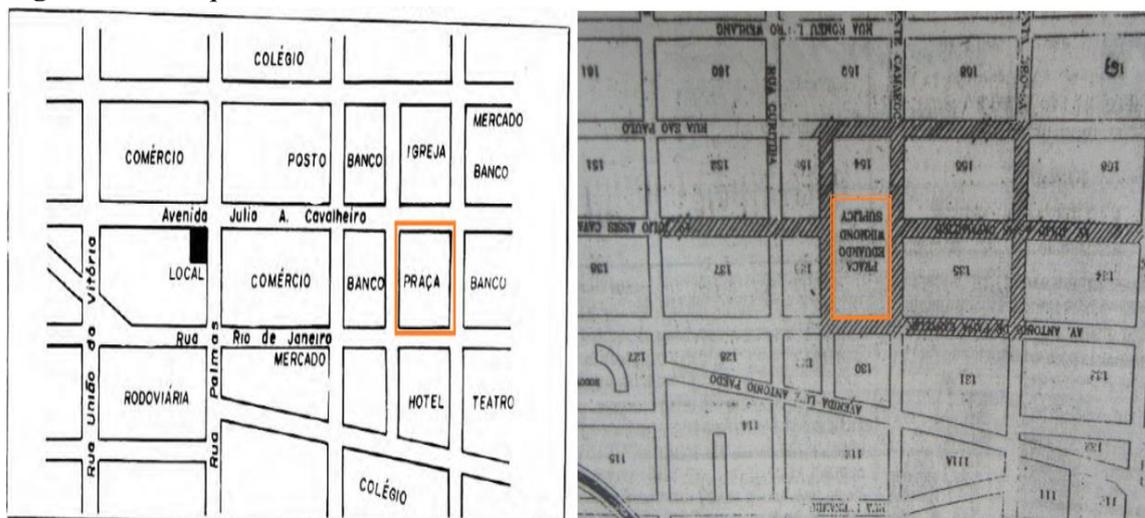
<sup>79</sup> De Cr\$ 38,00 para Cr\$ 48,00 e promessa para Cr\$ 55,00.

<sup>80</sup> A companhia foi promovida pela Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado e pela Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão do município. (JI, Ed. 125, 1981),

Em julho de 1981 foi iniciada a obra de revitalização, que contou com equipamentos novos para o parque das crianças, posto de telefone, calçada mais larga nas laterais, posto policial<sup>81</sup>, bancos, ponto de café e banca de jornais e revistas. (JI, Ed. 162, 1981).

No dia 5 de junho de 1983, a Praça ficou movimentada com agricultores que comercializaram produtos na Feira da Laranja, com venda estimada de 100 mil laranjas, porém a temperatura baixa trouxe consequências e a feira terminou com a venda de 60 mil unidades. (JI, Ed. 210, 1983). A seguir um croqui da praça de 1984.

**Figura 25** – Croquis do centro de Francisco Beltrão-PR em 1984 e 1997.



Fonte: JI, Ed. 292, 1984, p.01; JB, Ed. 1.065, 1997, p. 01.  
Adaptado: FISS, 2019.

Na esquerda da imagem há presença de um teatro, hotel, igreja e quatro agências bancárias. Atualmente se mantém. Entretanto, as agências bancárias se encontram principalmente à direita da praça. O teatro foi substituído por agência bancária e no quarteirão do hotel, se localiza outro banco. Na imagem anterior a Praça está interligada com o terreno da Igreja pelo calçadão, há marcações em algumas ruas, como indicativo do estacionamento azul<sup>82</sup>.

O evento de maior repercussão ocorreu na praça no dia 26 de agosto de 1984, foi a 1º Ocupação Cultural da Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão (FACIBEL)<sup>83</sup>. A programação contou com música, feira de artesanato, rua do lazer,

<sup>81</sup> O modulo policial na praça tinha por objetivo o policiamento preventivo e atendimento ao trânsito. (JI, Ed. 210, 1982).

<sup>82</sup> Estacionamento regulamentado e cobrado. Incluí as ruas: Avenida Júlio Assis Cavalheiro, rua Antonina até a rua Palmas, rua São Paulo, rua Ponta Grossa até a Travessa Freio Deodato, Avenida Antonio de Paiva Cantelmo, rua São Paulo até a Avenida Antonio de Paiva Cantelmo, rua Tenente Camargo e rua Ponta Grossa. (JB, Ed. 1.065, 1997).

<sup>83</sup> A FACIBEL em 1999 se transformou na atual UNIOESTE.

barracas com comidas típicas, corrida rústica, prova ciclística e palestras. Nas barracas de comidas típicas, baianas serviam vatapá e moqueca. O Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Recordando os Pagos se fez presente com atrações; os jornais do município participaram mostrando seus arquivos e o processo de montagem do jornal; houve exposição de pinturas de artistas beltronenses. A ocupação cultural repercutiu positivamente, movimentou a Praça com muitos transitantes. (JI, Ed. 287, 290 e 292, 1984).

Em 1984, houve uma movimentação por parte da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) na organização da decoração de Natal, na Praça. Segundo o diretor da CDL há muito tempo não se via um natal decorado na cidade. (JI, Ed. 293, 1984).

O aniversário de 32 anos de emancipação do município foi comemorado também no local, com o hasteamento da bandeira e a apresentação da banda da 2ª Companhia de Infantaria (JI, Ed. 306, 1984). Entre outras celebrações políticas, como a comemoração da vitória à presidência de Tancredo Neves em 1985. (JI, Ed. 312, 1985).

A Praça EVS, a praça da Liberdade e todo o centro da cidade foram remodelados em um processo de reurbanização em setembro de 1988 (FS, Ed. 974, 1988). O responsável foi o arquiteto Dalcy Salvati, que considerou cinco itens para remodelar o local:

1º) Modificar o aspecto urbano atual visando deixar a cidade com um aspecto agradável, humana e moderna; 2º) Orientar e disciplinar o trânsito no centro da cidade; 3º) Devolver a cidade ao homem, criando-se maiores áreas de circulação para o pedestre; 4º) Retirar o tráfego da passagem e de caminhões na avenida e da área central; 5º) Valorizar as demais ruas da área central, visando torná-las propícias à utilização comercial. (FS, Ed. 974, 1988, p. 15).

Diversos aspectos estruturais da área central da cidade foram modificados. O projeto visou nova arborização, maiores extensões de grama e de flores. Iluminação no estilo: quatro pétalas, luminárias de braço e luminárias pingo d'água. A sinalização da cidade admitiu uma nova orientação e foram instaladas lixeiras, floreiras, abrigos para os pontos de transporte, telefones públicos e caixas de coleta do correio. (FS, Ed. 974, 1988).

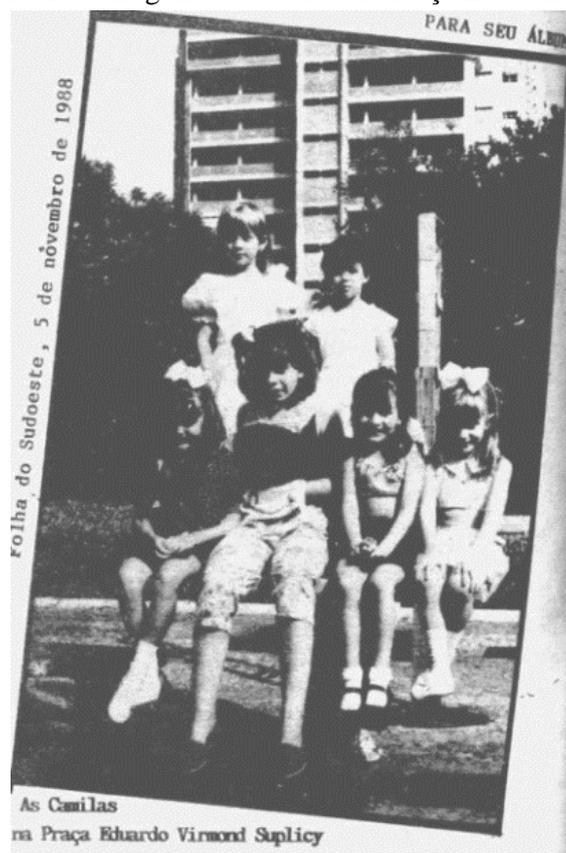
A remodelação da cidade transformou a rua, em frente à Igreja, em calçadão, para facilitar o fluxo de pessoas e as passeatas (FS, Ed. 974, 1988). Porém a abertura do calçadão trouxe descontentamentos, o que demonstra a enquete em matéria no jornal Folha do Sudoeste na qual o munícipe Luiz Carlos Benetti se pronuncia.

Outra coisa que ninguém está aceitando é o fechamento da Avenida em frente à Concatedral, veja o que aconteceu no dia Sete de Setembro, o desfile que sempre era realizado ali, teve de ser transferido para a União da Vitória. O estacionamento ficou bom, mas diminuiu o número de vagas. (FS, Ed. 975, 1988, p. 5).

O munícipe faz crítica à falta de espaço para o estacionamento, o que entra em desacordo com o item 3º, cujo propósito foi desenvolver a cidade ao homem, criando maiores áreas de circulação para o pedestre. O relato demonstra que o munícipe prefere a área para estacionamento.

Outro evento curioso também ocorreu, quando seis meninas chamadas Camilas<sup>84</sup>, passeavam pela Praça e pousavam para fotografias, em um acontecimento organizado pelo jornal Folha do Sudoeste, a fim demonstrar como o nome se popularizou. As Camilas passearam, no dia 5 de novembro de 1988, em plena primavera, fato registrado pelas lentes do fotógrafo da Folha da Criança. As Camilas na imagem<sup>85</sup> a seguir.

**Figura 26** - Imagem das Camilas na Praça EVS em 1988.



Fonte: FS, Ed. 982, 1988, p.16.

<sup>84</sup> Os nomes completos e idades das Camilas: Camila de Cássia Soares Garcia de 5 anos, Camila Slongo Pegoraro de 6 anos, Camila Pietrobom de 6 anos, Camila Andréia Bernardon Úrio de 7 anos, Camila Barbieri de Oliveira de 7 anos e Camila Tochetto de 10 anos. (FS, Ed. 982, 1988).

<sup>85</sup> A imagem foi retirada de um jornal antigo e possui resolução baixa.

As Camilas passearam pela Praça, tiraram margaridas, tomaram sorvete e pousaram para a foto. A matéria do jornal relata que o local neste período estava todo florido. (FS, Ed. 982, 1988).

Nos últimos meses de 1989 a Praça EVS foi marcada pelos comícios dos políticos Brizola, Maluf e Lula. Conforme imagens dos comícios a seguir.

**Figura 27** – Imagem dos comícios na Praça EVS em 1989.

FRANCISCO BELTRÃO, 14 de outubro de 1989 FOLHA DO SUDOESTE

## Brizola diz que pesquisas não revelam situação

Quinta-feira, 12 de outubro, o candidato de número 2 à sucessão presidencial José de Moura Brizola seguiu a Francisco Beltrão o Dia da Criança, meta prioritária de seu plano de trabalho. Brizola desceu no aeroporto municipal com uma hora e meia de atraso, onde concedeu entrevista à imprensa, e se dirigiu ao alçadão da Catedral Nossa Senhora da Glória, local em que chegou exatamente às 12 horas, quando foi recebido por cerca de oito mil pessoas segundo observadores. candidato do PDT, em seu pronunciamento, deu como certa a sua vitória em 15



... não podem nos impor cláusulas de natureza colonial. Vamos dizer a eles que só poderemos pagar a nossa dívida se observarem a campanha eleitoral. Vou ver que todos os presidentiáveis também estão preocupados com Brizola.

FRANCISCO BELTRÃO, 11 de novembro de 1989 FOLHA DO SUDOESTE Pág. 03

## LULA PROMETE PRIORIDADE PARA O SETOR DA AGRICULTURA

Lula Inácio Lula da Silva, candidato do PT à sucessão presidencial, desceu em Francisco Beltrão no último sábado ocupando prioridade a agricultura, o açúcar e o algodão. Falou sobre a reforma agrária e criticou as autoridades de Sítio Santos e Colina, "uma reserva para arrecadar as forças populares, que não vai dar certo".

O presidente Lula Inácio Lula da Silva, PT, chegou em Francisco Beltrão, no último sábado, dizendo que "vão voltar a viver com Colina, com Sítio e agora com Sítio Santos. Não vão derrotar as forças populares que conhecem claramente aqueles que deixaram o país nesta situação caótica em que se encontra. Lula, que desceu no aeroporto municipal de Francisco Beltrão, às 14h30m, acompanhado de seu vice, José Bisol, afirmou ao sair do avião: "Lula não vem aqui para falar de política, vem aqui para falar de agricultura".

Imprensa que os "constantemente e insistentes ataques que o partido vem sofrendo, representa o desespero da direita. Eles estão sentindo dia a dia o crescimento de nossa candidatura e não se conformam que a vitória do povo está para ser concretizada".

O candidato à sucessão do presidente José Sarney falou sobre o caso "Lubaca", denúncia do candidato Ronaldo Galvão, sobre o desmembramento da Favela "Nova República, núcleo de operações militares".



Mais de sete mil pessoas (segundo a FOLHA) compareceram ao comício de Lula.

FOLHA DO SUDOESTE Pág. 05

## Quem especula ganha, quem trabalha perde, diz Maluf



Cerca de três mil, segundo a Polícia Militar, participaram do comício do candidato a presidente da República Paulo Maluf, na última terça-feira no calçadão.

O prefeito Nelson Neuen, acompanha o presidente Paulo Maluf, durante toda sua estadia em Povo. Beltrão.

Fonte: FS, Ed. 1028, 1989, p.03 e Ed. 1.032, 1989, p.03.  
Adaptado: Autora, 2019.

A imagem registra comícios para disputa à presidência da República. O candidato Brizola foi recepcionado por quase 8 mil pessoas na praça, Lula por 7 mil e Maluf por 3

mil. Os candidatos falaram de suas propostas, na condição de dívida externa do Brasil, nas melhorias no setor agrário e educacional, e ainda criticaram seus opositores. (FS, Ed. 1028 e 1032, 1989).

A Praça EVS, em duas décadas, foi espaço político, de lazer, de trabalho e de turismo. Político por meio dos comícios, das celebrações partidárias, da presença constante do exército e da manifestação do povo a favor de seus direitos. Espaço do lazer e cultura por meio das gincanas e eventos culturais. As reformas também deram visibilidade ao lugar para o turismo, reforçaram os eventos do Natal e do Carnaval. Também, do trabalho, representado pelos comércios, como: o ponto de café, a banca de revistas, a lanchonete, e ao redor a aglomeração de agências bancárias.

A seguir, alguns acontecimentos, ocorridos na década de 1990 a 2009, evidenciando os eventos educacionais desde que ela foi inaugurada.

### **2.3 Modificações estruturais e eventos educacionais**

A partir deste momento, retrataremos as modificações no espaço da Praça, bem como a inserção de monumentos e de estruturas para o uso da população. Além disso, os acontecimentos educativos que ocorreram na Praça e em seu calçadão. Os eventos permeiam o ano de 1990 e 2009.

No início da década de 1990 houve a reativação do cinema, em frente à Praça EVS, no que chamaram no jornal de “*local na área nobre da cidade*”. (JB, Ed. 68, 1990, p. 22).

Em março de 1991 a Secretaria Municipal de Saúde instalou uma estrutura para a campanha nacional de testes de diabete. Entre os 600 testes oferecidos para a população e constataram 40 casos. No mesmo ano, houve a manifestação popular de agricultores e estudantes no calçadão. Os agricultores reivindicavam providências referentes à crise agravada pela seca e os estudantes em defesa da escola Pública. A manifestação gerou críticas da população que não levou a sério o movimento, dizendo que não surtiria efeito. A jornalista da matéria rebateu as críticas enfatizando a importância das reivindicações nos espaços públicos. (JB, Ed. 93, 1991).

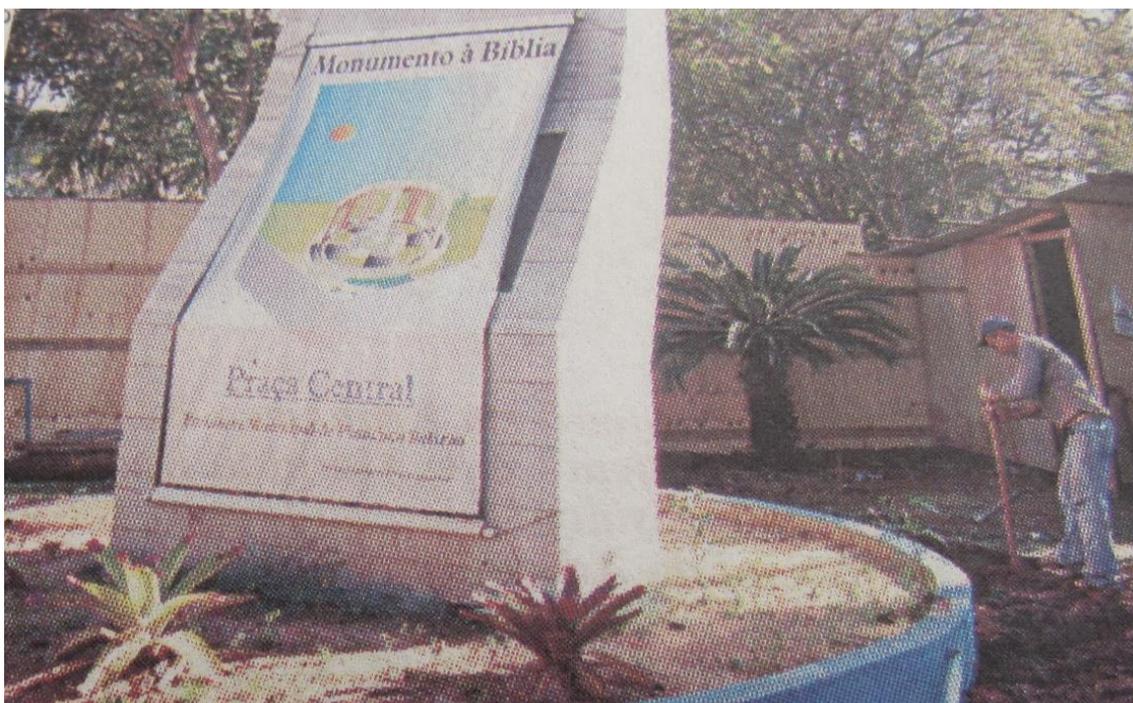
Mal percebem essas pessoas a importância histórica destas manifestações Públicas. Mal sabem eles que o governo não faz favor algum atendendo às reivindicações da população, apenas cumpre a sua função. [...] Mas nós podemos lutar. Lutar e revolucionar. E a arma é a voz, é o voto, é a discussão, é invadir a praça, é cobrar nossos direitos. (JB, Ed. 100, 1991, p. 2).

O movimento ganhou visibilidade a partir do momento que alcançou o espaço público. Portanto, a Praça possibilitou a expressão da voz popular, das vontades e dos anseios do povo. Mas como espaço público, foi utilizado para finalidades diversas, em prol da necessidade dos grupos sociais.

Em dezembro de 1991 a Praça EVS recebeu o monumento da Bíblia. Ele se localiza em uma das periferias, do lado contrário da Igreja. Monumento já passou por modificações estéticas, sendo uma delas em 2006. Foram disponibilizados R\$ 19.099,00, para instalação de um pórtico, iluminação, restauração do mármore e a inserção de um texto bíblico (JB, Ed. 3.329, 2006). Na imagem a seguir, o registro do monumento, antes e no período da remodelação.

**Figura 28** - Imagem do Monumento da Bíblia no decorrer e após a remodelação em 2006.





Fonte: DEPARTAMENTO DA CULTURA DE FRANCISCO BELTRÃO, 2006; JB, Ed. 3.329, 2006, p. 01.

A primeira imagem caracteriza o monumento antes da remodelação, e o seguinte processo que o modificou. A figura a seguir demonstra o resultado da remodelação.

**Figura 29** - Fotografia do monumento da Bíblia na Praça EVS em 2019.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

O monumento à bíblia ressalta a religiosidade. Em maio de 1992, o grupo Tarca no Tempo promoveu na praça uma mateada<sup>86</sup> em homenagem ao dia das mães (JB, Ed. 204, 1992). No ano seguinte outra mateada, em comemoração da Semana Farroupilha. O evento se estendeu com hasteamento da bandeira, missa crioula, apresentação do programa Tarca do Tempo e o Programa Piquete Crioulo no calçadão. (JB, Ed. 346, 1993).

Em setembro de 1993 foram montados postos volantes para a arrecadação de notas fiscais, dos beltronenses. O objetivo foi incentivar o pedido de notas fiscais, nas compras. A campanha sorteou prêmios no decorrer dos meses até fevereiro de 1994, ao qual realizaram o sorteio do prêmio principal, um carro novo. (JB, Ed. 350, 1993).

No dia 14 de dezembro de 1993 foi inaugurado o monumento da cuia, em um evento na Praça EVS, em comemoração ao 41º aniversário do município<sup>87</sup>. Foi uma reivindicação feita pelo Grupo Tarca do Tempo, que iniciou suas atividades em fevereiro de 1992. Na inauguração esteve presente autoridades como o prefeito João Arruda, o vice Vilmar Cordasso, vereadores, Elóis Rodrigues coordenador do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná (MTG), Gervásio Kramer presidente do CTG e demais tradicionalistas. (JB, Ed. 383, 1993). A imagem da inauguração.

**Figura 30** – Imagem da inauguração do monumento da Cuia em 1993.



Fonte: ESPAÇO DA ARTE DE FRANCISCO BELTRÃO-PR, 1993.

<sup>86</sup> Rodas de pessoas para tomar chimarrão.

<sup>87</sup> A data de aniversário do município foi modificada após alguns anos para dia 14 de novembro.

Tradicionalistas e até o prefeito estavam pilchados<sup>88</sup> para a solenidade. Na lateral esquerda está o monumento da cuia, com seus 3 metros de altura. A ideia da cuia gigante, surgiu do Sr Elois Rodrigues, que pensou no projeto baseado na cuia gigante em Medianeira-PR.

O monumento da Cuia é em homenagem aos tradicionalistas que mantiveram o costume de tomar o chimarrão. Entre os tradicionalistas, Adão de Borba, Antônio da Luz, Boaventura da Luz, Edi Luiz Casanova, Elpídio Merísio, Gean Benetti, Hermógenes Dalla Costa, Hélio Vanzin, João Batista Lopes, Jaime Xavier da Rocha, Luiz Zibeti, Nelson Sanderson, Simão Flores, Valdecir Maciel e Valdemir Ferreira da Luz. (JB, Ed. 383, 1993).

**Figura 31** - Fotografia do Monumento da Cuia na Praça EVS em 2019.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

A erva mate foi o principal produto de subsistência dos paranaenses, por cerca de cem anos (LAZIER, 2004). A extração da erva-mate para venda era comum na região, e

---

<sup>88</sup> De vestimentas gaúchas.

acompanhou o pioneirismo. Os pioneiros colhiam a quantidade suficiente para comprar produtos que garantiam a sua sobrevivência. (SILVA, 2010).

O Natal de 1993 recebeu painéis pintados a mão, pela Associação de Proteção a Maternidade e a Infância (APMI), que foram espalhados pela praça e na Avenida Júlio Assis Cavalheiro, além de um pinheiro e o papai Noel. (JB, Ed. 378, 1993).

O céu de Francisco Beltrão foi observado, da Praça por três dias, pelo astrônomo Sandro Coletti<sup>89</sup>, Elton Dias<sup>90</sup> e outros beltronenses que utilizaram lunetas. Segundo Sandro a observação foi facilitada pelo céu limpo de poluição e a quantidade reduzida de luzes da cidade. (JB, Ed. 505, 1994).

O primeiro open de vôlei de areia no calçadão ocorreu em novembro de 1994, por nove dias. O evento reuniu 192 duplas do município e de outras cidades. O primeiro dia surpreendeu os organizadores, devido à quantidade de pessoas que compareceram e à animação da torcida. (JB, Ed. 509 e 513, 1994).

Em 1996 o prefeito João Batista de Arruda submeteu o projeto de lei nº 2.547/96 no qual o calçadão, trecho da Avenida Júlio Assis Cavalheiro, foi incorporado a Praça. O calçadão foi construído na administração de Guiomar de Jesus Lopes, na década de 1980, entretanto não era considerado oficializado como um espaço pertencente a Praça EVS. (JB, Ed. 875, 1996).

Um ano após a oficialização do calçadão, como trecho da Praça, os moradores do centro da cidade se organizaram e fundaram a CDL, com o intuito de influir em decisões da cidade. Uma das pautas era discutir sobre o calçadão. (JB, Ed. 1.059, 1997).

Em agosto de 1998 a Praça EVS recebeu o monumento à Maçonaria. Inaugurado na I Semana Maçônica, teve como objetivo informar a população sobre a entidade. Neste evento a maçonaria promoveu palestras. (JB, Ed. 1.316, 1998).

---

<sup>89</sup> Integrante da equipe do astrônomo José Luiz da Silva. (JB, Ed. 505, 1994).

<sup>90</sup> Professor de Física. (JB, Ed. 505, 1994).

**Figura 32** – Imagem da inauguração do monumento à Maçonaria na Praça EVS.



Fonte: JB, Ed. 1.318, 1998, p.01.

Na inauguração estiveram presentes o prefeito Guiomar de Jesus Lopes, o secretário de relações interiores da loja Maçônica do Paraná, Ney Lisboa, o grão mestre do Paraná Gervasio Kramer e os maçons Sidney Pinto, Joseph Tannouri e Eli Ribas. O monumento, formado por uma rocha esculpida com um martelo e um ponteiro, que fazem lembrar a origem da maçonaria. A Maçonaria está presente no município há 44 anos. A primeira Loja em Francisco Beltrão foi fundada em 21 de abril de 1975, atualmente já existem 4 Lojas Maçônicas. Desde o ano de fundação da primeira, a maçonaria atua em Francisco Beltrão. Devido à colaboração da Maçonaria, ao desenvolvimento do município, o poder público municipal entrou em contato com uma das Lojas Maçônicas expondo o interesse de erigir um monumento. O prefeito municipal João Batista de Arruda e o Venerável Mestre da Loja foram os responsáveis pela decisão do lugar ao ser inserido o monumento, na Praça EVS. (JB, Ed.1.316, 1998).

O monumento à Maçonaria é representado por uma rocha bruta, semitrabalhada, com os instrumentos históricos de trabalho da maçonaria, o maço e o cinzel. A rocha semitrabalhada representa o homem maçom, que busca o constante desenvolvimento e aperfeiçoamento de seu caráter e espírito. Mas que como a rocha que está parcialmente lapidada, nunca chegará à perfeição. Sobre o significado deste monumento o maçom entrevistado (Apêndice I) enfatizou:

*O monumento é hoje como uma sentinela na praça, lembrando: Aos maçons, suas responsabilidades com o Município; Ao Poder Municipal, a certeza de que pode contar com a Maçonaria para realização de ações em prol do desenvolvimento da cidade; e aos cidadãos, a conscientização de que, além dos órgãos públicos a maçonaria está presente auxiliando na busca de melhores condições de vida da nossa população. (MAÇOM, 2019).*

No dia 15 em agosto de 1999 houve o lançamento da pedra fundamental da Torre da Concatedral, um monumento turístico-religioso. A solenidade foi presidida pelo bispo Dom Agostinho.

Esta obra há de ser, neste final de século e limiar de um novo milênio, monumento indestrutível e marco perene da celebração dos dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo, Sol de Justiça, Redentor e Libertador. A torre será como uma grande seta a apontar para o infinito, a recordar a todos a meta final, definitiva, único sublime ideal humano. (JB, Ed. 6.764, 2019, p.05).

O padre Celestino Munaro se refere à torre como um monumento referente ao aniversário de Cristo. Na imagem a seguir, a torre, localizada ao lado da Igreja Nossa Senhora da Glória.

**Figura 33** - Fotografia da Torre da Concatedral em 2019.



Fonte: Autoria própria, 2019.

A construção da torre iniciou na década de 1999 e previa altura de 100 metros (JB, Ed. 6.764, 2019). O arquiteto responsável pelo projeto foi Dalcy Salvatti. É a primeira, de 42 igrejas matrizes da diocese (JB, Ed. 1.557, 1999). A obra foi orçada em R\$ 190.000,00, mas ultrapassou o valor. Para arrecadação de fundos foram realizados bingos, jantares, arrecadações dos munícipes que contribuíram com pagamentos mensais diretamente acrescentados na conta de luz (JB, Ed. 2.296, 2002). Os recursos eram arrecadados pela Associação dos Amigos da Torre da Concatedral (ASTECC). Devido à falta de recursos, as obras foram paralisadas em diversos momentos, no decorrer dos anos (JB, Ed. 2.444, 2003). Em 2006 a ASTECC já havia arrecado R\$ 420.000,00. (JB, Ed. 3.333, 2006).

Em 2008, a Torre da Concatedral recebeu recursos do departamento do turismo por meio do deputado Nelson Meurer, sendo R\$ 390.000,00 do governo federal e R\$ 78.000,00 do município (JB, Ed. 3.671, 2008). O valor final para a construção da torre foi de R\$ 1.867.773,00 (JB, Ed. 6.764, 2019). A inauguração ocorreu no dia 25 de novembro de 2010. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO DE FRANCISCO BELTRÃO, 2020).

A Praça EVS possuía uma lancheria, que foi demolida no dia 05 de janeiro de 2000 (JB, Ed. 1.659, 2000).

**Figura 34** - Imagem da lancheria na Praça EVS em 1999.



Fonte: JB, Ed. 1.468, 1999, p. 01.

A demolição foi a pedido de Arquimedes Toscan, ainda em 1991. A alegação do tribunal dizia que a lanchonete havia sido construída a menos de 30 metros do calçadão e estaria sendo incompatível com os atos religiosos, ferindo o sentimento religioso da comunidade e prejudicando a estética da praça. (JB, Ed. 1.468, 1999).

Em 2003, os arquitetos Dalcy Salvatti e Sonia Faust elaboraram o projeto de construção do *cyber* café, lanchonete, quiosque com banheiros e remodelação do parque infantil. A lanchonete foi a primeira a ser inaugurada no dia 13 de dezembro de 2003 (JB, Ed. 2.601, 2003). O *cyber* café foi inaugurado em 14 dezembro de 2004, concedido à professora Áurea Negri que assinou contrato para explorar por 10 anos. Sonia Faust descreveu o projeto do *cyber* café como moderno, com estrutura metalizada e a cobertura aberta com vidros temperados para observação da Praça de dentro do estabelecimento (JB, Ed. 2.549 e 2.601, 2003). O projeto da construção do quiosque com os banheiros era para o uso exclusivo da lanchonete (JB, Ed. 2.616, 2003). Este uso foi disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão com a abertura de um edital, que concede o uso para 10 anos com possível prorrogação. O parque infantil foi reinaugurado no dia 14 de dezembro de 2005.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) fez manifestação na praça reivindicando a reforma agrária e protestando contra a criminalização dos movimentos sociais. A marcha saiu de Capanema e São Jorge com vista ao calçadão da Praça. O público atingiu 800 pessoas do MST e outros movimentos sociais. (JB, Ed. 3.806, 2008).

**Figura 35** - Imagem da mobilização do MST e outros movimentos sociais no calçadão da praça em 2008.



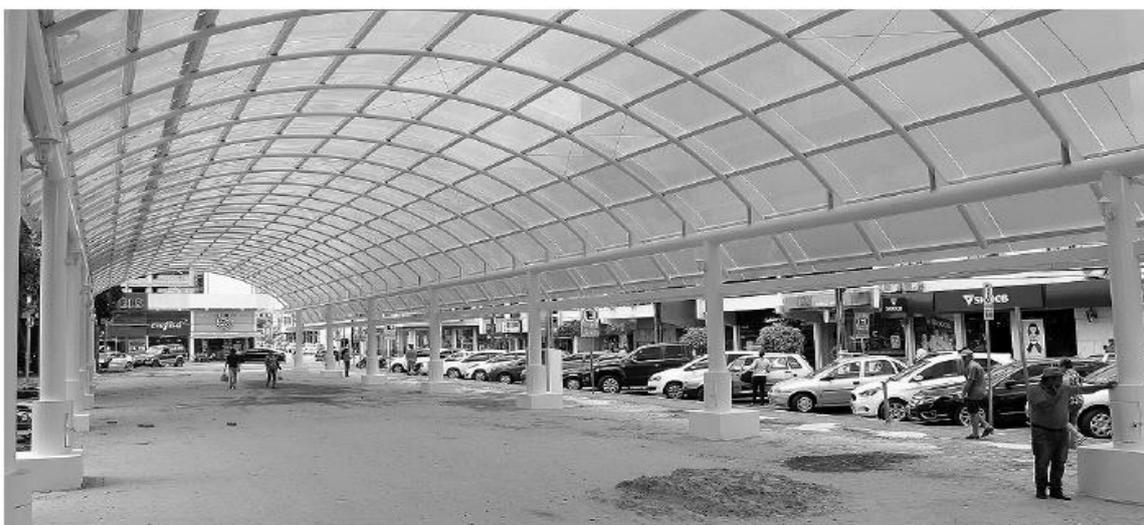
A Praça ficou lotada pelos militantes do MST, que portavam bandeiras e faixas, além de um carro de som, de onde foram realizados os discursos. Vários ônibus que trouxeram as pessoas estacionaram no calçadão e redondezas. (JB, Ed. 3.806, 2008).

Sobre a realização da feira, no calçadão, um agricultor entrevistado no trabalho de Duarte (2018), declarou que a feira ocorria na Praça, a Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão cedia barracas para os feirantes da AF. Também já chegaram a realizar a feira em frente ao Banco do Brasil; próximo à rodoviária; em alguns bairros do município, entre outros espaços. A feira iniciou no ano de 1978, realizada aos sábados. Em 2009 passou para três dias: terça-feira e sábado, pela manhã e na quinta-feira incluindo o turno da noite. (JB, Ed. 4.083, 2009).

Na solenidade em comemoração as modificações da feira, as pessoas comentaram sobre as melhorias na diversidade dos produtos. Entre as modificações da feira está a integração da Vigilância Sanitária. (JB, Ed. 4.100, 2009).

Em 2013, a Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão construiu um espaço próprio para feira e eventos. O estacionamento da Travessa Frei Deodato foi modificado de forma que se condicionou a estas atividades. A inauguração ocorreu no dia 14 de dezembro de 2016. A construção demorou três anos, devido aos trâmites burocráticos de licença ambiental e a desistência da empresa que havia ganhado a licitação da obra. (JB, Ed. 6.096, 2016). Na imagem a seguir a estrutura física da feira.

**Figura 36** - Imagem do espaço para feira e eventos no decorrer da obra em 2016.



Fonte: JB, Ed. 6096, 2016, p.04.

Os feirantes ocupam os espaços em dias diferenciados, na quarta-feira a AF e na quinta-feira o MEI. Porém, no sábado, estes dois grupos dividem o mesmo espaço da praça. A seguir o registro do dia da feira durante a semana.

**Figura 37** – Fotografias das feiras na Praça EVS em 2019.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

Os feirantes da AF e MEI possuem estruturas de boxes distintos, os primeiros organizam os produtos em balcões metálicos e os segundos em barracas e *trailers*. Um feirante da AF relatou que comprou o boxe, isso ocorreu com todos os feirantes, no valor de R\$ 1.800,00. E pagam mensalmente no valor de R\$ 200,00 para que uma empresa fazer o monte e desmonte dos boxes nos dias da feira. Já os feirantes do MEI, reembolsaram de R\$ 480,00 a R\$ 500,00 na compra de boxes e estes mesmos fazem o monte e desmonte.

No sábado, quando estes grupos se encontram, os feirantes da AF montam seus boxes no espaço próprio da feira e os feirantes do MEI, no calçadão. Segundo o relato de um feirante do MEI, isto ocorre por não haver espaço suficiente na cobertura. Portanto, o MEI que possui barracas as quais oferecem a proteção contra a chuva, ocupam o espaço do calçadão, para que a AF usufrua do espaço coberto. A seguir na figura os produtos das feiras.

**Figura 38** – Imagem dos produtos das feiras na Praça EVS.



Fonte: Autora, 2020.

Os produtos comercializados, na feira, são diversos: mel, melado, legumes, verduras, frutas, pamonha, bolo, bolacha, pão, salame, queijo, lanches doces e salgados,

caldo de cana e frutas. A AF comercializa produtos originados do meio rural e os produtos do MEI, são produzidos em domicílio sem a necessidade de propriedades rurais.

Um ano após a inauguração do espaço para os feirantes, iniciaram as obras de revitalização<sup>91</sup> da Praça EVS, pelo prefeito Cleber Fontana. A reinauguração foi no dia 24 de novembro de 2017, juntamente com a abertura do Natal da praça. A seguir as obras da reforma.

**Figura 39** - Imagem da revitalização da Praça EVS em 2017.



Fonte: JB, Ed. 6.326, 2017, p.10.

Houve a construção da estrutura para o chafariz e a reforma do obelisco. O chão em terra demonstra que o piso foi totalmente substituído: postes republicanos, piso com pedras de basalto, chafariz, o obelisco revestido de granito, novos mobiliários<sup>92</sup>, floreiras, playground com grama sintética, entre outros. (JB, Ed. 6.326, 2017).

A imagem a seguir mostra a praça no Natal da reinauguração.

---

<sup>91</sup> Processo realizado por meio de ações de reabilitação, com objetivo de dar vigor, energia a algo ou alguém. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2019).

<sup>92</sup> Mobiliários são os móveis com utilidade para o usuário do espaço, como por exemplo, bancos e lixeiras. (DINIZ et al, 2017).

**Figura 40** - Imagem do Natal na Praça EVS em 24 de novembro de 2017.



Fonte: JB, Ed. 6.335, 2017, p.06.

A abertura do Natal aglomerou mais de 20 mil pessoas, entre crianças, jovens e adultos. O Coral Municipal, no palco, apresentou musical natalino. A praça ficou decorada com cenários que remontaram a história do Natal. (JB, Ed. 6.335, 2017).

O empresário Ismar Mezoni, dono da Discorama que há mais de 30 anos se localiza ao lado da praça, enfatizou a importância do jardim com flores, pois dá cor ao espaço e o torna atrativo. Disse ainda, que a revitalização é fundamental na valorização da praça e que a reforma já deveria ter ocorrido há 20 anos. (JB, Ed. 6.326, 2017).

O senhor Elvico Del Pubel, morador de um edifício no entorno, declara que a Praça estava sendo marcada por sujeira, mendicância e prostituição, que as reformas realizadas anteriormente não surtiram o efeito desejado. (JB, Ed. 6.326, 2017).

Os transitantes relatam que ainda é um lugar de prostituição. Entrevistamos uma prostituta.

A prostituta, uma senhora, estava sentada no banco próximo ao obelisco fazendo ponto de trabalho. Ela caminha 5 km até a praça toda manhã para fazer ponto. Disse que já tentou emprego, distribuiu seu currículo, mas não conseguiu. E essa é a forma que sobrevive, mas mesmo assim pouco consegue. Mesmo com o tornozelo machucado ela ainda vem à praça a trabalho. (DIÁRIO DE CAMPO, 07.01.19).

A senhora declarou não estar conseguindo arcar com suas despesas, por meio da prostituição, e que não conseguiu outro emprego. Além de estar na Praça a trabalho, traz, aos finais de semana, o neto para brincar no parque, então neste dia não faz programa. Ainda que as mulheres mais velhas fazem programa por valores mais baixos, e se encontram nas praças e nas ruas. Os programas custam entre R\$ 20,00 e R\$ 40,00. As mulheres usam o espaço público para marcar o encontro que se confirma em quartos de hotéis, próximos à Praça EVS e da rodoviária. A maioria dos programas é feito durante a noite. (SILVA, 2013).

A prostituição e a mendicância na praça foram citadas nas entrevistas como problema: “[...] *prostituição próximo do parquinho.*” (TRANSITANTE 4, SJ), “*Prostitutas, pessoas de ruas, algumas famílias não vem por isso. Eles vem durante o dia.*” (TRANSITANTE 10, SJ), “*Ouvi contarem que é ponto de encontro de mulheres.*” (TRANSITANTE 4, SF), “[...] *prostitutas, passamos por constrangimentos, pois quando vamos ao banheiro somos confundidas com prostitutas.*” (FEIRANTE AF 8), “*Prostituição, vejo fazer ponto, agora diminuiu, acho que devido as atividades que estão acontecendo aqui.*” (FEIRANTE MEI 10), “*Frequência de prostituição, de 3 a 4 mulheres.*” (COMERCIANTE 2), “*Poluição de pessoas, prostituição.*” (COMERCIANTE 26) e “*Acúmulo de pessoas de rua é um pouco ruim.*” (COMERCIANTE 4).

Para alguns entrevistados a prostituição continua sendo um problema. Para comerciantes a presença de pessoas de rua e prostitutas prejudica o local. Segundo um feirante do MEI, quando há evento na Praça, como no caso do dia da entrevista, estava ocorrendo o campeonato de vôlei de areia no calçadão, as prostitutas não são vistas. Porém, outra feirante relatou que não vê problema com a prostituição, e se mostrou solidarizada com a prostituição e mendicância.

[...] na praça há prostituição, mas não vê como problema, pois a praça é Pública e estas pessoas merecem tentar seu sustento da forma que preferem ou são sujeitas [...] disse que os mendigos não lhe incomodam tanto, mesmo que tenha os folgados, mas que nunca negará comida a uma pessoa que passa fome. (DIÁRIO DE CAMPO, 04.04.19).

Entretanto, a prostituição não é vista como um problema para quem faz dela uma forma de subsistência, já que essa profissão é uma saída. A prostituição está associada à vulnerabilidade da mulher, na busca por remuneração quando não tem qualificação para um emprego. As transformações no espaço da Praça EVS ocorreram como forma de

erradicar a mendicância e prostituição e a persistência pode ser explicada. Gomes (2013) diz que ao se reformular espaços realizam-se tentativas de criar sistemas de condutas. Mas na prática de fato isso não acontece, porque não há como antecipar modos na dinâmica social.

O prefeito Cleber Fontana explicou o fato que o levou a revitalizar o local em 2017, dizendo que ali é como um cartão postal da cidade e que estava se sentindo incomodado com seu estado.

A praça é o lugar onde todos nós passeamos, onde levamos parentes visitar e as crianças para tomar um sorvete ou ir ao parquinho. E nossa praça tem uma história linda, ponto central de tantos eventos, monumentos que nós temos aos pioneiros, ao Getsop, está tudo na praça. Então a praça tem que ser bonita, é o nosso cartão de visitas. (JB, Ed. 6.326, 2017, p.10).

A administração investiu na reforma de parques e praças porque compreende essa ação como uma contribuição na melhora da qualidade de vida da população. (JB, Ed. 6.326, 2017).

O último monumento inserido na Praça se refere a Associação de Senhoras Rotarianas (ASR). O objetivo da associação é promover a paz, o companheirismo e a união. A ASR atua no município prestando contribuições à comunidade, entre as conquistas estão bibliotecas para escolas e uma horta no Condomínio do Idoso. (JB, Ed. s/n, 2008).

O monumento da Associação de Senhoras do Rotary foi inaugurado em meio a este processo de pesquisa. Portanto, acompanhamos sua inauguração e realizamos registros.

A inauguração no dia 2 de agosto de 2019 comemorou os 50 anos da ASR, que se constituiu, legalmente, no dia 2 de agosto de 1969. O memorial é no formato de um livro que representa o passado, presente e futuro da associação, como demonstra a fotografia.

**Figura 41** – Fotografia do Monumento da ASR frente e verso em 2019.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

Nas faces do monumento constam listas de presidentas do Rotary, as integrantes da associação, as fundadoras e o histórico desde o início do Rotary, com o Dr Mario Vargas Junqueira da Rocha.

Na solenidade de inauguração o prefeito Cleber Fontana enfatizou a importância do memorial na Praça.

*O Rotary simboliza muito do nosso progresso. Que privilégio poder estar aqui hoje junto desses 50 anos onde se solidifica e perpetua um monumento, para que todos que passem na praça saibam da história e valorizem o trabalho da ASR.* (PREFEITO MUNICIPAL, 2019).

O monumento é o primeiro memorial da ASR construído em praça pública no Brasil. O primeiro evento ocorreu em 1984, que foi a Ocupação Cultural de Acadêmicos da Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão (FACIBEL). No decorrer dos anos, houve outros eventos culturais, como podemos observar no quadro a seguir.

**Quadro 02** – Eventos culturais na Praça EVS de 1984 a 2008.

Ano	Mês	Edição	Caráter	Evento
1984	Agosto	287, 290 e 292	Educação Superior	Ocupação cultural de acadêmicos de Economia Doméstica e Estudos Sociais da Facibel.
1998	Março	1.213	Educação Básica	Teatro no calçadão para Escolas Municipais.
	Outubro	1.361	Educação Básica	Teatro sobre conscientização ambiental para Escolas Municipais.

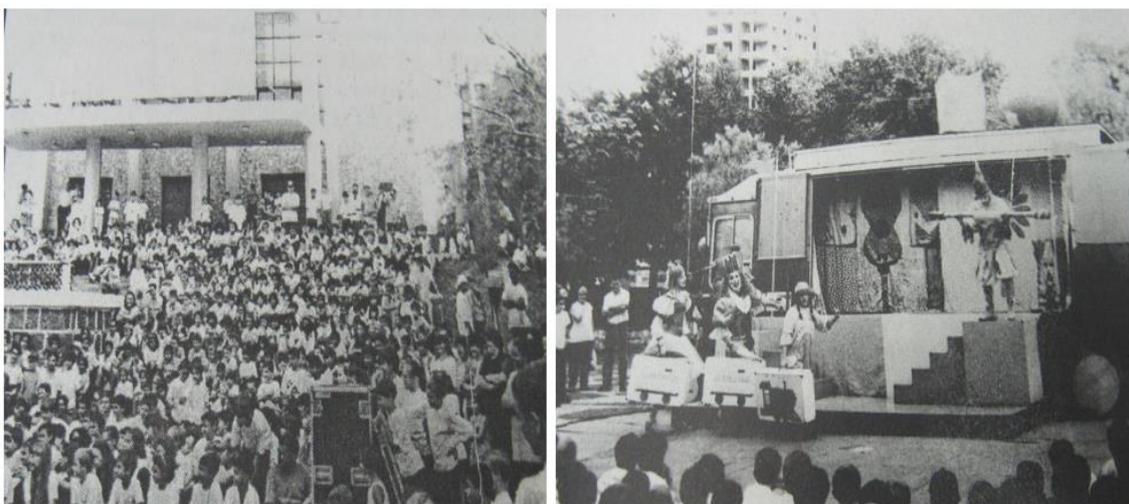
<b>1999</b>	Maio	1.492	Educação Básica e Especial	Teatro sobre reciclagem com Escolas e Apae.
<b>2000</b>	Maio	1.748	Educação Básica	Teatro na praça do projeto da Secretaria Estadual da Cultura.
<b>2004</b>	Abril	2.735 e 2.740	Educação Superior	Aula sobre História do Brasil pela UNIPAR.
<b>2006</b>	Abril	3.236	Educação Básica	Festival de Arte da Rede Estudantil (Fera) promove encontro dos estudantes.
<b>2007</b>	Outubro	3.607	Educação Superior	Homenagem ao cinquentenário da revolta de 1957 com lançamento do livro “Revisitando a história” de estudantes da UNIPAR.
	Novembro	3.625	Educação Básica	Feira do Livro.
<b>2008</b>	Setembro	3.835	Educação Básica	Festival escolar de xadrez da 2ª Mostra Pedagógica das Escolas
	Outubro	3.850	Educação Básica	17ª Feira do livro

Fonte: JI, 1984; JB, 1991-2008.

Adaptado: Autora, 2020.

Após 14 anos do primeiro evento, em 1998, ocorreu um teatro na Praça. O projeto “O teatro vai à escola” da Secretaria Estadual da Cultura do Paraná e do Centro Cultural do Teatro Guaíra, surgiu para que crianças pudessem assistir peças em cidades sem teatro. Devido à dificuldade de levar o teatro à escola que as peças foram apresentadas ali. Francisco Beltrão foi a primeira cidade a receber o trilha da cultura, na turnê de 1998. Registro do acontecimento na imagem a seguir.

**Figura 42** – Projeto “O teatro vai à escola” na Praça EVS em 1998.



Fonte: JB, Ed. 1.213, 1998, p. 01 e 09.

A praça e o calçadão lotaram de estudantes, professores, funcionários de estabelecimentos comerciais e pessoas que trafegavam nas proximidades da praça.

Em 1999 e 2000, o teatro abordou questões ambientais, promovido pela ASR, Sesc, Departamento de Cultura e Secretaria de Planejamento de Francisco Beltrão. Também em 2000 aconteceu o teatro do comboio cultural, outra promoção da Secretaria Estadual da Cultura do Paraná. Os estudantes do Fera, de quatro núcleos da Educação do Paraná, promoveram uma passeata que finalizou na Praça. O evento foi organizado pelos Núcleos Regionais de Educação do Paraná.

As Instituições Sesc, Livrarias Dalba Center e Renascer, papelarias, 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, Secretaria da Saúde, Departamento Beltronense de Trânsito (DEBETRAN) e a Ong Icnos promoveram a feira do livro 2007 e 2008, com exposição de livros, apresentação de teatro, palestras para professores, tendas de: conto de histórias, Educação no Trânsito e controle da Dengue. Também houve o Festival de Xadrez da Secretaria Municipal de Educação, que contou com a participação de 600 estudantes de 21 Escolas Municipais, com a presença do mestre internacional de xadrez Jaime Sunye Neto. A seguir podemos verificar os eventos políticos que ocorreram na praça.

**Quadro 03** – Eventos políticos na Praça EVS de 1991 a 2005.

Ano	Mês	Edição	Caráter	Evento
1991	Abril	100	Educação Básica	Manifestação popular de estudantes.
1996	Abril	739 e 741	Educação Superior	Protesto de estudantes da FACIBEL que tiveram aula na praça.
1998	Setembro	1.345	Educação Básica	Trabalhos sobre política de Escolas Estaduais
1999	Junho	1.522	Educação Básica	Protestos político pela Educação de professores e estudantes do Colégio Estadual Mario de Andrade.
2000	Abril	1.725	Educação Básica	Protesto de professores por reajuste salarial.
	Maio	1.751 e 1.752	Educação Básica	Greve de professores com o apoio de estudantes.
	Maio	1.755	Educação Básica	Greve de professores com vigília de estudantes.
	Junho	1.766	Educação Básica	Greve de professores promovida pela Sindicato de Trabalhadores em Educação Pública (APP).
2001	Novembro	2.132	Educação Básica	Manifestação contra as drogas de professores e estudantes chega até o calçadão.
2003	Março	2.463	Educação Superior e Básica	Manifestação pela paz com estudantes de Pedagogia da Universidade Paranaense (UNIPAR) e Colégios Estaduais do município.
	Abril	2.478	Educação Básica	Manifestação pela paz de todos os colégios municipais, estaduais e particulares do município.

<b>2004</b>	Setembro	2.843 e 2.844	Educação Superior	Manifestação de Acadêmicos do curso de Administração da Unioeste.
<b>2005</b>	Outubro	3.111	Educação Superior	Manifestação de acadêmicos dos cursos de Biologia, Biomedicina, Nutrição e Enfermagem da UNIPAR contra o ato médico.

Fonte: JB, 1991-2005.

Adaptado: Autora, 2020.

O primeiro evento político ocorreu em 1991 e aglomerou estudantes da Educação Básica em defesa à escola Pública. A maioria dos eventos são manifestações, de professores, estudantes e acadêmicos, reivindicando o reajuste salarial e o direito ao ensino público de qualidade. Os estudantes se uniram com os professores à luta, como é o caso dos protestos em 1999 e 2000. Somente uma manifestação da Instituição de Educação Superior e particular da Universidade Paranaense (UNIPAR) contra o ato médico.

A apresentação de trabalhos sobre política de Escolas Estaduais, em 1998, foi organizada pelo Núcleo Regional de Educação de Francisco Beltrão e ocorreu em meio ao período de eleições. Vejamos na figura a seguir registro das apresentações dos estudantes.

**Figura 43** – Imagens de estudantes em atos políticos na Praça EVS em 1998.



Fonte: JB, Ed. 1.345, 1998, p. 01 e 16.

O evento se chamou “Canal aberto para o adolescente”, uniu seis colégios com o objetivo de discutir questões sociais no espaço público. Os estudantes proclamaram textos e poesias sobre corrupção e conscientização do voto, e ainda, houve apresentação de dança.

Em 2001 e 2003, ocorreram manifestações por iniciativa de Escolas Públicas e Particulares. Voltadas aos malefícios das drogas, reivindicações pela paz frente à Guerra no Iraque e à violência no cotidiano dos estudantes. A seguir, eventos ocorridos na praça.

**Quadro 04** - Semanas comemorativas na Praça EVS de 1996 a 2009.

Ano	Mês	Edição	Caráter	Evento
1996	Junho	762	Educação Básica	Semana do Meio Ambiente - Colégio Reinaldo Sass distribuí mudas de árvores para a população.
	Setembro	825	Educação Básica	Semana da Pátria - Escolas realizam o hasteamento da bandeira.
1997	Abril	960, 961, 967, 968, 970 e 973	Educação Básica	Semana da Saúde - participação de Escolas Municipais e Estaduais do município.
	Agosto	1.067 e 1.069	Educação Especial	Semana do Excepcional - participação dos estudantes da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).
	Setembro	1.087	Educação Básica	Semana do Trânsito - participação de três Escolas.
1998	Setembro	1.325	Educação Básica	Semana da Pátria - participação de estudantes de Colégios Estaduais.
1999	Setembro	1.576	Educação Básica	Semana da Pátria - ascendimento da tocha olímpica e hasteamento da bandeira.
	Setembro	1.589	Educação Básica	Semana do Meio Ambiente - estudantes do Colégio Estadual Dr Eduardo Virmond Suplicy plantaram uma muda de pau Brasil.
	Outubro	1.610	Educação Básica	Semana da Saúde Bucal - participação de professores e estudantes de Escolas.
2000	Maio	1.749	Educação Básica	Semana do Combate à Dengue - visitaçao de Escolas.
	Setembro	1.826	Educação Básica	Semana da Pátria - ascendimento da pira olímpica e hasteamento.
2001	Setembro	2.076 e 2.077	Educação Básica	Semana da Pátria - hasteamento e apresentações cívicas, culturais, esportivas e recreativas.
2004	Setembro	2.842	Educação Básica	Semana do Trânsito - anuncia as redações vencedoras escritas por estudantes, participaram 5º séries de 12 Escolas.
2005	Junho	3.014	Educação Básica	Semana do Meio Ambiente – participação de Escolas.
	Agosto	3.079	Educação Básica	Semana da Pátria - participação de 10 Escolas e apresentações culturais de estudantes.
2006	Setembro	3.331	Educação Básica	Semana da Pátria - participação de estudantes e professores e declaração de poemas por duas estudantes.
	Setembro	3.338 e 3.342	Educação Básica	Semana do Trânsito.
2009	Setembro	4.082	Educação Básica	Semana da Pátria - participação de estudantes e professores de Escolas Públicas e Particulares.

Fonte: JB, 1996-2009.

Adaptado: Autora, 2020.

Os eventos da Semana da Pátria foram frequentes no período de 1996 a 2009, exceto 2004. Foram realizados por intermédio da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, durante os meses de setembro na data que marca a Independência do Brasil. Estudantes e professores de Escolas Públicas e Particulares participaram.

A Semana do Meio Ambiente ocorreu em três anos: 1996, 1999 e 2005, com a participação de Escolas da Educação Básica. Em 1996 foi promovida pela Secretaria de Estado e Meio Ambiente (SEMA) e Instituto Ambiental do Paraná (IAP). A programação incluiu a visita dos estudantes ao lixão, mutirão de limpeza, plantio de árvores no Parque de Exposições Jaime Canet Júnior e distribuição de mudas no calçadão pelos estudantes. Na Semana do Meio Ambiente de 1999 os estudantes do Colégio Estadual Dr Eduardo Virmond Suplicy plantaram uma muda de pau Brasil na Praça EVS, conforme a imagem a seguir.

**Figura 44** - Estudantes do Colégio Dr Eduardo Virmond Suplicy e professores plantando muda de pau Brasil na Praça EVS em 1999.



Fonte: JB, Ed. 1.589, 1999, p.01.

A atividade ocorreu por meio do projeto dos professores Evaristo Castanha e Ilza Kozik, que visou o plantio de 500 mudas de pau Brasil, em Francisco Beltrão. A Semana do Meio Ambiente de 2005 foi comemorada no dia mundial do Meio Ambiente, organizada pelas Secretarias Municipais do Meio Ambiente, Educação, Saúde,

Agricultura e Vigilância Sanitária. Houve distribuição de mudas e banners, e exposição de maquetes.

A Semana da Saúde de 1997 e 1999 ocorreu com a participação de professores e estudantes de escolas municipais. A Semana do Combate à Dengue ocorreu somente na data de 16 de maio de 2000.

A Semana do Trânsito foi associada às instituições: 30ª Circunscrição Regional de Trânsito, Debetran, Núcleo Regional de Educação, Secretaria Municipal de Educação, Polícia Militar e Rodoviária, Corpo de Bombeiros, Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Paraná (DER/PR), Escola Prática Educativa de Trânsito, Departamento de Trânsito do Paraná (DETRAN/PR) e Sesc. Os trabalhos com os estudantes foram voltados à conscientização e melhoria do trânsito. Em 2006, as atividades foram direcionadas ao trânsito de motociclistas devido ao aumento dos acidentes fatais.

Comemorada na praça em 1997 a Semana do Excepcional está ilustrada na figura a seguir.

**Figura 45** – Imagens de estudantes excepcionais na Praça EVS em 1997.



Fonte: JB, Ed. 1.067, 1997, p. 01 e 06.

A Semana do Excepcional com o tema “Novos tempos revelando a eficiência” buscou mostrar a capacidade dos excepcionais e proporcionar-lhes momentos de lazer e recreação como forma de destacar a importância da integração destes na sociedade.

A seguir o quadro dos eventos em datas comemorativas.

**Quadro 05** – Datas comemorativas na Praça EVS de 1998 a 2009.

<b>Ano</b>	<b>Mês</b>	<b>Edição</b>	<b>Caráter</b>	<b>Evento</b>
<b>1998</b>	Agosto	1.323	Educação Básica	Dia do Combate ao Tabagismo com Passeata de estudantes de Colégios Estaduais e particulares.
<b>1999</b>	Outubro	1.598	Educação Básica e Especial	Dia de São Francisco com Campanha nacional da pastoral da criança que promove manifestação pela paz com estudantes da Apae e de escolas Públicas e particulares do Município.
<b>2000</b>	Junho	1.781	Educação Básica	Dia de Homenagem ao Exército com desfile de estudantes com bandeiras.
<b>2001</b>	Maio	2.001	Educação Básica	Dia do Desafio os estudantes de colégios estaduais e particulares conduziram a tocha pela educação por todos os colégios até o calçadão e fazem arrecadação de alimentos.
<b>2002</b>	Maio	2.258	Educação Básica e Especial	Dia do Desafio aconteceu com a presença de estudantes da Apae e colégios prestigiando as apresentações culturais.
	Outubro	2.325	Educação Básica	Dia do Combate ao Tabagismo reúne professores e estudantes da Escola Adventista.
<b>2003</b>	Maio	2.507	Educação Básica	Dia do Desafio com apresentações culturais.
<b>2004</b>	Maio	2.758 e 2.759	Educação Básica	Dia do Desafio acontece com apresentação cultural de escolas estaduais, municipais e particulares.
	Dezembro	2.889 e 2.890	Educação Básica	Dia Mundial de Combate a Aids Estudantes realizaram apresentações artísticas à população.
<b>2005</b>	Julho	3.076	Educação Básica	Dia de Combate ao Tabagismo promovida por Estudantes da Escola Adventista.
<b>2008</b>	Maio	3.761	Educação Básica	Dia do Desafio participam Professores e estudantes.
	Agosto	3.828	Educação Básica	Dia do Combate ao Tabagismo promovido por estudantes da Escola Adventista.
	Setembro	3.844	Educação Básica	Dia da Árvore estudantes e professores do Colégio Estadual Mario de Andrade soltam balões com sementes.
	Setembro	3.849	Educação Superior	Dia da Responsabilidade Social das instituições de ensino superior particulares promovida pela UNIPAR.
<b>2009</b>	Maio	4.014	Educação Básica	Dia do Desafio crianças de escolas assistem apresentação de malabares.
	Junho	4.021	Educação Básica e Superior	Dia Mundial do Meio Ambiente reuniu estudantes de escolas e universidades.

Fonte: JB, 1998-2009.

Adaptado: Autora, 2020.

O Dia do Desafio e do Combate ao Tabagismo são frequentemente comemorados na Praça. O primeiro evento em data comemorativa ocorreu em 1998, com palestras sobre os perigos do tabagismo. Estudantes e professores de Escolas Públicas e Particulares participaram. Em 2002, a iniciativa partiu da Instituição Particular Colégio Adventista com o apoio do Sesc, Secretaria Municipal de Saúde e 8º Regional. Houve uma passeata

dos estudantes com balões e cartazes. Na Praça os estudantes trocavam cigarros dos fumantes por frutas. Esta ação se manteve até 2008, quando os acadêmicos de Biomedicina da UNIPAR se uniram ao evento, que continuou com o *slogan*: “Troque uma nicotina por vitamina”.

O Dia do Desafio é organizado pelo Sesc e Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão. De 2001 até 2004 contou com a presença das escolas, entretanto só voltou a acontecer desta forma em 2008. Este evento tem por objetivo conscientizar a população sobre a prática de exercícios físicos. Contou com apresentações de malabares de companhias circenses, apresentações culturais, arrecadação de alimentos e a condução da tocha olímpica por estudantes.

Em 1999, aconteceu um ato pela paz, no Dia de São Francisco, como parte da Campanha Nacional da Pastoral da Criança. Participaram estudantes da Educação Básica Particular e Pública, e da Educação Especial. A seguir, imagem da manifestação com estudantes lutando pela paz no ambiente intra-familiar.

**Figura 46** – Imagem de estudantes pedindo pela paz nas famílias na Praça EVS em 1999.



Fonte: JB, Ed. 1.598, 1999, p.01.

Na comemoração do Dia do Exército, a Prefeitura juntamente com a Educação Básica, se despediram da unidade 3ª/33ºBIMtz de Exército brasileiro que conviveu 42 dos 47 anos do município. Estudantes desfilaram com 69 bandeiras de escolas, entidades e municípios da região. Houve a apresentação da Banda da 15ª Brigada de Infantaria

Motorizada de Cascavel e da história dos 42 anos da companhia, ao final fogos de artifícios e soltura de balões.

O Dia do Combate a Aids ocorreu somente em 2004, com apresentações sobre conscientização da companhia de teatro Théspis e estudantes e a comemoração ao Dia da Árvore teve a participação de estudantes e professores do Colégio Estadual Mario de Andrade (CEMA), cavaleiros dos CTGs e rotarianos que soltaram 700 balões com sementes de árvores, a ação foi mediada pelo projeto Eco-CEMA. Os balões com gás hélio possuíam sementes de árvores nativas. Também foram distribuídas mudas de pitanga, pessegueiro, canela, entre outras.

Ocorreram dois eventos em dias comemorativos com a participação da Educação Superior, o Dia da Responsabilidade Social em 2008 e o Dia Mundial do Meio Ambiente em 2009. O Dia da Responsabilidade Social foi promovido pela Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES). O evento com objetivo de prestar serviço à comunidade, contou com atendimentos em barracas montadas no calçadão. Nestas foram realizados testes de glicemia, Índice de Massa Corporal (IMC), aferição de pressão arterial, explicações sobre: câncer de mama, voto consciente, animais peçonhentos, brinquedoteca, divulgação do livro da história do município e prevenção e controle da dengue. O Dia Mundial do Meio Ambiente ocorreu por parcerias do Sesc, UNIPAR, Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (UNIMED), Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Estado do Paraná (SESI), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Colégio Estadual Mario de Andrade, ASR, Rotary, Secretaria Municipal e Estadual do Meio ambiente, Hemonúcleo de Francisco Beltrão e Secretaria Municipal de Saúde, com oficinas, teatro, exposição de fotos e palestras.

Na praça ocorreram eventos da Saúde com a participação e organização da Educação Básica e Superior, conforme o quadro a seguir.

**Quadro 06** – Eventos de Saúde na Praça EVS em 1998, 2003 e 2006.

Ano	Mês	Edição	Caráter	Evento
1998	Agosto	1.315 e 1.316	Educação Básica	Estação Mais Saúde.
2003	Outubro	2.609	Educação Superior	Medição de pressão arterial por acadêmicos e professores de enfermagem da UNIPAR.
2006	Agosto	3.330	Educação Superior	Atendimento à população de estudantes do curso de Direito, Enfermagem, Pedagogia e Nutrição da UNIPAR.

Fonte: JB, 1998-2006.

Adaptado: Autora, 2020.

O primeiro evento Estação Mais Saúde foi uma parceria da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão e da Secretaria do Estado da Saúde. Foram montadas tendas no calçadão com palestras e cursos sobre saúde de idosos, trauma, parto e amamentação, doenças sexualmente transmissíveis e prevenção de drogas, no qual estudantes da Educação Básica participaram.

Os outros dois eventos foram promovidos pela UNIPAR, como uma forma de prestar atendimento à população. Em 2003, o evento contou exclusivamente com a medição da pressão arterial pelos acadêmicos de Enfermagem. Em 2006, a ação foi expandida para outros cursos da UNIPAR. O curso de Direito realizou atendimento referente a questões jurídicas, a Pedagogia fez a demonstração de materiais educativos e a Nutrição entregou panfletos sobre alimentação saudável.

A Educação Superior é a instituição que mais promove eventos. A exemplo a Ocupação Cultural e o protesto de estudantes da FACIBEL, que tiveram aula na Praça; a aula de História do Brasil, manifestação contra o ato médico e o atendimento à saúde da UNIPAR.

No decorrer dos anos, a movimentação foi referente aos movimentos sociais, como manifestações do MST, agricultores, estudantes e professores. Os movimentos sociais nos espaços públicos demonstram a necessidade dos grupos serem vistos e ouvidos. O principal objetivo é atribuir ao espaço um novo uso, uma vez que são percebidas no lugar possibilidades para um futuro com novas normas e articulações práticas. O lugar adquire força quando palco da espontaneidade e organização coletiva. (SANTOS, 2017).

Sobre a importância dos espaços públicos, como espaços de diversidade, a “*sementeira*” para movimentos revolucionários, as praças já foram ocupadas por movimentos no século XXI “[...] vimos protestos de massas na Praça Tahir, no Cairo, em Madison, Wisconsin, na Plaza Puerta Del Sol, em Madri, na Praça Catalunha, em Barcelona, e na Praça Sintagma, em Atenas [...]” (HARVEY, 2014, p. 210).

As modificações no espaço deixam marcas e repercutem em outras modificações ou outros eventos, servem como referência para outros em outros lugares. São unidas por normas globais que atingem o local e o inverso, isso se dá pela comunicação em rede. Mas há um certo tempo relacionado, pois o tempo para a ocorrência dos eventos pode ser lento ou rápido, depende de circunstâncias particulares do lugar. (SANTOS, 2017).

Portanto, a Praça possui o poder de se modificar por meio de redes econômicas e sociais, pois se constituiu por um modelo histórico de culturas em escala global. Mas também se constitui como espaço local pelas interferências culturais locais.

## 2.4 Educação patrimonial pelo estudo dos monumentos

Os monumentos manifestam processos de construção e modificação deste lugar. Em Francisco Beltrão-PR, há indicativo da necessidade de cuidar da Educação Patrimonial. Isto veio pelo grupo da Universidade Aberta para a Terceira Idade (UNATI)<sup>93</sup>, que solicitou mediação para participar dos resultados desta pesquisa, na Praça, mesmo antes do seu término. Iniciou num movimento de conversa e depois o compartilhar as memórias de vivências no período da Revolta de 1957 e os registros da praça.

O artigo 206 da Constituição Federal, de 1988, define como patrimônio os bens de característica material referentes as memórias de grupos, bem como objetos, obras, documentos e lugares (BRASIL, 1988). Os monumentos da Praça EVS não são considerados oficialmente patrimônio pela Constituição Federal, pois não são tombados. O tombamento se dá via processo jurídico, que visa a comprovação, por meio de registros, do valor cultural do bem material para a comunidade. Uma vez patrimônio o monumento terá a proteção garantida judicialmente. (MARCHETTE, 2016).

O tombamento é realizado pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Brasil. No Paraná a responsabilidade é da Secretaria de Estado da Cultura (CPC), e na esfera municipal por leis específicas criadas pelas administrações municipais. (LOURENÇO, 2006).

O monumento do GETSOP é o único monumento da Praça em processo de trâmite para tombamento. O Departamento da Cultura de Francisco Beltrão, responsável pelo processo, já arquivou fotografias e documentos. Mas estão enfrentando dificuldade na identificação do artista-autor, pois, no monumento consta assinatura ilegível e não há informações sobre sua identificação. A iniciativa do tombamento surgiu, em meio a preocupação com a conservação do monumento. (CHEFE DE DIVISÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE FRANCISCO BELTRÃO, 2019).

O chefe de divisão do patrimônio histórico de Francisco Beltrão entrevistado (Apêndice II) enfatiza o significado histórico dos monumentos e desta maneira a importância do tombamento: *“As futuras gerações terão a oportunidade de conhecer*

---

<sup>93</sup> A UNATI é um projeto de extensão da UNIOESTE que visa reunir professores, pesquisadores, agentes universitários e alunos da UNIOESTE ou a quem tiver interesse, para desenvolver atividades com os idosos. Estas atividades devem levar em consideração questões como o envelhecimento, a inclusão dos idosos na universidade e a sua valorização perante a sociedade. As estudantes participam por quatro anos no projeto. (PORTAL UNIOESTE, 2019).

*esses monumentos e a história da população, como um marco histórico que fica eternizado*” (CHEFE DE DIVISÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE FRANCISCO BELTRÃO, 2019).

Considerando a importância do estudo e conhecimento dos monumentos e intermediado pelo projeto “Nós Propomos!” realizamos práticas educativas, na Praça. O projeto é promovido pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa/IGOT e parceiro do Grupo RETLEE da Unioeste/FB. Visa a cidadania territorial local, pela mobilização de estudantes que identificam os problemas no meio em que vivem e buscam por soluções, estas são apresentadas aos órgãos públicos.

A prática educativa inicialmente foi realizada e com a UNATI ocorreu no dia 11 de junho de 2019, momento em que na pesquisa havíamos coletado informações de cinco monumentos dos oito presentes no espaço, tais como: GETSOP, Obelisco, Cuia, Bíblia e Maçonaria. Sistematizamos as informações e elaboramos um circuito, onde os monumentos consistiam nos pontos de discussão, cerca de 16 estudantes da 3º ano da UNATI participaram.

A seguir o esquema de como ocorreu a prática e os aspectos abordados em cada monumento.

**Figura 47** – Prática educativa com o UNATI.



Fonte: Autora, 2019.

Iniciamos no monumento do GETSOP, em direção ao obelisco, cuia, maçonaria, bíblia e visita à Igreja Matriz, que correspondeu ao conteúdo trabalhado pela professora de Artes. O circuito respeitou a sucessão de acontecimentos da história da praça. Metade das estudantes da UNATI avaliaram a participação por meio de questionário (Apêndice

III). A seguir, elencamos as categorias evidenciadas, referentes à contribuição da prática monumentos, a quantidade corresponde ao total de vezes que as categorias são citadas.

**Tabela 01** – Contribuição da prática monumentos para a UNATI.

<b>Categorias</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Conhecimento</b>	5	45,4%
<b>Cultura</b>	2	18,2%
<b>História</b>	2	18,2%
<b>Obelisco</b>	1	9,1%
<b>Religiosidade</b>	1	9,1%
<b>Total</b>	11	100%

Elaborado: Autora, 2020.

Segundo as acadêmicas, a prática contribuiu para o conhecimento, evidenciada por cinco (45,4%) estudantes, que alegaram que desconheciam a história. Duas (18,2%) enfatizaram a importância de conhecer a história e a cultura do município e região. Para 9,1% das entrevistadas a principal contribuição foi conhecer o significado do obelisco pois já possuía conhecimento sobre o significado dos outros monumentos. A religiosidade também foi lembrada.

As estudantes apontaram os principais atrativos na prática, podemos observar na tabela a seguir.

**Tabela 02** – Atrativos da prática monumentos para a UNATI.

<b>Categorias</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Novidade</b>	3	37,5%
<b>Condução da atividade</b>	1	12,5%
<b>Cultura</b>	1	12,5%
<b>Diversidade de informações</b>	1	12,5%
<b>Monumento GETSOP</b>	1	12,5%
<b>Revolta dos Posseiros</b>	1	12,5%
<b>Total</b>	8	100%

Elaborado: Autora, 2020.

A prática foi significativa no sentido de trazer conhecimento para 37,5% das estudantes, uma delas disse: “*A maioria das estudantes não conhecia a história.*” (E2-UNATI). Esta entrevistada se refere ao desconhecimento da história que envolve a Revolta dos Posseiros e ao surgimento da Praça. Neste sentido, também foi enfatizado o desconhecimento sobre os monumentos, pois algumas trafegavam pela Praça e não percebiam a presença deles. Estudantes também indicaram a condução da atividade: “*Me chamou a atenção a forma de exposição e a união das pessoas em busca de uma formação de qualidade.*” (E8-UNATI).

Outra estudante indicou a importância da cultura, uma vez que a Praça está associada a um espaço de significado cultural. Também enfatizaram a diversidade de informações; o monumento do GETSOP e a história da Revolta dos Posseiros.

A seguir a importância da praça para a UNATI.

**Tabela 03** – Importância da praça para a UNATI.

<b>Categorias</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>História e Cultura</b>	5	33,3%
<b>Lazer</b>	4	26,7%
<b>Política</b>	2	13,3%
<b>Trabalho</b>	2	13,3%
<b>Ponto de referência</b>	1	6,7%
<b>Ponto turístico</b>	1	6,7%
<b>Total</b>	15	100%

Elaborado: Autora, 2020.

Estudantes consideram a Praça como importante para o conhecimento de História e Cultura. Indicaram o lazer, pelo encontro de amigos, sociabilização, descanso e para crianças brincarem, como espaço político. A mesma quantidade para o trabalho, a importância da Praça para o desenvolvimento do comércio e feira. Também sua importância como local de referência e turístico.

As avaliações sobre a atividade foram todas positivas, as estudantes indicaram como esclarecedora, ótima, excelente, fantástica e importante no que se refere a mudar o olhar para o espaço, como retratado: *“Agora passo pela praça e vejo tudo com outros olhos, cada detalhe, a cuia, a bíblia, os maçons, o chafariz, a revolta dos posseiros.”* (E2-UNATI). Entrevistadas disseram que a prática traz conhecimento com movimento.

A professora de Artes da UNATI enfatizou a importância da realização da atividade como um aula prática de compartilhamento de conhecimento e vivências.

*A aula ministrada na praça proporcionou a relação teórico-prático, onde as estudantes viam, sentiam, ouviam e compartilhavam as informações do que sabiam sobre o lugar, de modo a relacionar o passado e o presente, mostrando a importância de conhecer a arte, história e a cultura local através de uma aula prática.*  
(PROFESSORA UNATI).

A professora se impressionou com o envolvimento das estudantes, resumiu a prática como uma *“troca de conhecimento”*, pois além do aprendizado sobre a história que lhes foi contada, agregaram valor registrando suas experiências vividas no período da Revolta de 1957. A Praça como lugar de memória, bem como a professora de Artes da

UNATI enfatizou, porém pouco percebido no seu sentido histórico. Os relatos das estudantes confirmam essa premissa, uma vez que a história da praça e dos monumentos foi uma novidade.

A prática educativa traz conhecimento dos conteúdos, dos registros, do simbolismo dos monumentos: *“Acreditamos que conhecendo o lugar de vivência, podemos conhecer todos os tipos de arte no município.”* (PROFESSORA UNATI).

Segundo Marchette (2016) a Educação patrimonial requer o olhar crítico para a história e memória, atribui sentido aos objetos que passam despercebidos aos olhares e articula vivência e experiência. Por meio da prática de Educação Patrimonial na Praça EVS, o olhar para aquele espaço se modificou. Promoveu conhecimento, valorização e reconhecimento do patrimônio.

No próximo capítulo apresentamos sobre como os transitantes usam a Praça EVS, quais os problemas levantados, o que apreciam e qual é a importância para eles. Estes fatores nos indicam a função atual do espaço.

### III – ATRIBUIÇÕES DA PRAÇA DR EDUARDO VIRMOND SUPLICY



Fonte: Autora, 2019.

### 3.1 Significação do lugar para o cidadão

Este capítulo desvela aspectos e elementos da Praça EVS, no sentido e na representação, que traz aos sujeitos pertencentes a este território. A importância desta significação está no cerne da interpretação deste espaço, na compreensão desta escala local, no processo que se articula pela análise da estrutura e da função, na relação com a população, no que resulta o processo e a comunicação dos sujeitos. Conforme Santos (2008) o espaço é formado pela conexão do sistema de objetos e de ações. Por isso, a forma do espaço e a estrutura se definem pela sociedade nos percursos históricos que caracterizam sua função.

Existem três grupos de sujeitos que integram efetivamente a dinâmica deste lugar, são os transitantes<sup>94</sup>, os feirantes e os comerciantes. Assim, o diagnóstico prévio foi realizado a campo, no local da pesquisa. Deste modo, frequentamos a praça durante uma semana, observamos a movimentação e verificamos que no domingo à tarde o fluxo de pessoas é maior; seguido da segunda-feira, pela manhã. No domingo os transitantes aproveitam para o lazer e, na grande maioria, são famílias que vão descansar. Também jovens se reúnem em grupos de conversas e de crianças que brincam no parquinho, andam de bicicleta; pessoas passeiam com cachorros e trabalhadores ambulantes que aproveitam o movimento para vender suas mercadorias. Na segunda-feira, pela manhã, iniciam as atividades da maioria dos estabelecimentos comerciais. Assim, o movimento é maior do que no domingo. Porém, com maior número de idosos e de outras pessoas sozinhas e acompanhadas. A mobilidade no local é intensa, principalmente, em horário comercial, de comerciantes e de vendedores ambulantes.

O apêndice IV foi o instrumento de coleta de informações com os transitantes e a sondagem foi realizada na primeira semana dos meses de janeiro e fevereiro, consideramos a questão sazonal de verão e das férias escolares. O movimento da primeira semana do mês é mais intenso, devido ao recebimento salarial e do movimento nas agências bancárias, próximas à Praça. O questionário do mês de fevereiro foi realizado na segunda semana, devido a ocorrência de chuvas. A seguir, na tabela, os dias e horários da realização do campo.

---

<sup>94</sup> Também se referem aos transitantes da Praça EVS.

**Tabela 04** - Dia, horário e quantidade de transitantes de janeiro e fevereiro da Praça EVS.

Mês	Dia	Data	Horário inicial	Horário final	Qtde questionários
Janeiro	Domingo	06/01/2019	15:00 h	17:00 h	19
	Segunda-feira	07/01/2019	8:00 h	10:00 h	39
Fevereiro	Domingo	10/02/2019	15:00 h	17:00 h	20
	Segunda-feira	11/02/2019	8:00 h	10:00 h	30
<b>Total</b>					108

Elaborado: Autora, 2019.

O trabalho de campo ocorreu, no domingo, a partir das 15 horas, por ser horário de movimentação dos transitantes, previsto durante a observação prévia. Na segunda-feira, a partir das 8 horas, em horário comercial, já que a praça é local de passagem. Houve diminuição do número de questionários na segunda-feira, do mês fevereiro, em relação a de janeiro, pelo indicativo de que o movimento na praça diminui na segunda semana de cada mês.

Os comerciantes e os feirantes foram entrevistados em horário comercial, conforme apêndice V, um sujeito por estabelecimento. Priorizamos o proprietário ou o gerente, num total de 29 comerciantes; mais 15 feirantes da AF e 12 do MEI<sup>95</sup>. Pois, são os feirantes que frequentemente se encontram neste local. Embora estão registrados na prefeitura de Francisco Beltrão, 25 feirantes da AF e 30 do MEI. Os feirantes da AF fazem a exploração de atividades rurícolas, na produção e na venda dos produtos, por meio do trabalho familiar, ausente de empregados remunerados. O MEI é uma modalidade de empresa, que se encaixam os sujeitos que faturam valores inferiores a R\$ 81 mil reais ao ano. O micro empreendedor está devidamente ligado com Registro de Empresas Mercantis ou no Registro Civil de Pessoas Jurídicas. Conforme os requisitos da modalidade poderá contratar um funcionário. (BRASIL, 2006).

Os feirantes estão na praça para comercializar os seus produtos. Ambos grupos são moradores do município, a seguir a lista das localidades.

**Quadro 07** - Localidades em Francisco Beltrão-PR onde residem os feirantes.

Feirantes	Localidade
AF	Bairro Centro
	Bairro Cristo Rei
	Bairro Novo Mundo
	Bairro Pinheirão
	Bairro Vila Nova

<sup>95</sup> Estes sujeitos pertencem ao grupo feirantes e comerciantes, o total da tabela 4 se refere a outro grupo, os transitantes. Totalizando três grupos de questionados: transitantes, feirantes e comerciantes.

	Comunidade Barra Bonita
	Comunidade Divisor
	Comunidade Jacutinga
	Comunidade Nova Concórdia
	Comunidade Rio Tuna
	Linha Piedade São João
	Linha Rio Palmeirinho
<b>MEI</b>	Bairro Aeroporto
	Bairro Alvorada
	Bairro Cristo Rei
	Bairro Luther King
	Bairro Novo Mundo
	Bairro Padre Ulrico
	Bairro Pinheirão
	Bairro São Miguel
	Bairro Vila Nova
Comunidade Lageado Grande	

Elaborado: Autora, 2019.

A maioria dos feirantes da AF reside na zona rural. Os que moram nos bairros de Francisco Beltrão são aqueles que possuem propriedades na zona rural, de onde vêm os produtos. Os do MEI residem, na maioria, nos bairros da área urbana. Na tabela a seguir indicamos a faixa etária e gênero dos grupos de usuários.

**Tabela 05** - Idade e Gênero dos usuários da Praça EVS de janeiro e fevereiro de 2019.

	<b>Grupo por idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Quantidades</b>	<b>%</b>
<b>Transitantes</b>	<b>Adulto</b>	Masculino	43	26,2%
		Feminino	36	21,9%
	<b>Idoso</b>	Masculino	15	9,1%
		Feminino	4	2,5%
	<b>Adolescente</b>	Masculino	5	3,0%
		Feminino	5	3,0%
<b>Feirantes</b>	<b>Adulto</b>	Feminino	16	9,7%
		Masculino	7	4,2%
	<b>Idoso</b>	Feminino	2	1,3%
	<b>Adolescente</b>	Feminino	1	0,7%
	<b>Criança</b>	Masculino	1	0,7%
<b>Comerciantes</b>	<b>Adulto</b>	Feminino	23	14,0%
		Masculino	5	3,0%
	<b>Adolescente</b>	Masculino	1	0,7%
<b>Total</b>			164	100%

Elaborado: Autora, 2019.

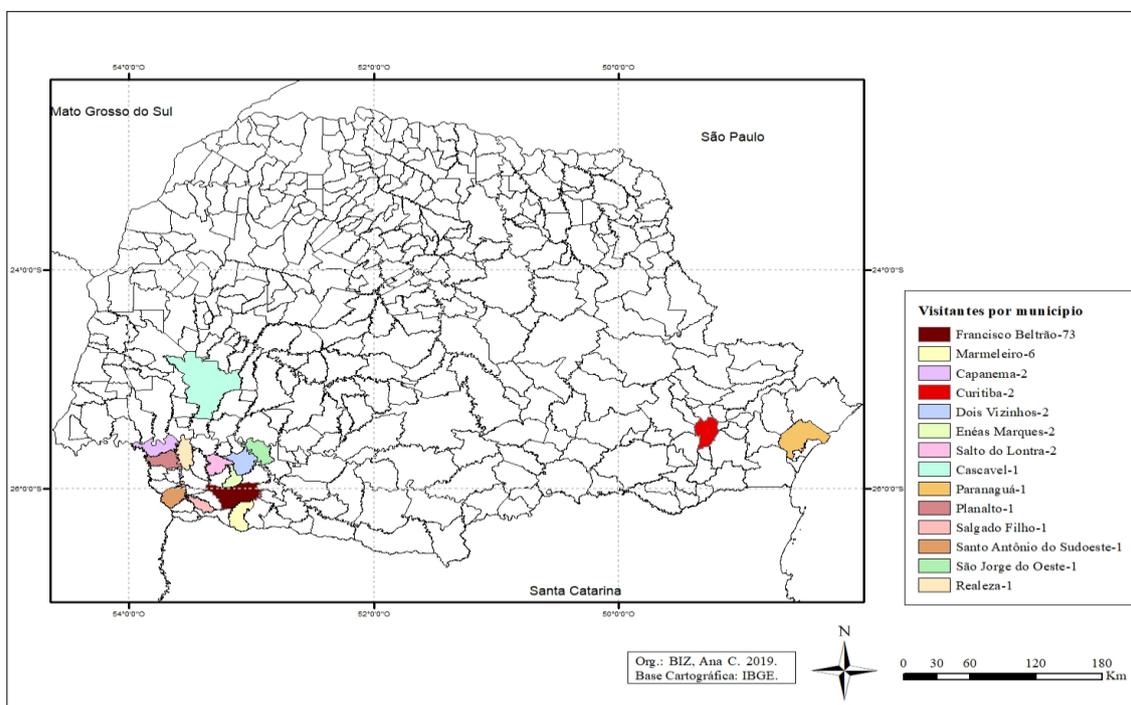
A maioria dos transitantes da praça são adultos: homens, somam 43 (26,2%) e mulheres 36 (21,9%). Os adolescentes são em menor porcentagem, nos grupos que frequentam a praça no domingo. Entretanto, por serem menores de idade a entrevista não pode ser concretizada, devido à ausência do responsável para assinar o termo de

assentimento<sup>96</sup>. Os idosos são aposentados, que permanecem por longo tempo sentados nos bancos, durante todos os dias da semana. A maioria também são homens, 15 (9,1%) e a representação de quatro (2,5%) mulheres. Dois fatos chamaram a atenção, no final de semana, uma senhora idosa acompanhada do filho, e durante a semana um senhor com a cuidadora. Os dois casos com Alzheimer, por isto não foram entrevistados. Os acompanhantes relataram que passeiam com os idosos, porque a praça contribui como lazer e terapia para eles.

A maioria dos feirantes são adultos: 16 (9,7%) mulheres e sete (4,2%) homens. No comércio, 23 (14,0%) são mulheres adultas, gerentes e proprietárias. O que não significa que a maioria dos proprietários são mulheres. Os homens são proprietários dos estabelecimentos e atendentes. O adolescente entrevistado é filho da proprietária de um dos estabelecimentos comerciais. Ele estava no caixa, no momento da entrevista e a mãe pediu para que a entrevista fosse realizada com ele.

A maioria dos transitantes da praça são paranaenses. Os 73 (76,0%) são moradores de Francisco Beltrão, transitantes frequentes. Os demais são de outras cidades do Paraná, conforme distribuição no mapa a seguir.

**Mapa 01** - Transitantes da Praça EVS dos municípios paranaenses.



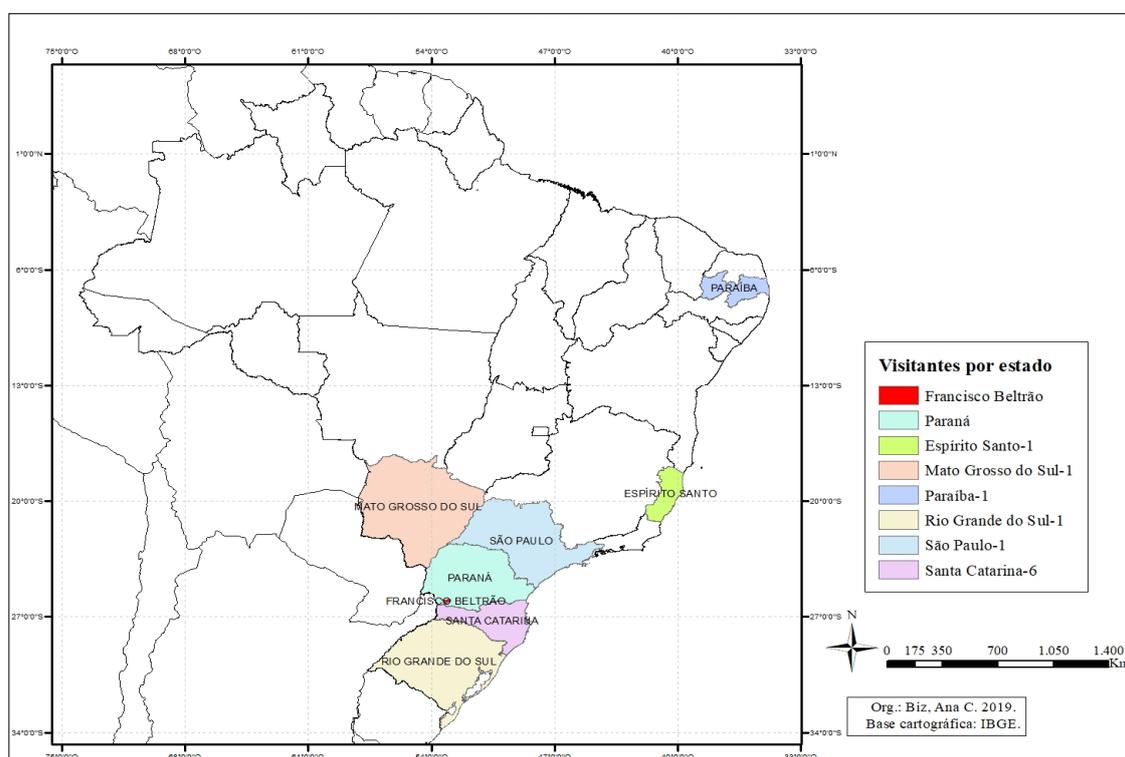
Elaborado: Autora, 2019.

Organizado: BIZ, 2019.

<sup>96</sup> O termo de assentimento permite que os relatos da entrevista sejam utilizados pelo pesquisador, este termo serve para menores de 18 anos. Mas é necessário um responsável com maioridade, para assinar o termo. Na falta do maior a entrevista não pode ser realizada, pois desrespeita as regras do comitê de ética, ao qual submetemos esta pesquisa.

Além dos beltronenses, visitam a praça sujeitos de outras 13 cidades no Paraná, sendo de Marmeleiro, de Capanema, de Curitiba, de Dois Vizinhos, de Enéas Marques e de Salto do Lontra. Outros de Cascavel, Paranaguá, Planalto, Salgado Filho, Santo Antônio do Sudoeste, São Jorge do Oeste e Realeza. Os transitantes são da região Sudoeste, Oeste e da região Metropolitana do Paraná. Também de outros estados. O mapa a seguir identifica os estados do Brasil, de origem dos demais transitantes da Praça.

**Mapa 02** - Transitantes dos estados brasileiros na Praça EVS.



Elaborado: Autora, 2019.

Organizado: BIZ, 2019.

Além do Paraná, o estado no sul com maior número é Santa Catarina, seguido dos outros estados do Espírito Santo, de Mato Grosso do Sul, de Paraíba, do Rio Grande do Sul e de São Paulo. Também de quatro regiões do Brasil, mas a maioria reside no Sul, seguido da região Sudeste: São Paulo e Espírito Santo. Apenas um entrevistado da região Centro-Oeste. Além de transitantes de outras cidades, outros estados e país, como da Argentina. Neste sentido, o argentino enfatizou a importância da praça, dizendo: “*Ela tem uma sombra de muito valor, muito necessário, centro cultural.*” (TRANSITANTE 7, SF). Este participante estava na cidade a trabalho, para venda de artesanato e, a praça para ele é espaço de descanso, turismo e cultura.

A beleza dos enfeites de natal dão evidência à praça como local turístico, segundo o depoimento: “*Ponto turístico, lugar diferente e bonito para pessoas, principalmente final de ano.*” (TRANSITANTE 26, SF). Outro entrevistado também enfatizou a estética, no sentido de valorização do espaço para turismo: “*Marco importante da cidade, um ponto turístico como os pontos turísticos do RJ, a forma que foi planejada atraí os olhares de quem visita à cidade.*” (TRANSITANTE 10, FSF).

A praça EVS é um espaço turístico e chama a atenção pela estética e pela estrutura que oferece. A frequência das visitas é diferenciada, entre transitantes, feirantes e comerciantes, conforme consta na tabela a seguir.

**Tabela 06** – Frequência dos usuários na Praça EVS em janeiro e fevereiro de 2019.

Grupo	Períodos	Quantidades	%
Transitantes	Semanal	57	34,7%
	Mensal	40	24,3%
	Anual	11	6,8%
Feirantes	Semanal	27	16,4%
Comerciantes	Semanal	18	11,0%
	Mensal	7	4,3%
<b>Total</b>		160	97,5%

Elaborado: Autora, 2019.

O que predomina é uma visita semanal, dos que vêm de outros municípios, embora daqui de Beltrão a grande maioria está nela todos os dias, como é o caso de um feirante, quatro transitantes e quatro comerciantes. Mesmo estes comerciantes e feirantes, frequentam também aos finais de semana para lazer. Frequentemente o uso semanal dos comerciantes está associado à passagem e os feirantes, porque semanalmente fazem a feira<sup>97</sup>. Os 11 (6,8%) transitantes anuais são turistas.

Os comerciantes compreendem a Praça como local de trabalho, um deles declarou: “[...] *A grande feira do comércio é no final de ano, devido ao movimento.*” (COMERCIANTE 4). O comerciante se refere ao Natal, que aglomera muitas pessoas e movimenta as vendas no comércio.

A Praça é local estratégico para os comerciantes. Um fato curioso e a questão do valor imobiliário deste terreno, avaliado em 115.500.000<sup>98</sup>. Para Santos (2014) é da natureza do comércio tornar úteis para si as necessidades humanas, necessidades

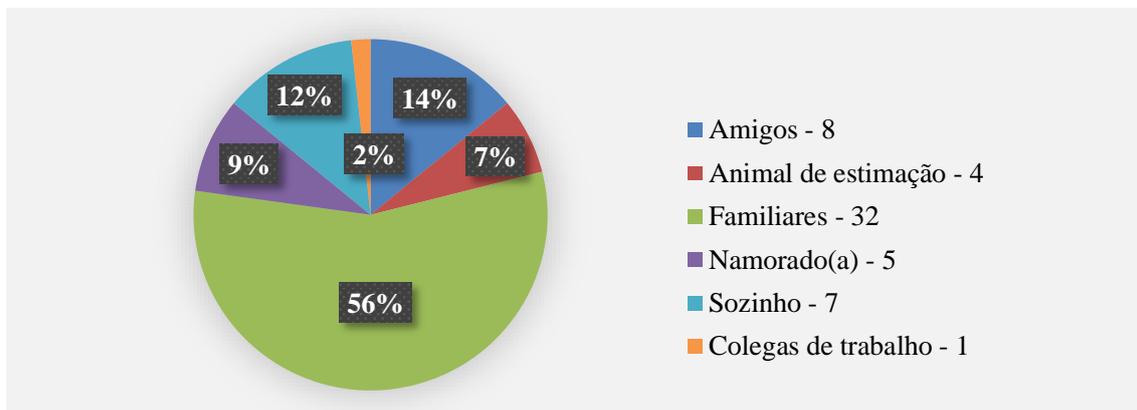
<sup>97</sup> Feirantes da Agricultura Familiar na quarta-feira e no sábado, e feirantes do MEI na quinta-feira e no sábado, mensal.

<sup>98</sup> A praça mede 7.700 m<sup>2</sup>, sendo que os terrenos centrais de Francisco Beltrão é avaliado em 15 mil reais o m<sup>2</sup>, neste ano de 2020.

representadas pelas práxis individuais e coletivas que nutrem o funcionamento dos estabelecimentos.

A Praça é frequentada por sujeitos ou por grupos de amigos, por familiares, colegas de trabalho. Mas há um diferencial durante o final de semana.

**Gráfico 01** – Relação entre os transitantes na Praça EVS no final de semana.



Fonte: Autora, 2019.

O destaque nos finais de semana é para 56,0% famílias que se reúnem e se acomodam nos bancos da praça, também trazem suas cadeiras.

**Figura 48** – Fotografia de uma família na Praça EVS no final de semana.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Jovens passeiam pela Praça de bicicleta e de patinete. Esta fotografia foi capturada em uma das suas extremidades. Entretanto, há grande movimento no centro dela, onde famílias se reúnem em círculos de conversas. A presença de amigos, um destes relatou frequentar a Praça também a trabalho, frequentava na década de 1970, de maneira diferenciada da atual, disse: “A praça na minha juventude era lugar de flerte, namoro. Conheci minha ex esposa, na Praça Suplicy, na década de 1970.” (DIÁRIO DE CAMPO, 06.01.19). A Praça, neste período, tinha a função de oportunizar encontros entre os jovens. Atualmente 9,0% são casais de namorados.

Individualmente é frequentada por sete (12,0%), um dos sujeitos que estava sozinho reside em Brejo da Cruz em Paraíba e justifica que considera a Praça um espaço seguro, principalmente para quem é de fora. Ele é vendedor ambulante, na cidade, mas não vende na praça, pois não a considera espaço de trabalho, mas de descanso e de lazer. O movimento no parque infantil é intenso. As famílias acompanham as crianças que aproveitam os brinquedos e também brincam nos aparelhos da academia da terceira idade, junto ao local.

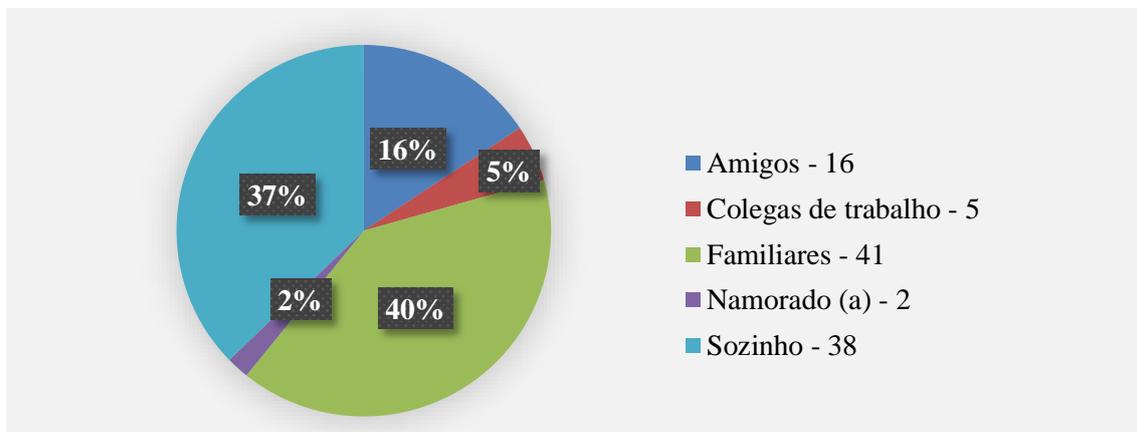
**Figura 49** – Fotografia de crianças brincando na academia ao ar livre para a terceira idade da Praça EVS.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

A academia ao ar livre é para idosos e também é bem aceita pelas crianças. A seguir as relações entre os transitantes durante a semana.

**Gráfico 02** – Relações entre transitantes na Praça EVS durante a semana.



Fonte: Autora, 2019.

Durante a semana é frequentada por 40,0% familiares beltronenses, oriundos dos bairros e comunidades interioranas, que aguardam horário para as consultas e do comércio.

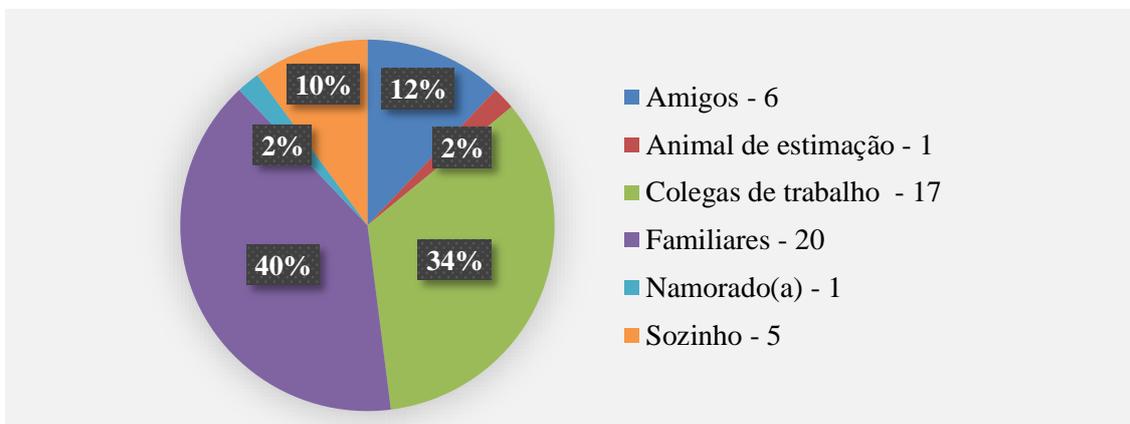
**Figura 50** – Fotografia de senhoras nos bancos entre a Praça EVS e o calçadão.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Alguns dos transitantes, na Praça, são trabalhadores do comércio, das proximidades. A maioria dos feirantes 40,0% utiliza a praça com familiares com colegas de trabalho, conforme verificamos no gráfico a seguir.

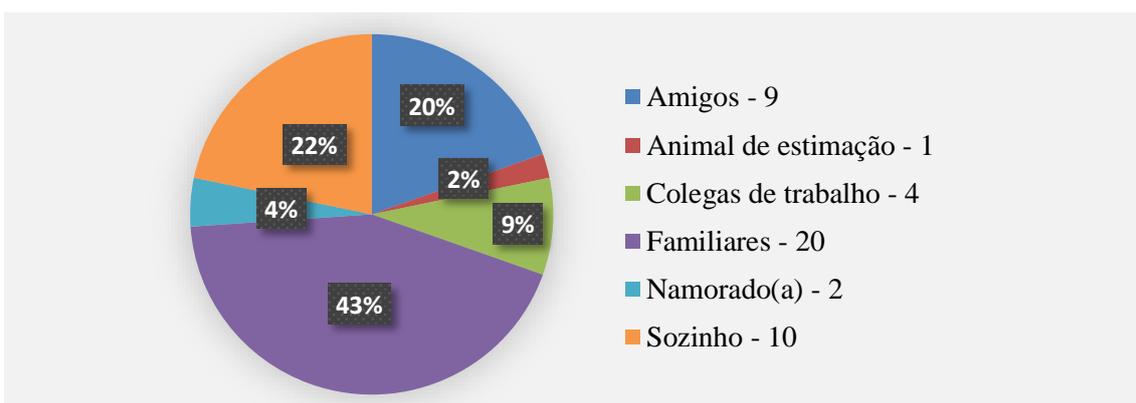
**Gráfico 03** - Relações entre os feirantes na Praça EVS.



Fonte: Autora, 2019.

Na AF e no MEI, são permitidos somente um funcionário, na banca além do seu gestor, a maioria opta por um familiar. Por isso, os maiores percentuais são familiares e colegas de trabalho. Segundo Duarte (2018) a feira é uma atividade de sucessão familiar. O que confirma o forte vínculo da produção realizada e mantida na família. A seguir as relações entre os comerciantes na Praça.

**Gráfico 04** - Relações entre os comerciantes na Praça EVS.



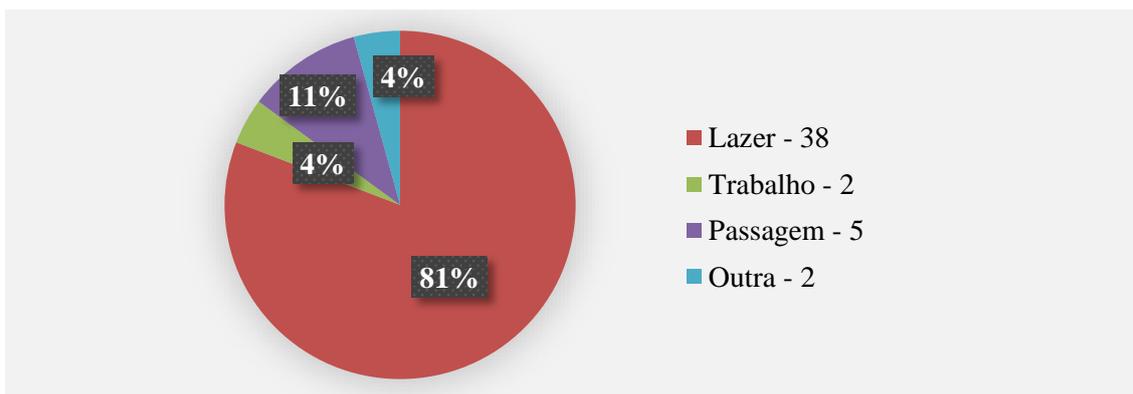
Fonte: Autora, 2019.

A maioria dos comerciantes, 43,0%, vai com familiares e, para eles, a Praça é o espaço do lazer, mesmo que trabalhem próximo dela. Outros frequentam com colegas de trabalho, neste caso, porque aguardam a abertura do comércio onde trabalham. Comerciantes passeiam com animais de estimação.

### 3.2 A materialidade da praça

A materialidade da praça está representada na sua forma e na sua estrutura, principalmente na apropriação destes elementos, decorrentes das necessidades humanas que definem a sua função e o processo.

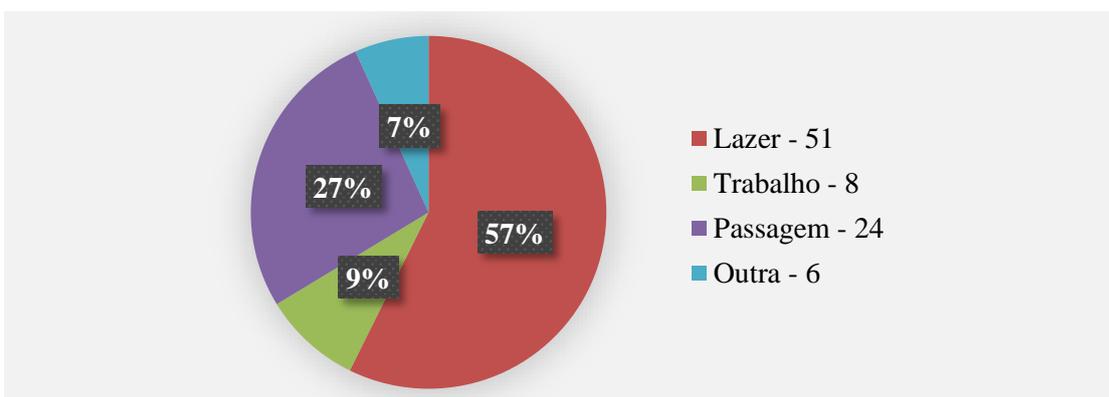
**Gráfico 05** - Os transitantes na Praça EVS no final de semana.



Fonte: Autora, 2019.

No final de semana, há predominância de jovens, com seus familiares e amigos. A mobilidade de pessoas é de 81,0% que vão até a praça para o lazer; os demais como passagem; para admirarem os detalhes e a beleza do local. Durante a semana também há tempo e espaço para lazer, como mostra o gráfico a seguir.

**Gráfico 06** - Como os transitantes usam a Praça EVS durante a semana.



Fonte: Autora, 2019.

O lazer é destaque, a justificativa é porque: “*Acolhe as pessoas..., as crianças brincam..., é lazer aos adultos.*” (TRANSITANTE 21, SJ). Na fotografia a seguir, o registro dos vendedores ambulantes instalados para vender seus artesanatos.

**Figura 51** - Fotografia de vendedores ambulantes na Praça EVS.

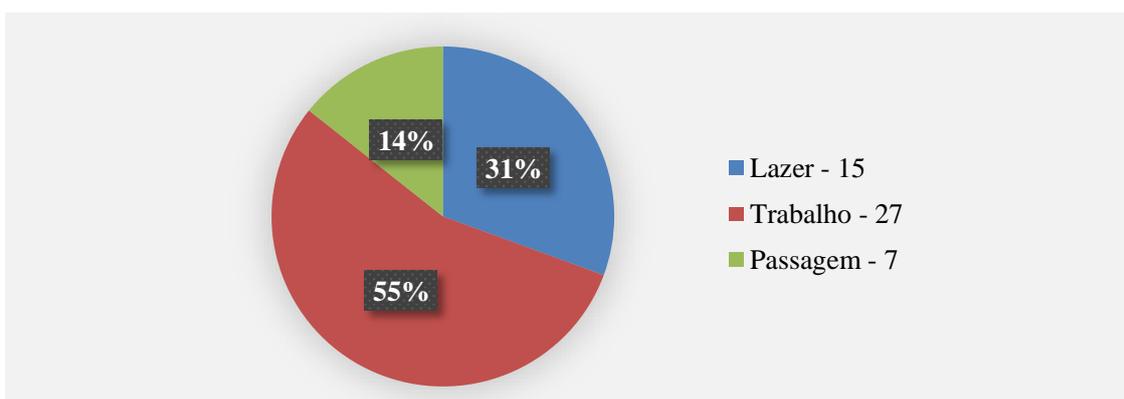


Fonte: Arquivo da autora, 2019.

A Praça como espaço público oferece estadia aos vendedores ambulantes, porque proporciona condições para a venda de seus artesanatos. Seis (7,0%) transitantes indicaram outras formas de atrativo, como evidenciam os relatos seguintes: “*Ver o movimento*” (TRANSITANTE 3, SJ), “*Lugar que espero enquanto não sou atendido na terapia.*” (TRANSITANTE 7, SJ) e “*Vou para a cidade quando preciso, espero abrir as lojas.*” (TRANSITANTE 10, SF).

A Praça como espaço de significação, de referência, para lazer, representa e define a sua paisagem, pois é o modo como o sujeito vê o capturado pelo seu olhar. Mas isto nem sempre se comunica com o espaço real, carregado de memórias, pelas marcas dos objetos e das ações do lugar.

**Gráfico 07** - Os feirantes na Praça EVS.

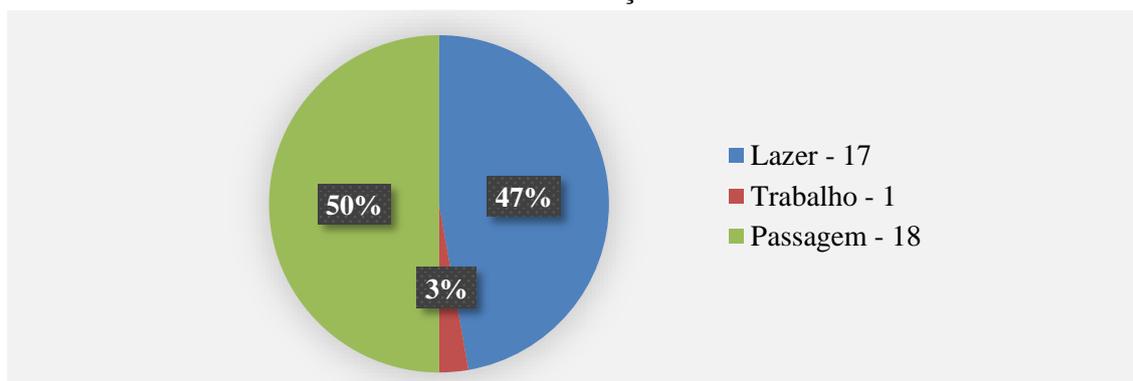


Fonte: Autora, 2019.

Além do trabalho, 31,0% feirantes destacam o lazer, com referência ao passeios, brincadeiras, encontros, alimentação, descanso e caminhadas. Se referem como: “*Local de trabalho, aqui vemos todo mundo [...].*” (FEIRANTE MEI 8), “*Atrativo em chamar para feira.*” (FEIRANTE MEI 11) e “*Liberdade para o comércio da feira.*” (FEIRANTE AF 12).

A feira AF existe há 40 anos e há quatro está na Praça. Anteriormente ocorria em frente ao Banco do Brasil, depois próximo a rodoviária, em seguida foi para a frente do Novo Hamburgo (DUARTE, 2018). A inserção, da feira, na Praça contribuiu para a sua consolidação, proporcionou grande visibilidade e movimentou as vendas. Um dos feirantes a caracterizou como: “[...] *passador do tigre*”, pelo fato de que muitos por ali trafegam. Enfatizou esta mobilidade relacionada a movimentação da feira. Os comerciantes citaram como características do espaço, como sendo local de prostituição, de hippies e de uso drogas. O destaque ficou para 86,3% que mencionaram como importante para a passagem, demonstrado a seguir:

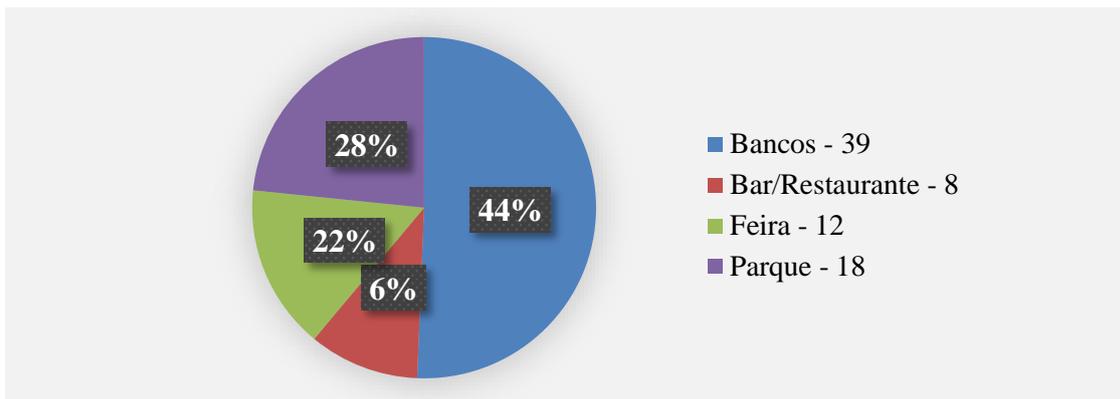
**Gráfico 08** - Como os comerciantes usam a Praça EVS.



Fonte: Autora, 2019.

É importante para passagem devido à sua localização estratégica, porque encurta caminhos, justificado também pelo fato dos comerciantes estacionarem seus carros em vagas distantes de onde trabalham. A seguir os elementos materiais averiguados:

**Gráfico 09** - Elementos materiais da Praça EVS.



Fonte: Autora, 2019.

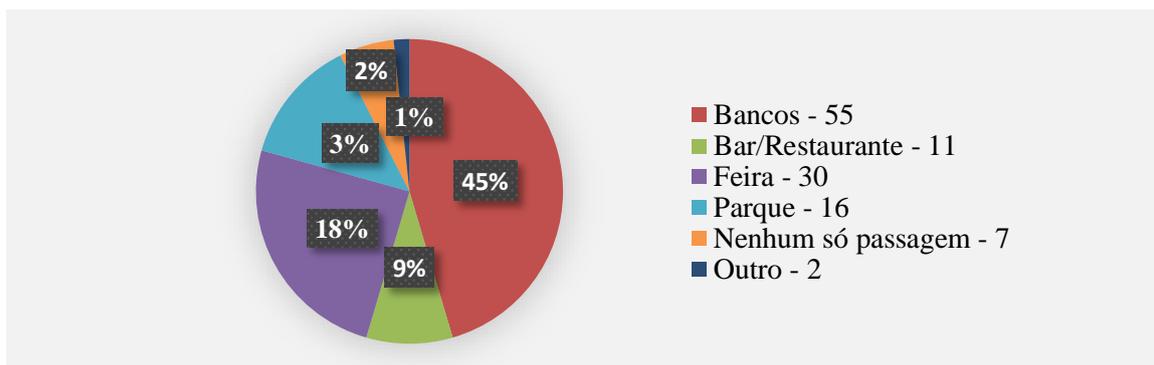
O gráfico indica o destaque para os bancos (44,0%) e os demais para o parque infantil. A fotografia a seguir demonstra a movimentação.

**Figura 52** - Fotografia do parque das crianças da Praça EVS.



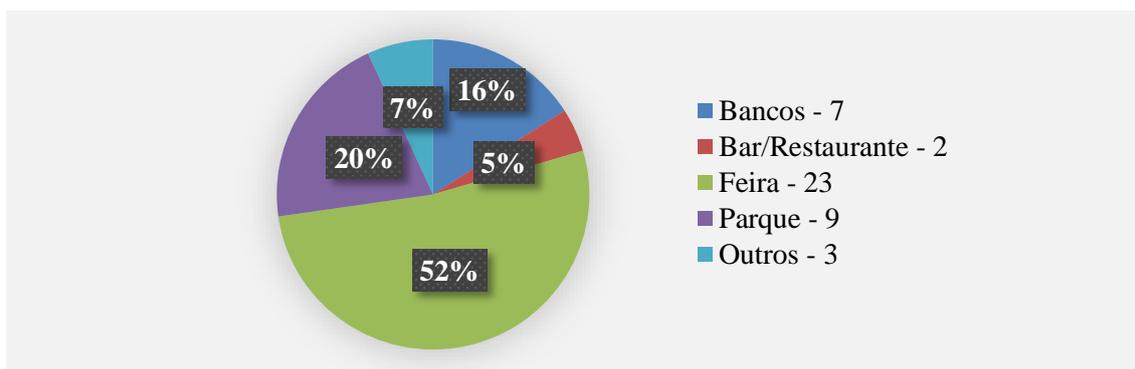
Fonte: Arquivo da autora, 2019.

O parque fica lotado de crianças no *playground* e também sentadas, brincando na grama sintética; adultos se acomodam ao chão e nos bancos. A sombra é uma marca de conforto que o local oferece. A feira, o bar e o restaurante também marcam atratividade para 28,0% dos participantes. A feira é um indicativo da frequência dos transitantes, também em dias da semana, quarta-feira e quinta-feira.

**Gráfico 10** - O que os transitantes usam da Praça EVS durante a semana.

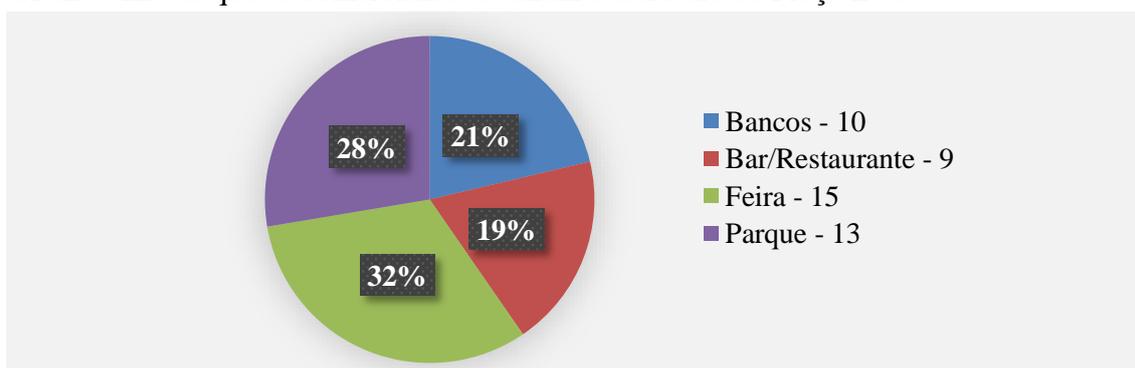
Fonte: Autora, 2019.

O calçadão também é uma estrutura importante, para a comercialização de mercadorias; enquanto o gramado oferece condições para o descanso, também para os ambulantes.

**Gráfico 11** - Os feirantes na Praça EVS.

Fonte: Autora, 2019.

Três (7,0%) feirantes do MEI indicaram outros elementos importantes, como o calçadão e o banheiro. Os comerciantes são do grupo em menor número que desfruta diretamente deste espaço. Observamos no gráfico a seguir:

**Gráfico 12** - O que os comerciantes avaliam a estrutura da Praça EVS.

Fonte: Autora, 2019.

Dos comerciantes 15 (32,0%) consideram importante a feira com diferença pouco significativa em relação ao parque:

A feira é um problema devido à sujeira deixada pelos feirantes, e os impostos que são cobrados somente dos comerciantes. Ao final se negou a assinar o termo de consentimento, se negando a ouvir as explicações sobre o anonimato da entrevista. (DIÁRIO DE CAMPO, 03.04.2019).

Os feirantes são fiscalizados pela prefeitura, os preços são tabelados, precisam de licença para atuar na feira e sofrem penalizações pelo descumprimento das obrigações fiscais. Um dos comerciantes mencionou a importância do parque e justificou: “*Por ser um espaço gratuito, trago meu filho, pois não tem muita opção.*” (COMERCIANTE 24). Este participante considera a Praça EVS uma das únicas opções de entretenimento infantil gratuito, na cidade.

### 3.3 Olhar crítico sobre o espaço

Segundo Gomes (2013) há diferença entre olhar e ver, olhar significa direcionar um campo de visão e ver é o que captamos neste campo. Neste sentido, captamos o que os participantes veem na Praça. Eles apreciam e indicam como problema a visibilidade é desigual, por isso alguns elementos despertam maior interesse, já outros no mesmo campo visual não são percebidos ou vistos.

A praça oferece diversos atrativos para os usuários, podemos observar na tabela o que chama mais a atenção em cada grupo.

**Tabela 07** – Destaques da Praça EVS.

Grupos	Aprecia	Quantidade	Porcentagem
Transitantes	Natureza	42	16,0%
	Elementos da Praça	34	12,9%
	Locais na Praça	27	10,3%
	Tudo	24	9,1%
	Locais fora da Praça	11	4,1%
	Limpeza e organização	8	3,0%
	Eventos	5	2,0%
	Encontro	4	1,5%
	Pessoas	4	1,5%
	Sensações	4	1,5%
	Movimento	3	1,1%
	Paisagem	3	1,1%

	Beleza	1	0,4%
	Iluminação	1	0,4%
	Lazer	1	0,4%
	Segurança	1	0,4%
<b>Feirantes</b>	Elementos da Praça	8	3,0%
	Pessoas	6	2,2%
	Árvores	5	2,0%
	Locais na Praça	5	2,0%
	Trabalho	5	2,0%
	Eventos	3	1,1%
	Beleza	2	0,8%
	Limpeza e organização	2	0,8%
	Locais fora da Praça	2	0,8%
	Tudo	2	0,8%
	Frescor	1	0,4%
	Lazer	1	0,4%
	Paisagem	1	0,4%
<b>Comerciantes</b>	Elementos da Praça	14	5,3%
	Natureza	13	5,0%
	Locais na Praça	7	2,6%
	Tudo	4	1,5%
	Beleza	2	0,8%
	Iluminação	2	0,8%
	Limpeza	2	0,8%
	Eventos	1	0,4%
	Paz e tranquilidade	1	0,4%
<b>Total</b>		262	100%

Fonte: Autora, 2019.

A natureza está entre os destaques, com 16,0% dos questionados. Os elementos são representados pelas estruturas da Praça, como: chafariz, monumentos, canteiros e mobiliários. Aqueles que apreciam a natureza indicam os pássaros, as plantas, o ambiente, a sensação de frescor e a sombra proporcionada pelas árvores: *“As árvores, a natureza, ajuda a relaxar.”* (TRANSITANTE 25, SJ); *“O canto dos pássaros.”* (TRANSITANTE 28, SJ); e, *“A beleza natural, mas a única coisa de natural são as árvores.”* (FEIRANTE AF 11). A Praça é um local agradável, pela sombra, fauna e flora. Os eventos são representados pela decoração, de natal e por acontecimentos que contribuem economicamente para a feira: *“Os eventos que fomentam a economia.”* (FEIRANTE MEI 2). Os aspectos relacionados ao natal são os mais apreciados. Os feirantes destacam o trabalho, o convívio com as pessoas e a ótima receptividade dos colegas. Há um grande companheirismo entre colegas da feira, este fato se consolida quando a feira é considerada como uma grande família. Sobre os problemas:

**Tabela 08** - Problemas na Praça EVS.

Grupo	Problema	Quantidade	Porcentagem
Transitantes	Pombas	8	7,2%

	Consumo de drogas, cigarro e álcool	7	6,2%
	Lixo	7	6,2%
	Prostituição	6	5,3%
	Parque	4	3,6%
	O Segurança	3	2,6%
	Mendigos	3	2,6%
	Banheiro	2	1,8%
	Falta de respeito entre usuários	2	1,8%
	Libertinagem e anarquia	2	1,8%
	Uso errado e deveria ser melhor	2	1,8%
	Calçadão	1	0,9%
	Caso de polícia	1	0,9%
	Destruição do patrimônio	1	0,9%
	Estrutura da feira	1	0,9%
	Iluminação	1	0,9%
	Indígenas	1	0,9%
	Travestis	1	0,9%
	Vendedores e pessoas pedindo dinheiro	1	0,9%
<b>Feirantes</b>	Cobertura da feira	4	3,6%
	Prostituição	3	2,6%
	Consumo de drogas e cigarro	2	1,8%
	Pombas	2	1,8%
	Lixo	2	1,8%
	Indígenas	1	0,9%
	Indisponibilidade de água	1	0,9%
	Malandros	1	0,9%
	Mendigos	1	0,9%
	Skatistas	1	0,9%
<b>Comerciantes</b>	Prostituição	11	9,9%
	Consumo de drogas e cigarro	7	6,2%
	Pombas	4	3,6%
	Falta de estacionamento	3	2,6%
	Hippies	2	1,8%
	Lixo	2	1,8%
	Vendedores	2	1,8%
	Andarilhos	1	0,9%
	Argentinos	1	0,9%
	Banheiro não sinalizado	1	0,9%
	Buracos	1	0,9%
	Falta de acessibilidade	1	0,9%
	Falta de segurança	1	0,9%
	Mendigos	1	0,9%
	Pastor	1	0,9%
	Poluição de pessoas	1	0,9%
<b>Total</b>		112	100%

Fonte: Autora, 2019.

A presença de um pastor foi citado como problema: “*Há um pastor que constantemente está na praça pregando e não respeita ninguém, provoca os grupos, seja prostitutas, vendedores de rua e até quem transita pela praça.*” (DIÁRIO DE CAMPO,

03.04.2019). Os problemas mais citados se referem a prostituição; as drogas e as pombas. Estas são indicadas devido à sujeira de suas fezes sobre os mobiliários, que danificam os objetos e ainda carregam microrganismos causadores de doenças, como Psitacose, Salmonelose, Histoplasmose, Criptococose, Toxoplasmose, entre outras; além de problemas dermatológicos e respiratórios. O controle da população de pombos se dá de diversas maneiras, entre as medidas de baixo impacto estão a inclinação da superfície de pouso, o uso de estrutura que impeça e desestabiliza o pouso, equipamentos sonoros e de ultra-som, espantalhos, refletores luminosos, tiros de ar comprimido e emprego de aves de rapina. Para o sucesso das ações empregadas é necessário medidas de prevenção por meio da educação dos munícipes. (NUNES, 2003).

Alguns relatos indicam o controle da população de pombos pela poda das árvores, também pelo emprego de aves de rapina. Esta última medida é realizada por empresas que treinam aves para a captura dos pombos, os bichos não são mortos, na captura, mas são recolhidos e destinados a outros habitats. A praça passa por limpeza semanal, principalmente devido à sujeira pelas fezes das aves.

O lixo é problema mais apontado, sujeira deixada pelos transitantes e feirantes. Também a cobertura da feira:

A cobertura esquentava muito e obriga os vendedores de verduras abandonar as bancas no período da tarde, pois as verduras estragam com o calor. Devido a falta da calha chove sobre as bancas próximas a rua. (DIÁRIO DE CAMPO, 09.01.2019).

Os feirantes que estão na lateral, do espaço ficam susceptíveis a respingos de chuva. As reclamações também estão relacionadas à exposição de algumas fiações elétricas e também à falta de estacionamento. Outras reclamações referentes ao parque: *“Faltam bancos e uma pessoa nos horários de pico para a recreação das crianças.”* (TRANSITANTE 7, FSJ) e, *“Parque dividido por idade, pois crianças maiores acabam danificando e as menores acabam não brincando.”* (TRANSITANTE 10, FSJ). Problemas são apontados como: necessidade do parque ser dividido por faixa etária; falta de bancos; falta de brinquedos; sobre o segurança, num exemplo: *“Segurança tentando impor limites, não deixa dormir na grama, vêm e chuta, mesmo sendo um lugar público.”* (TRANSITANTE 7, SJ); faltam bebedouros; falta de acessibilidade para deficientes físicos. Embora haja acesso, conforme a fotografia a seguir, não há para a mobilidade necessária.

**Figura 53** - Fotografia da rampa de acesso a calçada da Praça EVS.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

Existem algumas rampas, nas calçadas, que ligam as faixas de pedestres, conforme a da figura respeita o padrão de acessibilidade. Mas, algumas não seguem esse padrão de rebaixamento da calçada e dificultam o acesso do deficiente físico.

**Figura 54** - Fotografia das rampas de acesso dificultoso à Praça EVS.



Fonte: Arquivo da autora, 2020.

Aos redores da Praça constam vagas de estacionamento para deficientes físicos, bem como sinalização. Entretanto, algumas rampas estão em frente aos estacionamentos verticais, impossibilitando a passagem do cadeirante caso a vaga esteja ocupada.

Essas circunstâncias são as situações espaço-temporais, ou seja, um evento que ocorre em um lugar e em um momento. As condições particulares desse lugar e desse momento impõem um feixe de significações especiais ao evento. (GOMES, 2013, p. 33).

Prostitutas, mendigos, indígenas, vendedores de rua, hippies, travestis, pastores, malandros, andarilhos e pessoas pedindo dinheiro são vistos como grupos que não têm o direito ao espaço público. A Praça EVS está localizada no centro da cidade, cercada por comércios. Mas, conforme Harvey (2014) o direito à praça é de interesses privados.

Sobre o direito coletivo dos bens sociais comuns:

O direito à cidade não é um direito individual exclusivo, mas um direito coletivo concentrado. Inclui não apenas os trabalhadores da construção, mas também todos aqueles que facilitam a reprodução da vida cotidiana: cuidadores e professores, os responsáveis pelos sistemas de esgoto e pelo metrô, os encanadores e eletricitistas, montadores de andaimes e operadores de guindastes, trabalhadores de hospitais e os motoristas de caminhões, ônibus e táxis, os trabalhadores de restaurantes e os artistas, os caixas de banco e os administradores da cidade. (HARVEY, 2014, p. 246).

Grupos indicados como problema, pela susceptibilidade social e pelo papel que desempenham na vida urbana, mesmo que rejeitados e excluídos, são detentores do direito à cidade. Os indígenas são indicados como problema social como se não fossem pertencentes à sociedade.

Questionamos (Apêndice VI) as duas indígenas que encontramos na praça. Elas estavam acompanhadas pelos filhos e uma delas com o marido. Uma das indígenas é originária de Chapecó-SC, enquanto a outra de Nova Laranjeira-PR. Elas chegam em Francisco Beltrão de ônibus, uma demora 4 e a outra 9 horas. As duas frequentam a praça a trabalho, para venda de artesanatos como: de cestas, filtros do sonho, casas de passarinho, flechas e peneiras fabricados com taquaraçu<sup>99</sup>. Uma delas frequenta a praça há oito anos e a outra só na estação do verão, próximo ao Natal. Permanecem na cidade de sete a dez dias, voltam quando todo o artesanato é vendido. Elas falaram que em Umuarama e Curitiba possuem local apropriado para dormir, diferente de Francisco

---

<sup>99</sup> Planta nativa de São Paulo ao Rio Grande do Sul, conhecida popularmente como bambu. (ESPAÇO NATURALMENTE, 2020).

Beltrão, onde permanecem no Parque de Exposição Jaime Canet Júnior dormindo no chão. A outra dorme em um colchão, na garagem de um domicílio de um morador, no entorno da praça.

Além de Francisco Beltrão as indígenas frequentam outras cidades, como Laguna/PR, Florianópolis e Camboriú em Santa Catarina, em municípios paranaenses: Marmeleiro, Umuarama, Flor da Serra do Sul e Curitiba. Elas justificam que ficam na Praça devido ao fluxo de pessoas e porque é o local que conhecem. Elas enfatizaram a importância cultural do seu trabalho, que é herança familiar, desde criança contribuam na fabricação e na venda do artesanato. Apesar de sofrerem preconceito, a praça é o local público que mais representa segurança.

Gomes (2013) relata que é equívoco haver ordem sobre o que ver e como ver.

[...] sobre o que ver, como ver e em que ordem ver. [...] nesses casos, pode haver maior aleatoriedade do olhar, como um leque maior de possibilidades de compreensão. [...] a abundância de sentidos não os elimina, mas, sem dúvida, compromete a univocidade das mensagens, que almeja chegar à compreensão de um sentido construído e arbitrado por aquele que dirige a exposição. Múltiplas mensagens podem ser construídas na fragmentação do olhar e na aleatória descontinuidade daquilo que é visto. (GOMES, 2013, p. 207).

O espaço se materializa de modo subjetivo, quando se determina para além do visível. A compreensão do espaço difere entre os sujeitos, pois está relacionada: a) ao ponto de vista, b) à composição e, c) à exposição. O primeiro é uma posição que favorece a exposição de objetos, os usuários ocupam diversos deles. A parcela do espaço define o significado do lugar, por isso, a análise do ponto de vista está associada à função do espaço. São diversas as posições admitidas por quem visita, trabalha no comércio e na feira. A composição é o conjunto de estruturas que dão origem à forma do espaço, consiste no estudo dos elementos da praça e a posição onde se encontram. A exposição é o exibido e o escondido, ou seja, o que é ser visto, é definido pelo grau de exposição. A praça se faz ver e se torna vista, possui visibilidade, portanto exposição. (GOMES, 2013).

As características divergem como a localização, as necessidades, os interesses e as obrigações. Entretanto, o meio disponibiliza elementos físicos para o uso dos sujeitos, por isso há diversidade de aspectos de destaques e como problemas. A Praça, como produção social, se manifesta por acepções indicativas do espaço: lugar, paisagem e natureza.

### 3.4 Lugar, paisagem e natureza

Lugar, paisagem e natureza são categorias do espaço geográfico. Assim:

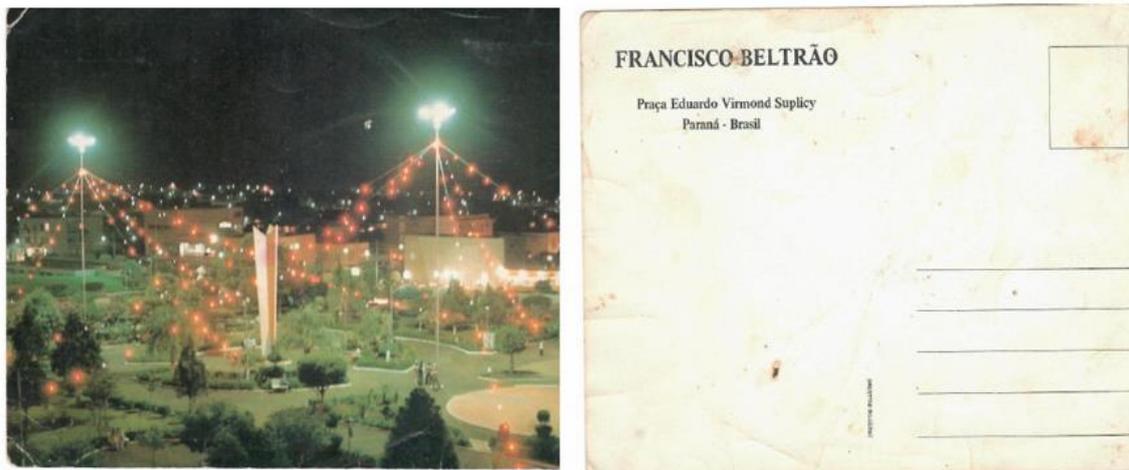
[...] o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim, temos, paralelamente, de um lado um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou sua configuração espacial e a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a paisagem; de outro lado o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. (SANTOS, 2008, p. 12).

Os objetos naturais ou transformados pelo homem, observados na materialidade caracterizam a natureza. São os elementos físicos em contato, por meio das relações sociais, que distinguem o espaço como lugar. A paisagem é o campo de visão captado pela direção do olhar. Estas categorias estão relacionadas umas às outras, entretanto a representação de espaço depende da percepção do sujeito ao meio que vive.

O espaço é criado vinculados às necessidades, por isso nos sentimos pertencentes a ele, como espaço, lugar de lazer, trabalho, turismo e local de referência. Paisagem para olhar e observar. No cronograma 1, apresentamos as categorias predominantes, de acordo com as aproximações a categoria principal. A função de lazer foi predominante entre os transitantes, que compreendem a praça como espaço de atividades relacionadas a distração, socialização, descanso, passeio, entre outras, como podemos observar nos relatos: *“Para todos virem passear, visitar, é um lugar bom de ficar, é calmo e tranquilo.”* (TRANSITANTE 11, FSJ); *“Interação, desenvolvimento das crianças, algo importante para as crianças, um ponto de distração.”* (TRANSITANTE 19, FSJ); *“Encontro vários amigos por aqui e ficamos conversando um pouco.”* (TRANSITANTE 1, SJ); *“Para as pessoas passearem, se divertir, para não ficar em casa o dia todo. Para ter onde passear.”* (TRANSITANTE 2, SJ); e, *“Ambiente familiar, ambiente para crianças virem para passar o tempo com a família e amigos.”* (TRANSITANTE 15, SF).

Os sujeitos compartilham desses espaços para adquirir sustento, como relataram: *“A estrutura da feira permitiu aos feirantes vir trabalhar até quando chove.”* (TRANSITANTE 13, FSJ); e, *“A praça funciona para a feira.”* (TRANSITANTE 20, SF). Tem função turística, estampada no cartão postal, como mostra a figura a seguir:

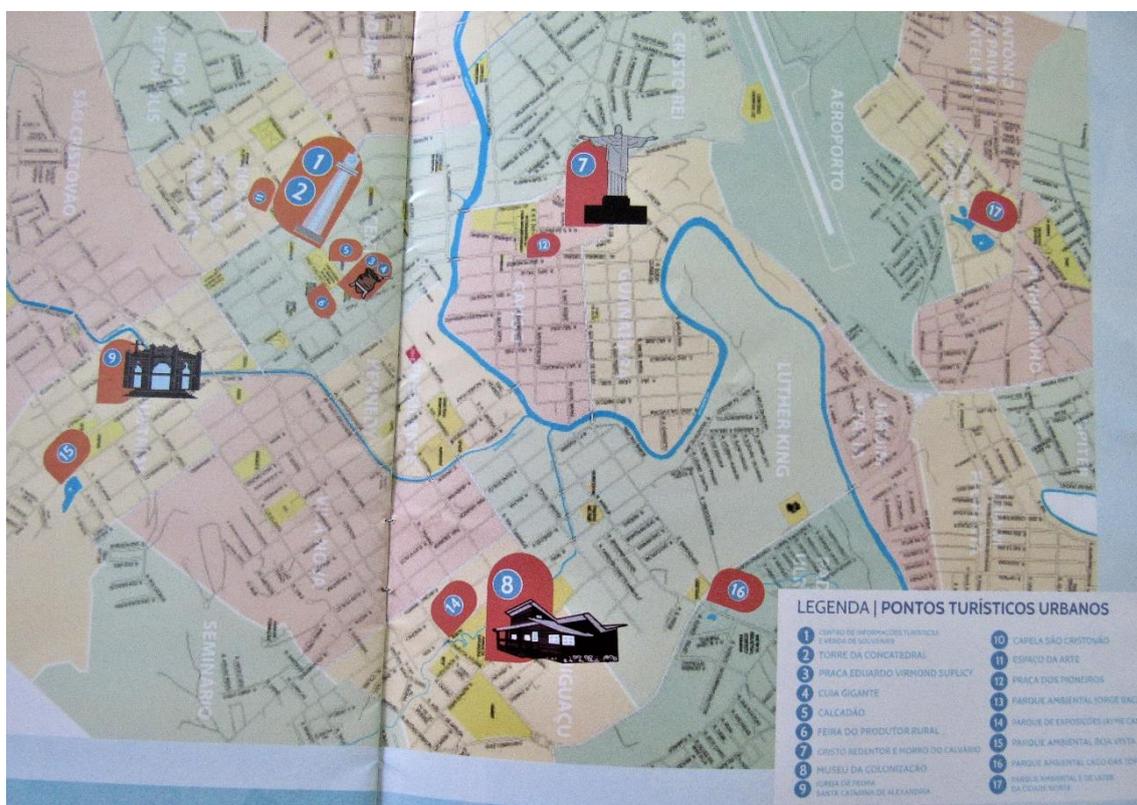
**Figura 55** - Cartão postal de 1980 de Francisco Beltrão frente e verso.



Fonte: Arquivo da autora, 1980.

O evento do Natal atrai pessoas de outros lugares e a praça consta no guia de turismo de Francisco Beltrão, como atrativo turístico e cultural. Dos 17 locais turísticos, cinco estão na praça, como podemos observar na imagem a seguir:

**Figura 56** - Pontos turísticos de Francisco Beltrão.



Fonte: PREFEITURA DE FRANCISCO BELTRÃO, 2020.

Os pontos turísticos na Praça e suas proximidades são: o centro de informações turísticas, a torre da concatedral, a cuia gigante, o calçadão e a feira do produtor rural. A Praça em si é considerada um ponto turístico como consta no item 3 do guia.

Sua localização a torna: *“Um ponto de referência, posso dizer ao amigo que estou aqui.”* (TRANSITANTE 20, SJ); Como paisagem: *“Para as pessoas sentarem e olharem o movimento.”* (TRANSITANTE 3, SJ); e, *“Venho sentar e ver o povo, dá um ar de sossego.”* (TRANSITANTE 25, SF). Ainda, *“Vislumbrar a paisagem, para pensar, porque é um espaço tranquilo.”* (TRANSITANTE 12, FSJ). Alguns enfatizam a característica pública: *“Serve para todos”* (FEIRANTE AF 3); *“Espaço público, onde podemos fazer variedades de coisas.”* (FEIRANTE AF 6); *“Exposição de vários segmentos que fazem divulgação de ações.”* (FEIRANTE MEI 4); *“Multiuso, todos podem usar para diversas coisas.”* (FEIRANTE MEI 10); *“[...] marca central da cidade, gosto da praça, pois embeleza a cidade.”* (COMERCIANTE 18); *“[...] as pessoas sentam pra tomar chimarrão.”* (COMERCIANTE 4); e, *“[...] chamar clientes, a pessoa está na praça vê a loja e chega até aqui.”* (COMERCIANTE 6).

O cronograma 4 demonstra a representação de lugar, natureza e paisagem: *“Fugir da rotina, para distrair e socializar o meu bebê.”* (TRANSITANTE 7, FSJ); *“[...] a praça é importante pra todos por que é um espaço de encontro com amigos [...]”* (TRANSITANTE 13, FSJ); *“Eu utilizo para descansar, sentar nos bancos, conhecer pessoas novas. O espaço é bom para a cidade, as pessoas se conhecem por estar aqui. Se fosse um shopping algumas pessoas não iriam vir.”* (TRANSITANTE 2, SJ); *“Lugar bonito, bom de passear. Venho porque encontro conhecido, aproveito quando venho à cidade fazer algo. Se morasse perto viria mais.”* (TRANSITANTE 9, SJ); *“Saio da praça sem estresse.”* (TRANSITANTE 11, SJ); *“Venho aos domingos com a família para tomar chimarrão.”* (TRANSITANTE 19, SJ); *“É legal para distração após a semana de trabalho.”* (TRANSITANTE 8, SF); *“Diverte algumas pessoas, outras descansa. Venho pelo espaço que é grande e não me esbarro com as pessoas.”* (TRANSITANTE 13, SF); e:

*Passo todo dia pra ir no terminal de ônibus, eu convivo com a praça. Acho um ambiente fresco, gostoso de ficar. Importante para o convívio das pessoas, um espaço que abraça as pessoas, é o foco da cidade, nos faz sentir bem. Uso também como ponto de encontro.* (TRANSITANTE 19, SF).

A socialização é extremamente importante, como processo formativo de cidadãos. A cidadania se dá na escola, onde está a possibilidade de reflexão e de aprender sobre a

vida pelas práticas sociais. O usufruto da cidade pela garantia ou não de serviços e equipamentos públicos, remete aos direitos e deveres. O direito à cidade e às formas de gestão para garantia dos direitos, são garantidos pela atuação ativa dos sujeitos no meio. A cidadania se constrói no dia a dia, nas relações entre sujeitos e meio, nas diversas esferas sociais. (SANTOS, 2014).

O lazer das crianças é citado pelos adultos com grande importância: *“Para as crianças desenvolverem a coordenação motora, as habilidades, convivência com outras pessoas.”* (TRANSITANTE 14, SJ); e *“Espaço para recreação, viemos pela criança porque pra nós não tem o que fazer.”* (TRANSITANTE 10, FSJ).

Um entrevistado citou também o lazer das crianças e para tanto a importância da estrutura do parque: *“Lazer para crianças [...] gosto deste tipo de praça, sem areia e pedrinha.”* (TRANSITANTE 32, SJ); *“Local limpo, aconchegante, seguro.”* (TRANSITANTE 30, SJ); e *“Organização, local limpo, pessoas do bem que frequentam, estruturalmente bom.”* (TRANSITANTE 3, FSF).

A praça é ponto turístico para os munícipes: *“Ponto turístico, lugar diferente e bonito para pessoas, principalmente final de semana.”* (TRANSITANTE 26, SF); *“Ela representa a beleza, é um cartão de visita.”* (TRANSITANTE 4, FSJ); e *“Marco importante da cidade, um ponto turístico como os pontos turísticos do RJ, a forma que foi planejada atrai os olhares de quem visita à cidade.”* (TRANSITANTE 10, FSF); Os comerciantes admitem a importância da Praça como lugar, paisagem e natureza, como podemos observar no cronograma 6. O lugar para lazer, ponto de referência, trabalho, turismo. A paisagem, no que se refere a olhar e ser visto, e a natureza pela importância da sombra das árvores.

O lazer está associado ao parque infantil, além de atividades como passeio, socialização, brincadeiras, convivência, descanso, caminhadas, distração, diversão, bem-estar e a tipologia pública que permite o uso gratuito.

A socialização foi verificada no relato: *“[...] acabo encontrando pessoas na praça e construindo relações.”* (COMERCIANTE 6). Neste sentido a socialização ocorre pelo encontro, num espaço do desconhecido que pode se tornar conhecido, pela troca de experiências.

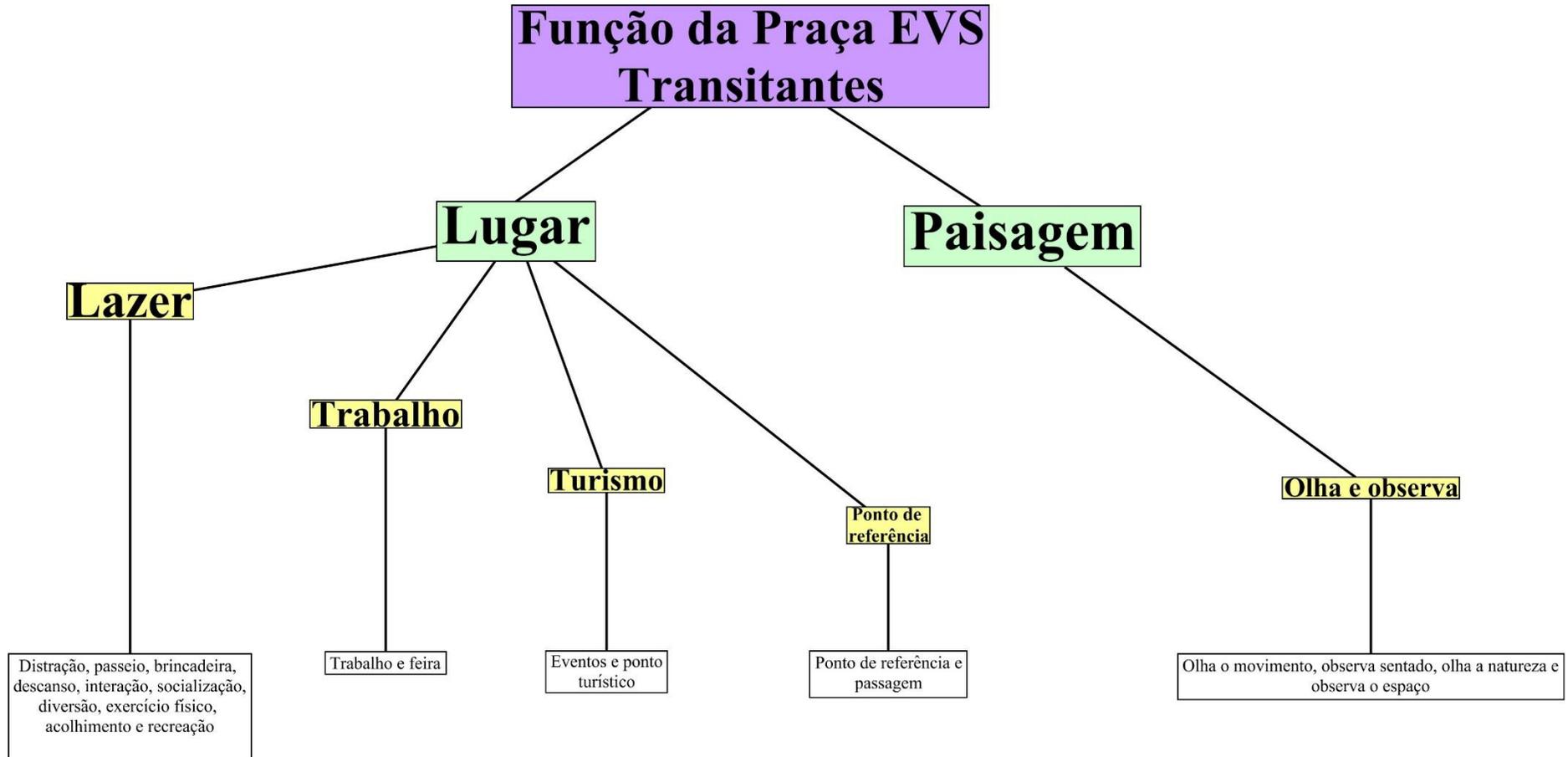
O ponto de referência se refere a passagem, encurtar caminho e a representação do espaço como símbolo da cidade, como diz o comerciante: *“[...] Simboliza uma boa parte da cidade.”* (COMERCIANTE 2). Também é ponto de referência para o comércio.

A Praça como paisagem no comentário do comerciante: *“Se você ficar uma hora na praça observando você conhece a cidade [...]. A Praça tem uma vida própria sem*

*nossa interferência [...] É um lugar onde o povo gosta de olhar e ser visto.”* (COMERCIANTE 2). Importante observar, ver a vida acontecendo, potencializa o espaço como de todos, onde tudo acontece. Podemos conhecer a cidade olhando a Praça, pois ela possui a sua representação. Ao olhar para ela também se está sendo observado, pois é um espaço de intensa exposição. A afirmação do comerciante sobre a Praça possuir vida própria independente da interferência humana é contraditória, pois não há meio sem a interferência dos sujeitos, não existe sem a funcionalidade humana.

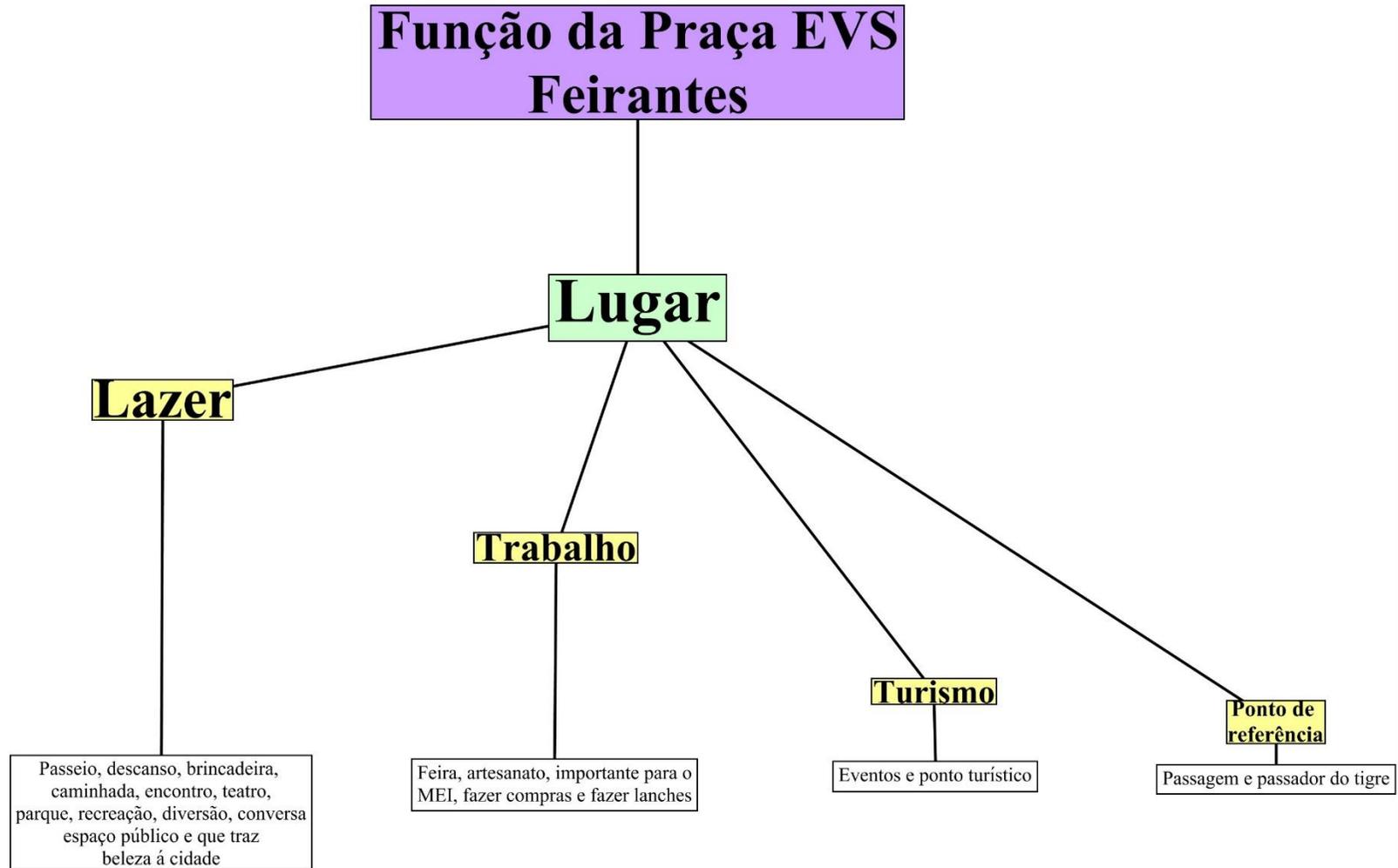
Os organogramas a seguir se referem a uma síntese das análises descritas até este momento sobre a função e importância da Praça para os transitantes, comerciantes e feirantes.

Organograma 01 – A função da Praça EVS para os transitantes.



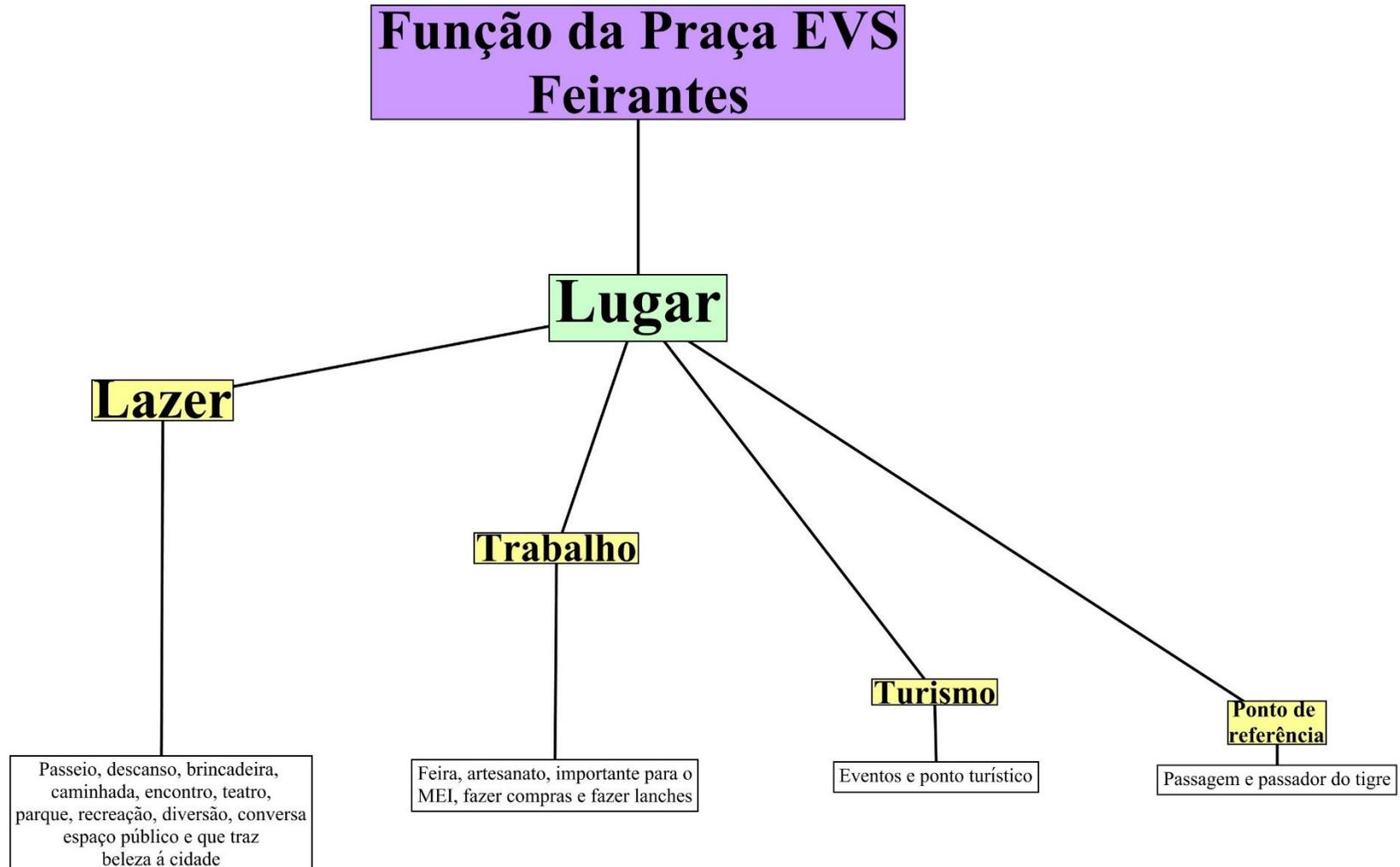
Fonte: Autora, 2019.

**Organograma 02** – A função da Praça EVS para os feirantes.



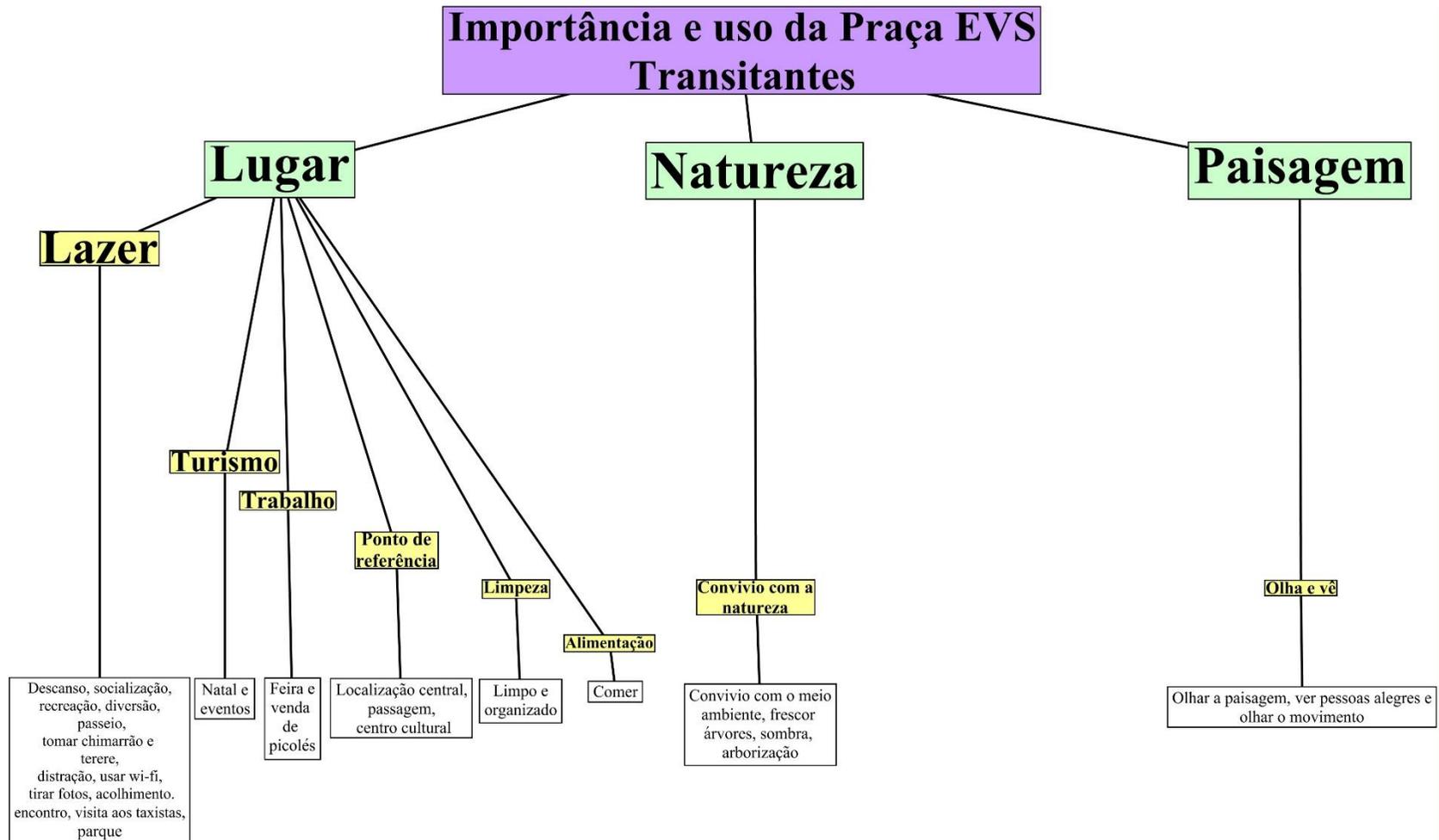
Fonte: Autora, 2019.

**Organograma 03** – A função da Praça EVS para os comerciantes.



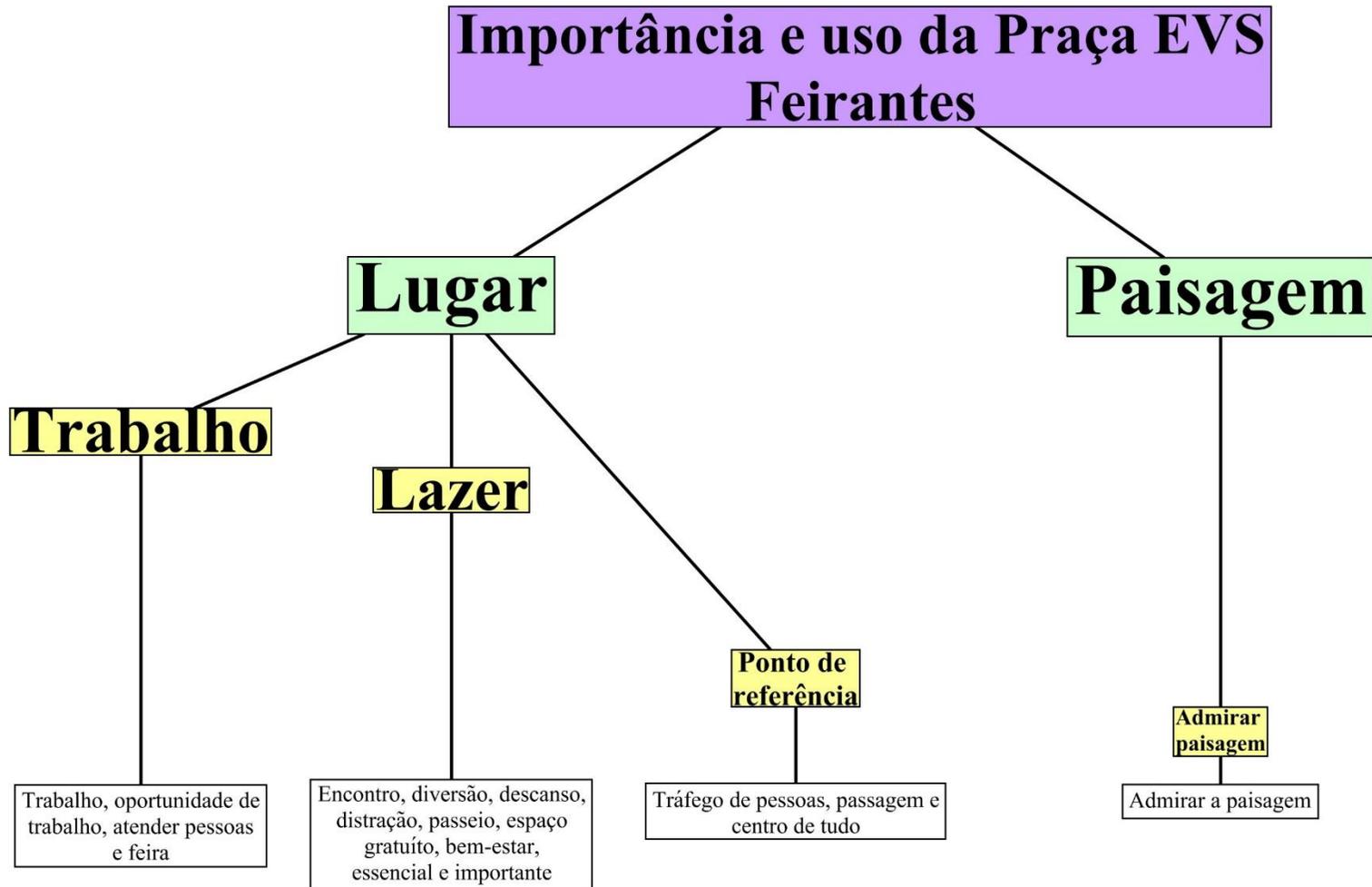
Fonte: Autora, 2019.

Organograma 04 - A importância e uso da Praça EVS para os transitantes.



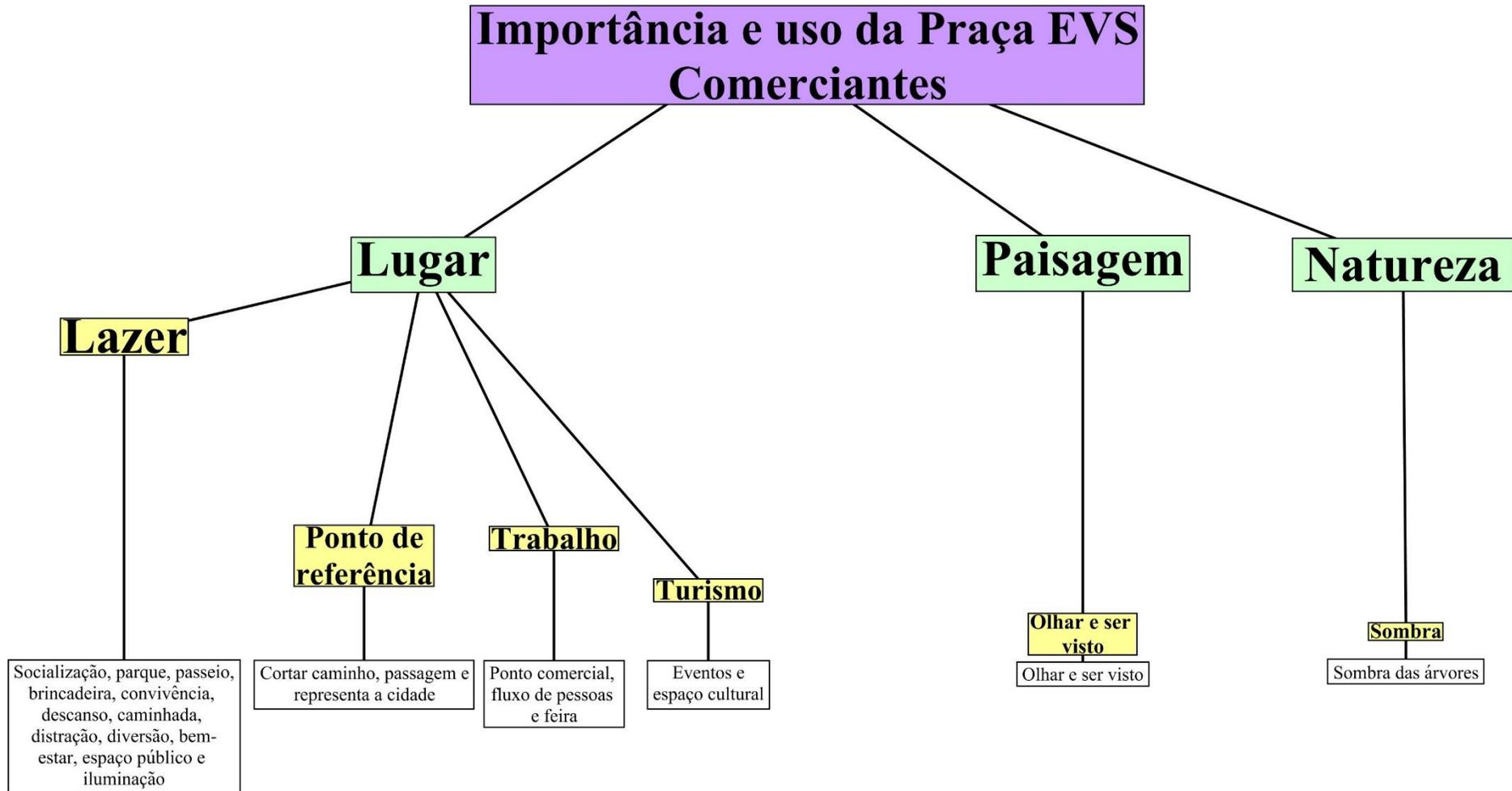
Fonte: Autora, 2019.

Organograma 05 – A importância e uso da Praça EVS para os feirantes.



Fonte: Autora, 2019.

Organograma 06 – A importância e uso da Praça EVS para os comerciantes.



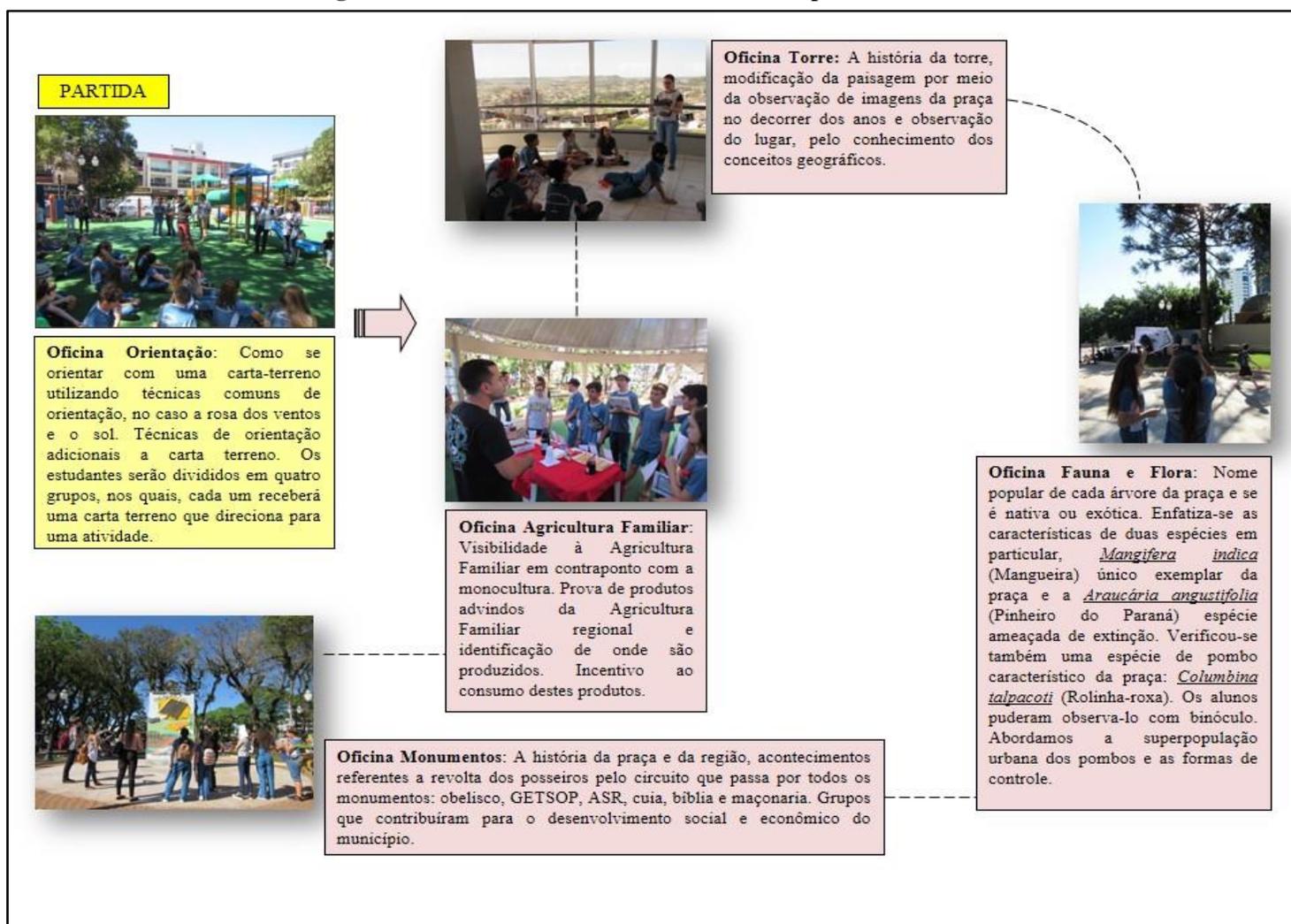
Fonte: Autora, 2019.

### **3.5 Educação para cidadania**

As pegadas dos pés dos posseiros, sedentos por direitos, em 1957, foram apagadas pelas modificações físicas, no tempo, no espaço, mas lembradas por meio de vários registros, dentre eles os monumentos na Praça. No concreto podemos ver além do visível, o significado. Por isso, quando a escola entra na Praça o mundo da vida entra na escola. Este texto traz o estudo do lugar, necessário para a formação do cidadão. Para isso, evidenciamos uma experiência pedagógica possível para estudar o lugar público como o caso da Praça. Este não era um objetivo previsto, ocorreu pela procura das escolas, que ficaram sabendo desta pesquisa. Acolhemos, como uma parcela na investigação, que tem pretensão de continuar, como semente deste trabalho. Para tal, foram produzidas ações que incluíram os elementos históricos, culturais, econômicos e sociais registrados e levantados na Praça EVS, durante a pesquisa. Elaboradas com os elementos do espaço, registros da história, do desenvolvimento econômico e cultural.

A prática educativa está demonstrada na imagem a seguir.

**Figura 57** - Dinâmica de funcionamento da prática educativa.

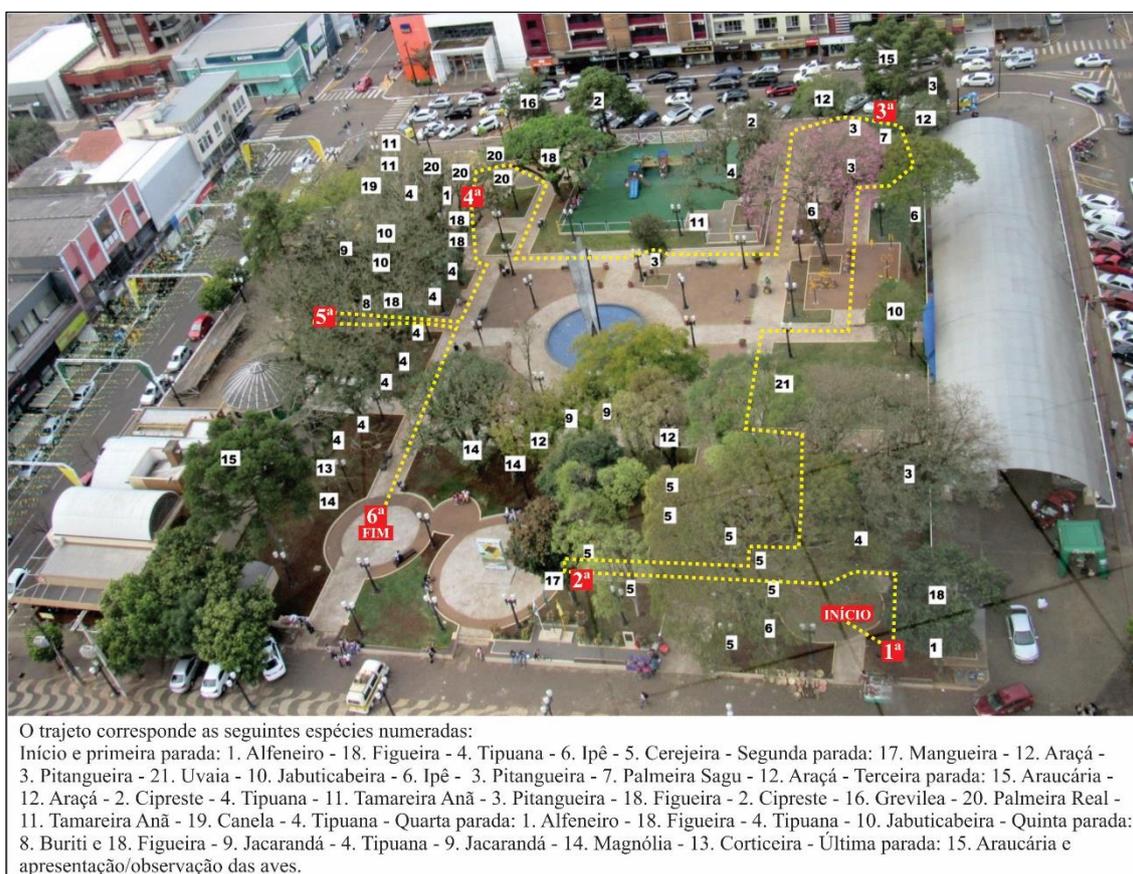


Fonte: Autora, 2019.

O ponto de partida da ação foi no parque infantil, onde os estudantes foram organizados em quatro grupos, receberam informações e orientação; um croqui do local, específico para cada grupo (Apêndice VII). Os croquis representam a Praça com referências ao comércio dos arredores e dos pontos das ações, numerados sequencialmente. O croqui é a base da prática, direciona os estudantes para as demais ações com a fauna, a flora, os monumentos, a Agricultura Familiar e a torre, que ocorreram em sincronia e sequencialmente. Os croquis apresentam, no verso, um espaço para anexar adesivos respectivos que justificam a ação concluída.

A ação da fauna e flora consistiu no trajeto pelas 21 árvores da Praça. A seguir a imagem do trajeto realizado.

**Figura 58** - Trajeto da ação Fauna e Flora na Praça EVS.



Fonte: Autora, 2020.

Organizadoras: TOFFOLO, ROCHA, 2020.

A ação da fauna e da flora, conforme a figura 56, iniciou próximo ao monumento da cuia e abrangeu todas as espécies na sua proximidade. O mesmo ocorreu no decorrer do trajeto, no qual todas as espécies foram observadas. Das 21 espécies da Praça, 12 são

nativas e as outras, nove, são originárias exóticas. Como podemos observar na tabela a seguir.

**Tabela 09** - Espécies exóticas e nativas da Praça EVS em 2019.

Nome popular	Espécie	Origem	Qtde
Tipuana	<i>Tipuana tipu</i>	Nativa	10
Cerejeira	<i>Prunus avium</i>	Exótica – Ásia	8
Figueira	<i>Ficus guaranítica</i>	Nativa	5
Pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i>	Nativa	5
Araçá amarelo	<i>Psidium cattleianum</i>	Nativa	4
Palmeira real	<i>Archontophoenix alexandrae</i>	Exótica – Austrália	4
Jacarandá	<i>Jacaranda mimosaeifolia</i>	Nativa	3
Jabuticabeira	<i>Myrciaria cauliflora</i>	Nativa	3
Ipê	<i>Tabebuia chrysotricha</i>	Nativa	3
Magnólia	<i>Magnolia grandiflora</i>	Exótica – Estados Unidos da América (EUA)	3
Tamareira anã	<i>Phoenix roebelenii</i>	Exótica – Ásia	3
Pinheiro do Paraná	<i>Araucaria angustifolia</i>	Nativa	2
Alfeneiro	<i>Ligustrum lucidum</i>	Exótica – China	2
Cipreste do Himalaia	<i>Cupressus torulosa</i>	Exótica – Sul da Ásia	2
Buriti	<i>Mauritia vinifera</i>	Nativa	1
Canela	<i>Nectandra megapotamica</i>	Nativa	1
Corticeira	<i>Erythrina falcata</i>	Nativa	1
Grevilea	<i>Grevillea robusta</i>	Exótica – Austrália	1
Mangueira	<i>Mangifera indica</i>	Exótica - Ásia	1
Palmeira de sagu	<i>Cycas revoluta</i>	Exótica – China e Japão	1
Uvaia	<i>Eugenia lutescens</i>	Nativa	1
Total de espécies	21	Nativas: 12 Exóticas: 9	64

Fonte: Autora, 2020.

Organizadoras: TOFFOLO, ROCHA, 2020.

Das espécies nativas, uma delas em perigo de extinção é a *Araucária angustifolia*, conhecida como Pinheiro do Paraná, frequente na região. Existe na Praça duas araucárias, uma próxima do monumento do GETSOP e a outra do monumento da bíblia. Outra espécie é a *Mangifera indica*, conhecida como mangueira pela produção da fruta manga, com único exemplar.

Os estudantes receberam um folder (Apêndice VIII) com a lista das espécies florísticas, identificadas e de onde são originadas. Uma das espécies de pombo, frequente na Praça, é a *Columbina talpacoti* (Rolinha-roxa). Para a identificação da fauna disponibilizamos binóculos.

A ação dos monumentos iniciou no obelisco e percorreu todos os monumentos, mais o da árvore da amizade do Rotary e o da Associação de Defesa e Educação Ambiental de Francisco Beltrão-PR<sup>100</sup>. No coreto<sup>101</sup>, área destinada a Agricultura Familiar, os estudantes encontraram produtos oriundos de pequenos produtores, que cultivam e compartilham a terra com seus familiares. A ação iniciou com a apresentação do histórico, objetivo e importância da Agricultura Familiar. Os estudantes passaram pelas mesas realizando a degustação dos produtos e receberam um mapa temático, uma folha de atividade (Apêndice IX) para associação dos produtos com a região originária.

Relação de materiais e alimentos no quadro a seguir:

**Quadro 08** - Relação de materiais e alimentos da ação da Agricultura Familiar.

Relação de materiais de apoio	Relação de alimentos	
6 Mesas brancas	Frutas	10 kg de banana
6 Toalhas vermelhas		6 bandejas de morango
4 Cadeiras brancas		5 kg de uva
Banners das cooperativas		3 kg de laranja
Barbante		3 kg de bergamota
Tesoura		2 melancias
Fita adesiva		Doces
Colher, garfo e faca	4 bolos de sabores diversos	
1 Caixa térmica	4 pacotes de biscoitos diversos	
Bandejas de isopor ou plástico	2 compotas de doce	
Palitos de dente	Salgados	4 peças de salame
Guardanapo		3 peças de queijo
Copos descartáveis		Tilápia em tiras
		1 dúzia de ovos cozidos
	Bebidas	6 garrafas de suco de uva
		2 galões de suco de laranja
		5 pacotes de iogurte

Fonte: RIBEIRO, MARROCOS; 2020.

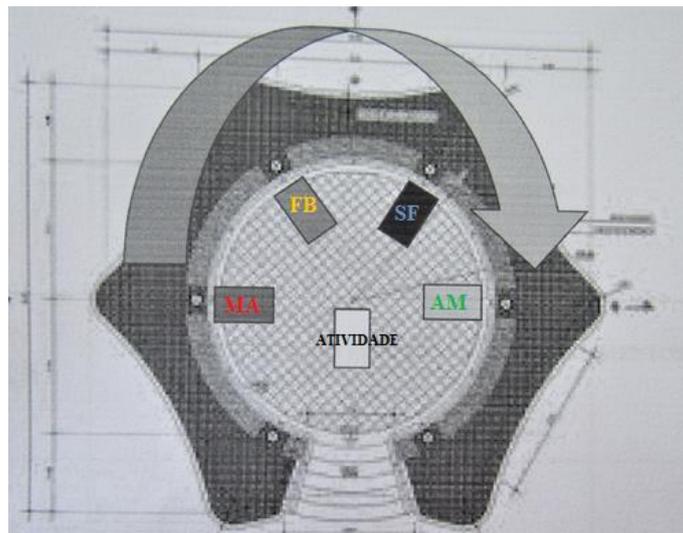
Organização: Autora, 2020.

Os alimentos, anteriormente listados, foram doados pelas cooperativas dos produtores. As mesas foram organizadas, no coreto, de acordo com o croqui a seguir:

<sup>100</sup> Estes dois monumentos não foram incluídos no folder devido terem sido notados no decorrer da prática com o segundo colégio participante.

<sup>101</sup> O uso do coreto foi agendado com antecedência no Departamento da Cultura de Francisco Beltrão. Realizamos uma ligação e confirmamos o agendamento.

**Figura 59** - Planta baixa do coreto conforme a organização da ação da Agricultura Familiar.



Fonte: RIBEIRO, MARROCOS; 2020.  
Organização: Autora, 2020.

Cada mesa se referiu aos produtos de uma localidade. Na mesa de Marmeleiro (MA) estavam os doces; na de Francisco Beltrão (FB) as frutas; na de Salgado Filho (SF) os salgados e na de Ampère (AM) as bebidas. Uma das mesas estava vaga para a realização da atividade final. Os produtos foram expostos em bandejas, com palitos, para a prova dos estudantes. Na ação da torre da concatedral os estudantes estudaram sobre: lugar, paisagem e território. O panorama de cima da torre permite a visão da Praça e da cidade, comparativo com uma exposição de fotografias, das modificações do espaço, no tempo e cada estudante recebeu um folder com a descrição da história da torre (Anexo X). A seguir, imagens expostas em forma de varal.

**Figura 60** – Fotografia da exposição de imagens na ação da torre da concatedral.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

A figura 58 representa a ação da torre, em que um estudante de outro colégio, que não participava, foi atraído para a ação educativa. Ele está observando a imagem da Praça, referente ao ano de 1970, ao mesmo tempo que vê, pelo vidro do mirante da torre, a morfologia do espaço Praça. Os estudantes receberam mudas de árvores frutíferas de espécies presentes, na Praça, como: pitangueira, uvaia, jabuticabeira e cerejeira.

**Figura 61** - Fotografia dos estudantes e professores do CEI e CES com os pesquisadores do RETLEE ao final da prática educativa na Praça.



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Na fotografia, o registro dos estudantes, em mãos os estudantes carregam o material disponibilizado e as mudas de árvores. Eles avaliaram a atividade por meio de questionário (Apêndice XI), também os professores, que acompanharam as turmas

(Apêndice XII). As respostas originaram categorias que foram expostas, nas tabelas seguintes.

**Tabela 10** – Avaliação da prática educativa.

Avaliação sobre atividade	Quantidade	Porcentagem
Aprendizagem	27	41,6%
Aspectos que chamaram a atenção positivamente	19	29,2%
Novidade	13	20,0%
Aspectos negativos	6	9,2%
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autora, 2019.

Dos estudantes, 41,6% declararam a prática como fomentadora de aprendizagem. Caracterizaram como informativa, educativa, como modo de aprender e com conteúdo maravilhoso. Ainda, se referem ao acolhimento dos professores, aos alimentos gostosos, a surpresa de subir a torre, citaram a beleza da Praça. Que foi novidade, conforme os depoimentos: *“Atividades diferentes onde “brincando” aprendemos muitas coisas.”* (E17-CEI); *“Conhecemos coisas que nunca tínhamos notado, tipo os monumentos, as aves, árvores e a igreja que tem formato de uma cruz.”* (E19-CES). Também: *“Conteúdo maravilhoso, muito bem explícito mas meio cansativo pois ficamos andando no sol mas foi ótimo.”* (E19-CEI); e, *“Só não gostei de subir na torre a pé, mas de resto tudo certo.”* (E21-CEI). Ocorreu um imprevisto, neste dia, o elevador da torre estragou e os estudantes subiram pelos 24 andares. Os estudantes evidenciaram a necessidade de haver mais ações interativas como estas. Elencaram o que lhes chamou atenção, o que consideraram mais importante e menos importante e quais ações gostariam de realizar novamente.

**Tabela 11** – Atrativos da Praça EVS.

Avaliação	Quantidade	Porcentagem
<b>Atração</b>		
Agricultura familiar	15	25,0%
Fauna e Flora	11	18,3%
Torre	11	18,3%
História da Praça e de Francisco Beltrão	7	11,6%
Monumentos	7	11,6%
Aprender	2	3,4%
Conhecer a Praça	2	3,4%
Igreja	2	3,4%
Tudo	2	3,4%
Novidade	1	1,6%
<b>Total</b>	<b>60</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autora, 2019.

Sobre o que mais chamou a atenção: *“O que me chamou mais a atenção foi o coreto, por que eu nunca imaginei que iria ter comida.”* (E1-CEI). Alguns não imaginavam que a produção da Agricultura Familiar poderia gerar renda: *“A da Agricultura Familiar pois experimentamos comidas diferentes e saber como as famílias produzem seu dinheiro.”* (E17-CEI). Também o destaque para a fauna e a flora, que pelo uso do binóculo conseguiram observar algumas especificidades, além da diversidade de espécies vegetais. Alguns dos estudantes ainda não haviam visitado a torre e se impressionaram com a vista da cidade, proporcionada do alto.

**Tabela 12** – Importância da prática educativa.

<b>Avaliação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Importância</b>		
História da Praça, município e torre	16	30,2%
Agricultura familiar	11	20,7%
Tudo	8	15,1%
Fauna e flora	7	13,2%
Monumentos	6	11,3%
Torre	3	5,7%
Paisagem Francisco Beltrão	1	1,9%
Professores	1	1,9%
<b>Total</b>	<b>53</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autora, 2019.

Os estudantes percebem a importância em compreender a história do local onde vivem, por isso a história da Praça, do município e da torre foram bastante mencionados. Aspectos relacionados às ações são constantes. Eles evidenciaram a importância da mediação dos professores: *“Em minha opinião as pessoas pareciam que estavam conversando, mas estavam ensinando.”* (E11-CEI).

Os estudantes destacaram a presença de um padre, que estava de passagem e se interessou pela explanação da história do monumento da maçonaria, segundo o seu relato, ele não havia notado a existência daquele monumento. Os estudantes avaliaram as atividades que gostariam de realizar novamente:

**Tabela 13** – Os estudantes fariam novamente da prática educativa.

<b>Avaliação</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Repetir</b>		
Agricultura familiar	18	31,6%
Torre	16	28,1%
Todas	11	19,3%
Fauna e Flora	7	12,3%
Monumentos	4	7,0%

Continuação

Localização	1	1,7%
<b>Total</b>	<b>57</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autora, 2019.

A ação da Agricultura Familiar impressionou os estudantes, que gostariam de repetir. Esse fator demonstra o interesse deles em interagir com o que lhes é ensinado, pelo contato físico com os objetos, ver, sentir, provar. A torre também porque proporciona excelente vista: “*Quando subimos na torre, pois vimos que nossas paisagens mudam muito e que a cidade está cada vez crescendo mais.*” (E16-CEI).

Sobre o que mudou após a atividade educativa na Praça:

**Tabela 14** – Visão dos estudantes sobre a Praça.

Colégios	Aprendizagem	Quantidade	Porcentagem
<b>Colégio Estadual Industrial e Colégio Estadual Dr Eduardo Virmond Suplicy</b>	História	15	32,6%
	Monumentos	8	17,4%
	Novidades	7	15,2%
	Conhecimento adicional	4	8,7%
	Fauna e Flora	4	8,7%
	Tudo	3	6,5%
	Visibilidade	2	4,3%
	Agricultura familiar	1	2,2%
	Significados	1	2,2%
	Visão da cidade do alto	1	2,2%
<b>Total</b>		<b>46</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autora, 2019.

Alguns estudantes não possuíam conhecimento sobre os aspectos representativos da Praça, sobre a história do município e sobre os monumentos: “*Mudou minha concepção, agora os monumentos têm sentido.*” (E16-CEI). Outro enfatizou: “*Agora eu tenho mais interesse na cidade e na sua história.*” (E9-CEI), “*Agora eu sei o que tudo aquilo significa.*” (E18-CEI). Eles passaram a ver o lugar Praça de outra forma, com sentido, para além do espaço de lazer. As ações educativas fizeram a diferença no conhecimento. Eles passaram a compreender, pela atividade, outros aspectos. A ação resultou em aprendizagem. O mesmo aconteceu com os que tiveram a percepção do espaço modificado; do conhecimento adicional; que começaram a observar a Praça de modo diferente, com maior visibilidade. A Praça deixou de ser despercebida, a partir do momento que compreenderam o seu significado.

Os estudantes apresentaram sugestões para a continuidade do processo. Enquanto alguns alegaram estarem satisfeitos do modo como foi organizada. Mas, apresentaram algumas contribuições:

**Tabela 15** – Sugestões para estudar na Praça.

Colégios	Sugestões	Quantidade	Porcentagem
<b>Colégio Estadual Industrial e Colégio Estadual Dr Eduardo Virmond Suplicy</b>	Ampliação para outros locais	7	41,2%
	Aprofundamento do conteúdo nas ações	4	23,6%
	Repetir atividade	2	11,7%
	Usar elevador	2	11,7%
	Mais ações	1	5,9%
	Outras atividades na Praça	1	5,9%
<b>Total</b>		17	100%

Fonte: Autora, 2019.

Os estudantes sugeriram a ampliação da atividade para outros locais na cidade, inclusive para a história da Igreja: *“Se algum dia a igreja permitir talvez possamos visitar a Concatedral Nossa Senhora da Glória, por dentro e conhecer sua história.”* (E7-CEI). Alguns aspectos foram apontados para mais detalhamentos; para a necessidade de ensinar a usar o binóculo, continuar com a Agricultura Familiar e aprofundar as explicações dos monumentos.

Os estudantes sugeriram: *“Gincanas, caça ao tesouro e piquenique”* (E-CEI). Entre as respostas indicaram que está tudo ótimo, que aprenderam muito. De fato está relacionado com os conteúdos escolares, pois articula com o que foi trabalhado. Esse fato se consolida nos relatos dos professores, que acreditam na possibilidades de ser um componente curricular, nos conteúdos de Geografia, de História, de Ciências e de Religião. Estudar Geografia para compreender a transformação da paisagem, da urbanização, da economia e da análise de rochas. História para estudar a colonização na formação do município. Ciências ao enfatizar as características naturais. A Geografia foi mais citada. Segundo os professores a prática contribuiu porque faz relação com os conteúdos escolares e por transformar o olhar dos estudantes ao espaço.

*Eles puderam ter um olhar diferente sobre a Praça central, não apenas como um espaço onde ocorrem shows, feiras ou exposições de carros. Puderam perceber que além disso é um espaço histórico, palco de revolução que entrou para a história e que cada monumento está ali por uma razão.* (PROFESSORA 2 CEI).

Para esta professora a história da Praça também foi novidade, segundo ela alguns monumentos passavam despercebidos ao seu olhar. Os professores consideraram inédita, a ação com a fauna e a flora, pois a diversidade de plantas, na Praça, impressionou. Também a importância da parceira da universidade com a escola. Houve dificuldade para a participação, na atividade devido à falta de transporte para levar os estudantes até a Praça e o cansaço, provocado pela trajetória. Por isso, as sugestões foram relacionadas ao agendamento de transporte na prefeitura. O professor do CES enfatizou a importância de envio do material utilizado para a atividade com antecedência para ser trabalhado na sala de aula.

Quando estudamos o lugar estamos contribuindo na formação de cidadãos, pois a compreensão do mundo leva o sujeito a atuar no meio e o transformá-lo conforme seus direitos, porque ser cidadão é ser ativo. Portanto, o sujeito não nasce cidadão ele se torna pela educação. A educação é um dos principais processos na constituição dos sujeitos cidadãos que se situem no mundo e buscam aperfeiçoamento da sociedade. (SANTOS, 2014). Para a compreensão da posição no mundo é preciso conhecer a sua história.

[...] cidadania também está vinculada a esta possibilidade de “conhecer o mundo” e, conhecendo o mundo, conhecemos a nossa própria história, nossas estruturas organizacionais e formativas, contribuindo, assim, para pensarmos criticamente a nossa realidade na qual somos estudantes e docentes. (CALLAI, 2016, p.114).

A história dos grupos, instituições e do território estão registradas na paisagem que materializa a relação homem-natureza (CALLAI, 2004). A educação cidadã visa formar sujeitos autônomos e solidários, com a participação ativa na comunidade e nas instituições. O produto da educação para cidadania é o conhecimento socialmente elaborado. O maior desafio é a chamada governança inclusiva, participação dos sujeitos nas tomadas de decisões públicas (CLAUDINO, 2019). Ao contrário o sujeito é fadado a ser mera personalidade, não cidadão, pois cidadão é uma categoria política e só tem vigor no jurídico. (SANTOS, 2014).

A aprendizagem precisa considerar o conhecimento, do entorno, de onde o estudante vive e onde está a escola, o cotidiano do estudante. A Praça faz parte do cotidiano, como um lugar da e na cidade, possibilita o conhecimento da origem, da construção da identidade e de pertencimento. Segundo Callai (2004) existe a possibilidade de se trabalhar com os espaços urbanos entre eles a Praça, em Geografia,

tendo a como interlocutora a interdisciplinaridade, como espaço público de lazer e espaço simbólico da cidade.

Estudar na Praça tem seus impasses, pois durante a atividade tivemos dificuldades como: o barulho provocado por uma máquina de limpeza, desrespeitando o uso da Praça na educação, embora comunicamos ao poder público por ofício (Apêndice XIII). Embora o setor responsável demonstrasse desconhecimento da reserva e descaso pela situação. Esta também é uma condição, no sentido que representa a constituição da sociedade, como está organizada e o valor que é dada à educação fora da sala de aula. A história não foi construída ao acaso, mas por grupos que registraram o que acreditam e o produzem no espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que possamos compreender a territorialidade espacial da Praça EVS recorremos à história, à origem e à constituição, nos principais eventos, desde a Antiguidade. A precursora de todo este processo foi a ágora grega, que surgiu num formato irregular devido ao posicionamento dos edifícios administrativos, que foram se estabelecendo e criaram este espaço para atividades coletivas cívicas e de lazer.

Nas aldeias indígenas a localização da Praça foi centralizada, com formato diferente de uma tribo para outra, onde se estabeleciam as relações culturais e ritualísticas. Em Portugal, a Praça surgiu da necessidade de estabelecer espaços públicos para a população se reunir e abrigar os principais edifícios culturais, governamentais, econômicos, religiosos, cívicos e de mercado. A Praça brasileira se constituiu com características híbridas da portuguesa e da indígena, em seus aspectos multifuncionais incluem: a) a religiosidade pela implantação da religião dos colonizadores, nas tribos indígenas; b) o mercado, nas áreas portuárias; c) da territorialidade, demonstração do poder, se formou em locais altos e com a presença de edifícios institucionais.

A região Sudoeste do Paraná foi território de disputas, espaço de luta, que culminou com a Revolta dos Posseiros. A Praça EVS surgiu com a própria constituição do município de Francisco Beltrão, juntamente com a igreja católica, demarcaram com este local o centro da cidade, que se desenvolveu ao seu entorno. Ali está registrada a materialidade histórica e resguardada a sua representação processual, nos monumentos, nos símbolos e na estrutura de uma sociedade que se desenvolveu pela origem cultural, dos imigrantes que pra cá vieram e preservaram suas origens culturais e religiosas. Entretanto, a presença dos monumentos está relacionada às instituições das quais reproduzem a originalidade e a identidade hegemônica de uma sociedade que se formou neste território.

Ao mesmo tempo, as ações individuais e coletivas, na Praça, produzem condições para o trabalho dos feirantes e de grupos marginalizados socialmente, como vendedores ambulantes, indígenas e prostitutas. Estes se garantem em território público. Há contradição na representação da materialidade de território público, em relação à desigualdade social, uma vez que perdura, no decorrer dos anos, Praça como um espaço mais acessado pelas instituições privadas, do que das públicas.

Há indicativos dos gestores municipais, em geral, em delegar a manutenção das Praças à órgãos particulares. Como é o caso do programa “adote um verde” implantando

em 2003 em Belo Horizonte e do “adote uma Praça”, de São Paulo, em 2017. Por meio destes programas, empresas privadas ficam responsáveis por realizar a manutenção desses espaços públicos. No caso do “adote uma Praça”, a empresa realiza o cuidado por um ano, em troca poderá inserir propagandas próprias, no local. Em São Paulo o programa se popularizou e, em 2019, consistia em 1.118 praças adotadas. (SÃO PAULO, 2020; MAGALHÃES, 2013).

Os programas de adoção de uma praça estão instalados em cidades mais populosas no Paraná, como o “Boa Praça”, em Londrina, instalado em agosto de 2019; o “Adote uma Praça” em Foz Iguaçu, desde 2018, garantido pela Lei municipal nº 4.254; Curitiba com o programa desde 1991, pela Lei nº 7.628. (BOA NOITE PARANÁ, 2020; FOZ DO IGUAÇU, 2018; CURITIBA, 1991).

A materialidade da Praça EVS está evidenciada como espaço de lazer, de trabalho, de referência de localização geográfica e de turismo. O eventual que ocorre é a procura, pelas instituições escolares, para desenvolvimento de ações sociais com a comunidade. Esta pesquisa demonstra o potencial educativo a ser desenvolvido, também evidenciado nesta dissertação pelos marcos históricos e geográficos do território.

A função deste território, das praças, difere conforme as civilizações, pois segue as particularidades, associadas às necessidades sociais dos grupos. Entretanto, há uma característica comum, permitir a integração e a sociabilidade da população, onde a vivência coletiva ganha forma, singularidade, relacionado à forma, estrutura e processo. Categorias independentes, mas interligadas, as quais revelam, pela disposição dos elementos que as constituem, um processo marcado pelo acúmulo de fatos e de eventos, no tempo histórico, que se modificam numa dimensão cíclica e articulada.

Os registros históricos e culturais revelam os significados da vida da cidade. Então, ao estudar o lugar, a Praça como exemplo, significa também a busca pela formação do cidadão, que participa da vida na cidade.

Evidenciamos a procura de professores da rede básica de ensino de Francisco Beltrão, por ações que propiciem a leitura desta realidade sistematizada. O que oportunizamos, graças à ajuda do Grupo de Pesquisa RETLEE, numa ação possibilitada pelo projeto “Nós Propomos!”, possibilito-nos acolher o pedido e efetivar com três instituições escolares, cujos resultados mostraram a importância da marca dos lugares e do estudo do cotidiano dos estudantes. Esta realidade está articulada ao tempo histórico do lugar, com todo significado simbólico que traz da identidade do município. Além de oferecer condições para aprendizagens, reinventa e promove a cidadania. Por isso, esta

pesquisa traz em evidência a necessidade, de se promover, via educação, a leitura do mundo, a partir do estudo da materialidade do lugar.

Estudar a Praça também nos surpreendeu, ao revelar seus múltiplos significados e o potencial de alcance da escola, da qual está quase inexistente. Assim, a Praça marca um tempo, num espaço em constante modificação, numa dinamicidade que transforma e necessita continuar a ser debatido, pois esta pesquisa marca o início de uma base para a continuidade de outras histórias.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BORGES, M. M. F. C. **Diretrizes para projetos de parques infantis públicos**. Florianópolis, 2008. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2008.
- CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais em Coimbra Portugal**, 2004.
- CALLAI, H. C. (Org.). **Educação nas Ciências Memórias de Ideias e Práticas**. Injujú: Editora Unijuú, 2016.
- CALDEIRA, J. M. **A Praça brasileira: Trajetória de um espaço urbano origem e modernidade**. Campinas, São Paulo, 2007. Originalmente apresentada como tese de doutorado, 2007.
- CLAUDINO, S. Construir uma escola cidadã por meio do projeto Nos Propomos!: Um desafio no espaço Iberoamericano. **Revista Sobre Tudo**, v.10, n.2, p. 33-52, 2019.
- CROQUI GLEBA MISSÕES E CHOPIN. Produção: LAZIER, 2003. Intérprete: FRANCISCHETT, 2008.
- CUNHA, M. C. da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- DINIZ, B. et al. A Praça dos imigrantes sob o olhar de seu usuário. In: OLIVEIRA, T. D. de. **Educação, espaço construído e tecnologias: Reflexões, desafios e perspectivas** (Volume I). Curitiba: ARV, 2017. p. 107-116.
- DUARTE, A. **As relações socioeconômicas na feira do produtor de Francisco Beltrão**. 110 p. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - Campus Pato Branco. 2018.
- GALVÃO, A. R. G. **Possibilidades de valorização multidimensional do território de Francisco Beltrão - PR com vistas ao desenvolvimento local**. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2009.
- GOMES, P. C da C. G. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- LAZIER, H. **Paraná: Terra de todas as gentes e muita história**. Francisco Beltrão: Grafit, 2004.

MAGALHÃES, M. R. Programa adote o verde: parcerias de sucesso em Belo Horizonte, para melhoria das áreas verdes públicas do município. **Revista Ornamental Horticulture**, v. 19, n.1, p. 33-34, 2013.

MARCHETTE, T. D. **Educação patrimonial e políticas públicas de preservação no Brasil**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2016.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. Tradução Neil R. da Silva. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NUNES, V. de F. P. Pombos urbanos: o desafio de controle. **Revista Biológico**, v. 65, n. 1, p. 89-92, 2003.

POLI, J. **Da posse para a propriedade da terra no sudoeste do Paraná (1962-1973)**. Curitiba, 2009. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2009.

RIBEIRO, R. A. S.; MARROCOS, F. R. de O. Agricultura familiar: uma ação educativa sobre a feira do produtor de Francisco Beltrão-PR. (em andamento), 2020.

ROTARY CLUB FRANCISCO BELTRÃO. Plano de ação 2010/2011. 68p., 2011.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. **Espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

SENNETT, R. **O Declínio do Homem Público**: as Tirantias da Intimidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SEVERGNINI, A. F. **O Colégio Estadual Mario de Andrade de Francisco Beltrão**: Da fundação à consolidação na formação secundária entre 1964 e 1982. Francisco Beltrão, 2020. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2020.

SILVA, A, I, de M. **A posse da terra e os lugares de memória**: Francisco Beltrão - 1969-2007. Curitiba, 2010. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2010.

SILVA, R, F da. **Sexo, dinheiro e repressão**: o local e o global na dinâmica socioespacial da prostituição. Francisco Beltrão, 2013. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2013.

STADEN, H. **A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens**. Rio de Janeiro: Dantes, 1998.

TOFFOLO, G. **O proposto e o vivido na relação socioambiental nos postos revendedores de combustíveis**. Francisco Beltrão, 2012. Originalmente apresentada como dissertação do mestrado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2012.

- VIRMOND, G. N. P. **Genealogia de Frederico Guilherme Virmond**. Curitiba, 1976.
- WEIMER, G. **Arquitetura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: WMF Martin Fontes, 2012.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Cristhian Matheus Herrera. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

### Referências meio eletrônico

- BRASIL. Lei nº123 de 14 de dezembro de 2006. Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. Disponível em:<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm)>. Acesso em: 26 de jul. 2020.
- CURITIBA. Lei nº7.628 de 16 de abril de 1991. Permissão de uso da praça para publicidade. Disponível em:<<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/lei-ordinaria/2005/1164/11642/lei-ordinaria-n-11642-2005->>. Acesso em: 23 de jul. 2020.
- FOZ DO IGUAÇU. Decreto nº 26.843 de 4 de dezembro de 2018. Regulamenta o programa Adote uma Praça. Disponível em:< <https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/decreto/2018/2684/26843/decreto-n-26843-2018-regulamenta-o-programa-adote-uma-praca-instituido-pela-lei-n-4254-de-11-de-julho-2014-estabelece-regras-para-a-viabilizacao-do-programa-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 23 de jul. 2020.
- NCr\$. In: BACEN. Disponível em: <<http://www.yahii.com.br/Moedas.html>>. Acesso em: 29 de jul. 2019.
- Planta. In: ESPAÇO NATURALMENTE. Disponível em:<<http://espaconaturalmente.eco.br/a-planta/>>. Acesso em: 22 de jul. 2020.
- Revitalização. In: DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. 2009. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/revitalizacao/>> Acesso em: 14 de março 2019.
- Línguas indígenas no Brasil. In: FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. 2011. Disponível em:<[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&view=article&id=832:linguas-indigenas-no-brasil&catid=47:letra-l](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=832:linguas-indigenas-no-brasil&catid=47:letra-l)>. Acesso em: 28 de maio 2019.
- Inauguração da torre. In: PREFEITURA DE FRANCISCO BELTRÃO. Disponível em:<<http://www.franciscobeltrao.pr.gov.br/departamentos/turismo/inauguracao-torre-concatedral-e-lancamento-do-city-tour/>>. Acesso em: 20 de mar. 2020.
- Influência dos jesuítas é onipresente. In: GAZETA DO POVO. 2013. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/especiais/sucessao-do-papa/influencia-dos-jesuistas-e-onipresente-b0i5h03gum6hllv14t4xmsrbi/>> Acesso em: 03 de jun. 2019.

Pórticos. In: DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/portico/>>. Acesso em: 28 de jul. 2018.

Praça da Matriz. In: GOOGLE STREET VIEW. Disponível em:<<https://www.google.com/maps/place/Pra%C3%A7a+da+Rep%C3%ABlica,+490-520+Viana+do+Castelo,+Portugal/@41.6932692,-8.8275531,70m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd25b62e8eb38a55:0x9e7d171556b87cb!8m2!3d41.6933934!4d-8.8284939?hl=pt-BR>>. Acesso em: 29 de jul. 2019.

Praça Marquês de Pombal. In: GOOGLE STREET VIEW. Disponível em:<<https://www.google.com/maps/place/Pra%C3%A7a+do+Marqu%C3%AAs+de+Pombal,+8900-267+Vila+Real+de+Santo+Ant%C3%B3nio,+Portugal/@37.193709,-7.4159553,126a,35y,45t/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd1022f546dfa175:0x35c441b9e4c500b8!8m2!3d37.1943203!4d-7.4154729?hl=pt-BR>>. Acesso em: 29 de jul. 2019.

Praça Municipal de Salvador-BA. In: GOOGLE STREET VIEW. Disponível em:<<https://www.google.com/maps/place/Prefeitura+Municipal+de+Salvador/@-12.9743421,-38.5131439,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipNsiAQCo-LjPEynzR3cfCCXFTfxmhBe3AOtbrKc!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Fhl5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipNsiAQCo-LjPEynzR3cfCCXFTfxmhBe3AOtbrKc%3Dw203-h114-k-no!7i4632!8i2608!4m8!1m2!2m1!1sPra%C3%A7a+Municipal+de+Salvador+%E2%80%93+BA!3m4!1s0x7161a4b89860149:0x361ed7a3b7ba0faa!8m2!3d-12.9741879!4d-38.5123828?hl=pt-BR>>. Acesso em: 29 de jul. 2019.

Praça da República. In: GOOGLE STREET VIEW. Disponível em:<<https://www.google.com/maps/place/Pra%C3%A7a+da+Rep%C3%ABlica,+490-520+Viana+do+Castelo,+Portugal/@41.6934034,-8.8284871,34m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xd25b62e8eb38a55:0x9e7d171556b87cb!8m2!3d41.6933934!4d-8.8284939?hl=pt-BR>>. Acesso em: 29 de jul. 2019.

Praça da Sé de São Paulo. In: GOOGLE STREET VIEW. Disponível em:<<https://www.google.com/maps/place/Pra%C3%A7a+da+S%C3%A9,+S%C3%A3o+Paulo++SP,+01001-000/@-23.5504578,-46.6340557,44m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94ce59abaae4233:0xd9186faf714bc5b1!8m2!3d-23.5503099!4d-46.6342009?hl=pt-BR>>. Acesso em: 29 de jul. 2019.

Praça Santos Andrade. In: GUIA GEOGRÁFICO CURITIBA. Disponível em:<<http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/santos-andrade.htm>>. Acesso em: 04 de jun. 2019.

Projeto “Nós Propomos!”. In: IGOT LISBOA. Disponível em:<<http://www.igot.ulisboa.pt/evento/projeto-nos-propomos-cidadania-e-inovacao-na-educacao-geografica-201920/>>. Acesso em: 08 de jul. 2020.

Programa adote uma Praça. In: CIDADE DE SÃO PAULO SUBPREFEITURAS. Disponível em:<<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/noticias/?p=250495>>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

Que tal adotar uma Praça em Londrina? In: BOA NOITE PARANÁ. Disponível em:<<https://globoplay.globo.com/v/7873339/>>. Acesso em 23 de jul. 2020.

UNATI. In: PORTAL UNIOESTE. Disponível em:<<http://cacphp.unioeste.br/extensao/unati/>>. Acesso em: 19 de jul. 2019.

Marquês de Pombal. In: SÓ HISTÓRIA. 2009. Disponível em:<<https://www.sohistoria.com.br/biografias/pombal/>>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

Aldeia Xingu. In: WIKIPÉDIA. 2007. Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parque\\_Ind%C3%ADgena\\_do\\_Xingu.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Parque_Ind%C3%ADgena_do_Xingu.jpg)> Acesso em: 29 de jul. 2019.

Assembléia popular. In: WIKIPÉDIA. 2017. Disponível em:<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ecl%C3%A9sia>>. Acesso em: 29 de jul. 2019.

LOURENÇO, G. W. Tombamento: conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural. In: BOLETIM JURÍDICO, 2006. Disponível em:<<https://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/artigo/1664/tombamento-conservacao-patrimonio-historico-artistico-cultural>>. Acesso em: 30 de jan. 2020.

### Referências jornal impresso

Hoje Francisco Beltrão é uma cidade remodelada. **Tribuna do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição Especial, p. 05, 31 de jan. 1969.

Cantelmo despediu-se inaugurando Praça. **Tribuna do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 51, p. 08, 02 de ago. 1969.

Nota de serviço N ° 05-S/ 3-70. **Tribuna do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 109, p. 10, 28 de mar. 1970.

O crescimento vertiginoso de Francisco Beltrão. **Tribuna do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição Especial, p. 43, 14 de dez. 1972.

RIBEIRO, J. B. Convite. **Tribuna do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 338, p. 01, 23 de ago. 1975.

RAMOS, A. Pauta. **Tribuna do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 10, p. 04, 17 de set. 1977.

Pondo a boca no mundo. **Tribuna do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 26, p. 08, 17 de jan. 1978.

Oficializada a “Boca Maldita”. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 49, p. 03, 19 de ago. 1979.

VI Expobel inaugura nesta quinta. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 116, p. 05 de set. 1980.

ROSA, E. Projeto “Sol Maior” em Francisco Beltrão. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 125, p. 06, 18 fev. 1981.

Bandeirantes promovem gincana. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 140, p. 01, 31 de mai. 1981.

Festa de S. Cristóvão é aguardada com interesse. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 146, p. 01, 11 de jul. 1981.

Sol maior virou grito de carnaval. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 173, p. 10, 07 de fev. 1982.

Beltrão teve feira da laranja. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 210, p. 11, 17 de ago. 1983.

Ocupação cultural na Praça. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 287, p. 06, 28 de jul. 1984.

Ocupação cultural da praça. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão – PR, Edição 290, p.01, 18 de ago. 1984.

Lançado o condomínio Maria Adriana. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 292, p. 01, 01 de set. 1984.

CDL quer natal colorido. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 293, p. 04, 08 de set. 1984.

BAGGIO, L. C. Ocupação cultural da Praça. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 290, p. 01, 18 de out. 1984.

Aniversário do município. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 306, p. 05, 08 de dez. 1984.

De olho. **Jornal do Iguaçu**. Francisco Beltrão-PR, Edição 312, p. 11, 19 de jan. 1985.

Praça Virmond Suplicy: Palco de Lutas. **Folha do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 512, p. 18, 12 de dez. 1987.

A reurbanização central da cidade. **Folha do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 974, p. 15, 10 de set. 1988.

Enquete: você gostou das mudanças no centro da cidade?. **Folha do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 975, p. 05, 17 de set. 1988.

A geração das Camilas. **Folha do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 982, p. 16, 05 de nov. 1988.

BAGGIO, L. C. Audiência com o presidente **Folha do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Suplemento Especial, p.18, 14 de dez. 1988.

Brizola diz que pesquisas não revelam situação. **Folha do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 1.028, p. 03, 14 de out. 1989.

Lula promete prioridade para o setor da agricultura. **Folha do Sudoeste**. Francisco Beltrão-PR, Edição 1.032, p. 03, 11 de nov. 1989.

Cinema reabre em dezembro. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 68, p. 22, 25 de ago. 1990.

Campanha da diabete. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 93, p. 04, 02 de mar. 1991.

MOCELIN, M. M. O povo tem voz novamente. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 100, p. 02, 20 de abr. 1991.

Segunda mateada. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 204, p. 08, 19 de mai. 1992.

Cuia gigante. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 346, p. 01, 14 de set. 1993.

Campanhas incentivam os munícipes. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 350, p. 03, 23 de set. 1993.

Decoração nova para o final do ano. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 378, p. 17, 04 de dez. 1993.

BAGGIO, C. Tradicionalistas beltronenses ganham monumento. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 383, p. 01, 18 de dez. 1993.

Júlio Assis Cavalheiro. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 469, p. 13, 30 de jul. 1994.

Céu bonito. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 505, p. 09, 01 de nov. 1994.

Está chegando o primeiro open de vôlei. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 509, p. 01, 12 de nov. 1994.

Show do trabalhador no calçadão de Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 739, p.01, 30 de abr. 1996.

FACIBEL fecha as portas segunda-feira. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 741, p.1, 03 de mai. 1996.

Semana do meio ambiente em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 762, p.1B, 01 de jun. 1996.

Definida programação da semana da pátria. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 825, p.13, 31 de ago. 1996.

Trecho da Avenida no Calçadão será transformado em Praça. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 875, p.07, 09 de nov. 1996.

Semana da saúde abre dia 1º. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 960, p. 06, 20 de mar. 1997.

Definida a programação para a semana da saúde em Francisco Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 961, p. 05, 21 de mar. 1997.

Começa hoje a semana da saúde em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 968, p. s/n, 02 de abr. 1997.

Crianças participam da semana da saúde. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 970, p. 12, 04 de abr. 1997.

Semana da saúde encerra com show no calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 973, p. 12, 09 de abr. 1997.

Moradores do centro de Beltrão se organizam. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.059, p.10, 09 de ago. 1997.

O mapa do estacionamento regulamentado. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.065, p.01, 20 de ago. 1997.

Aluna da Apae, ontem à tarde no calçadão de Francisco Beltrão; começou a Semana do Excepcional. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.067, p. 01, 22 de ago. 1997.

- Atividades no calçadão marcam início da semana do excepcional. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.067, p.06, 22 de ago. 1997.
- Semana do excepcional em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.069, p. 10, 26 de ago. 1997.
- Semana do trânsito promete atividades educativas. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.087, p. 12, 19 de set. 1997.
- O teatro vai à escola, programa do governo do estado, está em Francisco Beltrão, ontem teve apresentações no calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.213, p. 01, 24 de mar. 1998.
- Trilha da cultura se apresenta em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.213, p. 09, 24 de mar. 1998.
- Começa a montagem do estação mais saúde. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.315, p.11, 19 de ago. 1998.
- Estação mais saúde pretende reunir cinco mil pessoas. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.316, p.11, 20 de ago. 1998.
- Encerra-se hoje a primeira semana maçônica. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.318, p.1B, 20 de ago. 1998.
- Estudantes fazem passeata contra o fumo. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.323, p.01, 29 de ago. 1998.
- Arni Hall fala em ética na abertura da semana da pátria. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.325, p. 07, 02 de set. 1998.
- Alunos de seis escolas estaduais de Francisco Beltrão apresentaram trabalhos sobre política no calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.345, p.01, 28 de set. 1998.
- Alunos de Beltrão vão ao calçadão falar sobre política. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.345, p.16, 28 de set. 1998.
- Teatro na praça para acabar com a poluição. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.361, p.14, 22 de out. 1998.
- Professores e alunos protestam em silêncio. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.522, p.05, 11 de jun. 1999.
- Concatedral ganhará torre de 100 metros de altura. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.557, p.09, 06 de ago. 1999.

Campanha da pastoral da criança pede a paz na família. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.598, p.04, 05 de out. 1999.

Choparia do calçadão poderá ser demolida. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.468, p.01, 12 de out. 1999.

Entidades fazem exposição no calçadão de Francisco Beltrão sobre reciclagem de lixo. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.492, p.03, 06 de mai. 1999.

Fernanda Braz conduz a tocha que abre semana da pátria. Autoridades e alunos abrem semana do trânsito em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.576, p.02 de set. 1999.

Estudantes do Colégio Suplicy e os professores Ilza Kozik e Evaristo Castanha plantaram uma muda de Pau-Brasil na Praça Dr. Eduardo Virmond Suplicy. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.589, p.01, 22 de set. 1999.

Praça de Beltrão é palco de escovação. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.610, p.03, 22 de out. 1999.

É o fim da lancheria do calçadão. Torre da concatedral receberá recursos. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.659, p.16, 06 de jan. 2000.

Professores e servidores das escolas estaduais saíram em passeata pela Avenida Júlio Assis para pedir a atenção da sociedade e do governo. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.725, p.01, 08 de abr. 2000.

Comboio no Sudoeste. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.748, p.16, 13 de mai. 2000.

Começa semana contra a dengue. Autoridades e alunos abrem semana do trânsito em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.749, p.04, 16 de mai. 2000.

Professores nas escadarias da concatedral no ato público de ontem para sensibilizar a comunidade sobre a greve. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.751, p.01, 18. de mai 2000.

Estudantes lotam calçadão em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.752, p.05, 19. de mai 2000.

Governo e professores divergem sobre números. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.755, 24 de mai. 2000.

Professores em greve terão dias parados descontados na folha de pagamento. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.766, p.16, 08 de jun. 2000.

Comunidade despede-se da 3ª/33ª BIMtz com homenagem em praça pública. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 1.781, p.08, 30 de jun. 2000.

A equipe de atletismo da Secretaria de Esportes acende a pira olímpica. Autoridades e alunos abrem semana do trânsito em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 1.826, p.01, 02 de set. 2000.

Faltam 13 dias para o dia do desafio. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.001, p.05, 17 de mai. 2001.

Começa a programação da semana da pátria. Autoridades e alunos abrem semana do trânsito em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.076, p.04, 01 de set. 2001.

Escolas, empresas e entidades prestigiam a semana da pátria. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.077, p.07, 04 de set. 2001.

Encontro discute programas contra as drogas. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.132, p.05, 24 de nov. 2001.

Em agosto serão reiniciadas as obras da torre. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, edição 2.296, p.6, 24 de jun. 2002.

O calçadão esteve movimentado com apresentações culturais e prestações de serviços. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.258, p.07, 30 de mai. 2002.

Centro cresce mesmo sem abrir calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.330, p.07, 11 de set. 2002.

Passeata contra fumo reúne estudantes e profissionais de saúde. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.325, p.06, 13 de set. 2002.

Torre da Concatedral está ligada a uma associação. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.444, p.15, 22 de fev. 2003.

Um ato público: estudantes criticam a guerra EUA x Iraque. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.463, p.1B, 22 de mar. 2003.

Colégios fazem manifestação no calçadão pela paz. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.478, p.1B, 12 de abr. 2003.

Dia do desafio movimenta habitantes de 45 cidades do Paraná. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.507, p.12, 28 de mai. 2003.

Calçadão da Praça central receberá três novas obras. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.549, p. 4B, 26 de jun. 2003.

Várias empresas disputam a concessão de uso da nova lanchonete no calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.601 p.07, 09 de out. 2003.

Projeto verifica pressão arterial no calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.609, p.08, 21 out. 2003.

Quiosque com banheiros começa a ser construído. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.616, p.12, 30 de out. 2003.

Quatro municípios da região participam hoje do Dia do Desafio. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.758, p.07, 26 mai. 2004.

Em Francisco Beltrão, ontem à tarde, o pessoal fez trenzinho durante as atividades do Dia do Desafio. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.759, p.01, 27 mai. 2004.

Uma aula pública de história. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.735, p.01, 23 de abr. 2004.

Aula da Unipar sobre história agradou. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 2.740, p.05, 30 de abr. 2004.

Autoridades e alunos abrem semana do trânsito em Beltrão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.842, p.4A, 23 de set. 2004.

Para manter o curso de administração, estudantes fazem passeata e autoridades pressionam o governo do estado. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.843, p.05, 24 de set. 2004.

Unioeste deveria ofertar 11 cursos em 2005. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.844, p.22, 25 de set. 2004.

Parada no calçadão marca o dia da Aids. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.889, p.01, 01 de dez. 2004.

Apresentações artísticas sensibilizam população para cuidados com a Aids. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 2.890, p.12, 02 de dez. 2004.

Colégio Mario de Andrade comemora o dia do Meio Ambiente. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.014, p.05, 03 de jun. 2005.

Campanha de estudantes marca o dia nacional. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.076, p.18, 30 de jul. 2005.

Na abertura coreografia estimula reflexão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.079, p.07, 20 de ago. 2005.

Estudantes fazem manifesto contra o ato médico. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.111, p.12, 20 de out. 2005.

Lage do mirante da torre está sendo concretado. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.333, p.4A, 06 de set. 2006.

Prefeitura moderniza monumentos à bíblia. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.329, p.04, 31 de ago. 2006.

Funcionários da empresa contratada já iniciaram os serviços para a remodelação do monumento à Bíblia da Praça Dr. Eduardo Virmond Suplicy. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.329, p.01, 31 de ago. 2006.

Saúde e alimentação balanceada são atrações no calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.330, p.1B, 01 de set. 2006.

Show de Educação muda a rotina da avenida nesta tarde de terça-feira. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.236, p.05, 19 de abr. 2006.

Cordasso diz que cidadãos devem refletir sobre futuro. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.333, p.03, 02 de set. 2006.

Semana nacional do trânsito dará enfoque aos mais propensos a acidentes, os motociclistas. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.338, p.04, 14 de set. 2006.

Fotos de acidentes chocam as pessoas. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.342, p.07, 20 de set. 2006.

Colonos derrubando o obelisco de Júlio Assis Cavalheiro, na atual Praça do Calçadão, dia 11 de outubro de 1957. **Jornal de Beltrão**. O tempo da revolta lembranças de quem viveu. Francisco Beltrão-PR, Suplemento especial, 10 de out. 2007.

Poema da revolta. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 3.612, p.07, 19 de out. 2007.

Feira do livro enche de literatura o calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.625, p.13, 08 de nov. 2007.

Torre da concatedral receberá recursos. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.671, p.04, 18 de jan. 2008.

Mesmo com chuva, população adere ao dia do Desafio e faz exercícios por 15 minutos. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.761, p.16, 29 de mai. 2008.

Com entidades, MST faz manifestação por “nova sociedade” e critica capitalismo. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 3.806, p.09, 31 de jul. 2008.

ASR comemora 39 anos de Casa da Amizade. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição s/n, p.02, 02 ago. 2008.

Crianças saem as ruas e perguntam: que tal trocar um cigarro por uma fruta? **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.828, p.04, 30 de ago. 2008.

Hoje é dia de festival de xadrez escolar. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.835, p.14, 10 de set. 2008.

Estudantes e entidades soltam 700 balões com sementes de árvores nativas. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.844, p. 4B, 23 de set. 2008.

Unipar promove o dia da responsabilidade social. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.849, p.04, 30 de set. 2008.

Feira dos livros transforma calçadão em espetáculo. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 3.850, p.8A, 01 de out. 2008.

Participação beltronense pode ser melhor que do ano passado. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 4.014, p.08, 28 de mai. 2009.

Dia mundial do meio ambiente motiva atividades no calçadão. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 4.021, p.01, 06 de jun. 2009.

Na abertura da semana da pátria poesia gaúcha e discurso em defesa dos serviços municipais. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição. 4.082, p.16, 02 de set. 2009.

Associação de feirantes e órgãos públicos apresentam nova proposta para a feira livre. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 4.083, p.09, 03 de set. 2009.

Feira livre do calçadão reinaugura com inovações. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão – PR, Edição 4.100, p.01, 26 de set. 2009.

Feira do produtor já será no novo espaço hoje. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 6.096, p. 04, 14 de dez. 2016.

“Praça será uma das mais belas do Paraná”. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 6.326, p. 10, 11 de nov. 2017.

HAIKUK, R. G. Natal encantado leva mais de 20 mil pessoas no calçadão. Francisco **Jornal de Beltrão**. Beltrão-PR, Edição 6.335, p. 06, 28 de nov. 2017.

Torre da concatedral completa hoje 20 anos. **Jornal de Beltrão**. Francisco Beltrão-PR, Edição 6.764, p. 05, 15 de ago. 2019.

## APÊNDICES

**APÊNDICE I**

Perguntas da entrevista com o Maçom

- 1) Quando e como surgiu a maçonaria em Francisco Beltrão?**
- 3) O que a maçonaria representa para o Município?**
- 4) O que a maçonaria representa para a Praça Dr Eduardo Virmond Suplicy?**
- 5) Quem tomou a iniciativa de inserir o monumento á maçonaria na Praça?Por quê?**

**APÊNDICE II**

Perguntas da entrevista com o Chefe de Divisão do Patrimônio Histórico de Francisco Beltrão

- 1) Os monumentos da Praça Dr Eduardo Virmond Suplicy são tombados? Por qual instituição?**
- 2) O que precisa/precisou para estes monumentos serem tombados?**
- 3) Vocês estão enfrentando ou enfrentaram alguma dificuldade neste processo? Quais?**
- 4) Quem tomou a iniciativa de tomar os monumentos?**
- 5) Qual a importância do tombamento destes monumentos para você?**

**APÊNDICE III**

## Questionário da UNATI

- 1) **No que atividade realizada na Praça contribuiu para a sua formação?**
- 2) **O que mais lhe chamou a atenção com essa visita na Praça?**
- 3) **Qual a importância da Praça para a população?**
- 4) **Avalie a atividade realizada.**

## APÊNDICE IV

### Questionário dos transitantes, feirantes e comerciantes

- Gênero:**      ( ) Feminino              ( ) Masculino
- Idade:**        ( ) 0-11 → Criança              ( ) 11-20 → Adolescente
- ( ) 20-65 → Adulto              ( ) 65-acima → Idoso
- Cidade:**      ( ) Francisco Beltrão-Pr. Bairro:
- ( ) Outra. Qual?

**1) Na sua opinião, qual é a função da Praça?**

**2) De que maneira você utiliza a Praça?**

- ( ) Lazer (Brincadeiras, encontro com os amigos e/ou familiares, descanso, leitura de livros/jornais/revistas, entre outros...)
- ( ) Trabalho
- ( ) Passagem
- ( ) Outra. Qual?

**3) Com que frequência você a utiliza?**

- ( ) Semanal. Quantas?
- ( ) Mensal. Quantas?
- ( ) Anual. Quantas?

**4) Quais espaços da Praça você utiliza?**

- ( ) Bancos
- ( ) Bar/Restaurantes
- ( ) Feira
- ( ) Playground/Parque
- ( ) Não utilizo nenhum espaço/só de passagem

**5) Qual a importância da Praça para você? O que te faz utilizar esse espaço?**

**6) O que você mais aprecia na Praça?**

**7) Você observa algum problema na Praça?**

- ( ) Não                      ( ) Sim. Qual?

**8) Com quem você visita a Praça?**

- ( ) Amigos
- ( ) Animal(s) de estimação. Qual(is)? Quantos?
- ( ) Colegas do trabalho              ( ) Familiares
- ( ) Namorado (a)                      ( ) Sozinho

**APÊNDICE V**

Ficha de controle dos questionários dos comércios

<b>1</b>	
<b>COMÉRCIO</b>	
<b>CONCEDERÁ ENTREVISTA</b>	( ) Sim                      ( ) Não
<b>DATA</b>	___/___/___
<b>HORÁRIO</b>	_____hr
<b>SUJEITO ENTREVISTADO</b>	( ) Proprietário                      ( ) Gerente
<b>ENTREVISTA FINALIZADA</b>	( ) Sim                      ( ) Não

**APÊNDICE VI**

## Questionário das indígenas

**Gênero:** ( ) Feminino ( ) Masculino

**Idade:** ( ) 0-11 → Criança ( ) 11-20 → Adolescente

( ) 20-65 → Adulto ( ) 65-acima → Idoso

**Filhos:** ( ) Sim. Quantos?

( ) Não

**Local onde mora:**

**1) Por que vem para Francisco Beltrão?**

**2) Em que período do ano vem a Francisco Beltrão? Há quanto tempo vem? Por quanto tempo fica?**

**3) Quanto tempo leva para chegar do lugar que vive à Francisco Beltrão?**

**4) Vai para outras cidades além de Francisco Beltrão?**

( ) Sim. Quais?

( ) Não. Por que?

**5) Ocupa outro lugar além da Praça em Francisco Beltrão?**

( ) Sim. Quais?

( ) Não. Por que?

**6) O que você faz na Praça?**

**7) Por que escolheu a Praça de Francisco Beltrão?**

**8) O que comercializa?**

**9) Qual a importância do que faz?**

**10) Onde dorme quando está em Francisco Beltrão?**

**11) Recebe auxílio de alguma instituição?**

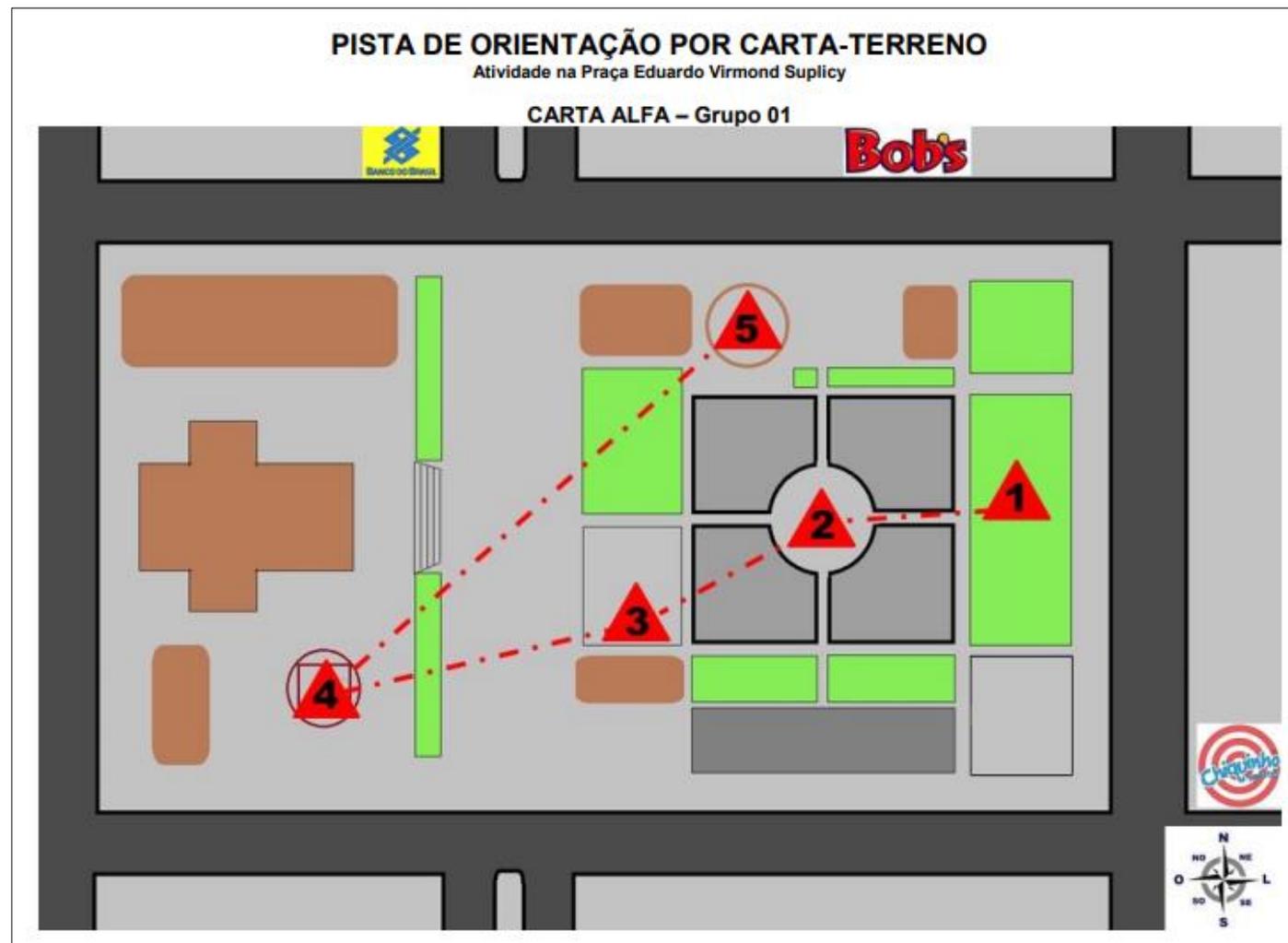
( ) Sim. Qual?

( ) Não

**12) Quais as maiores dificuldades que enfrenta?**

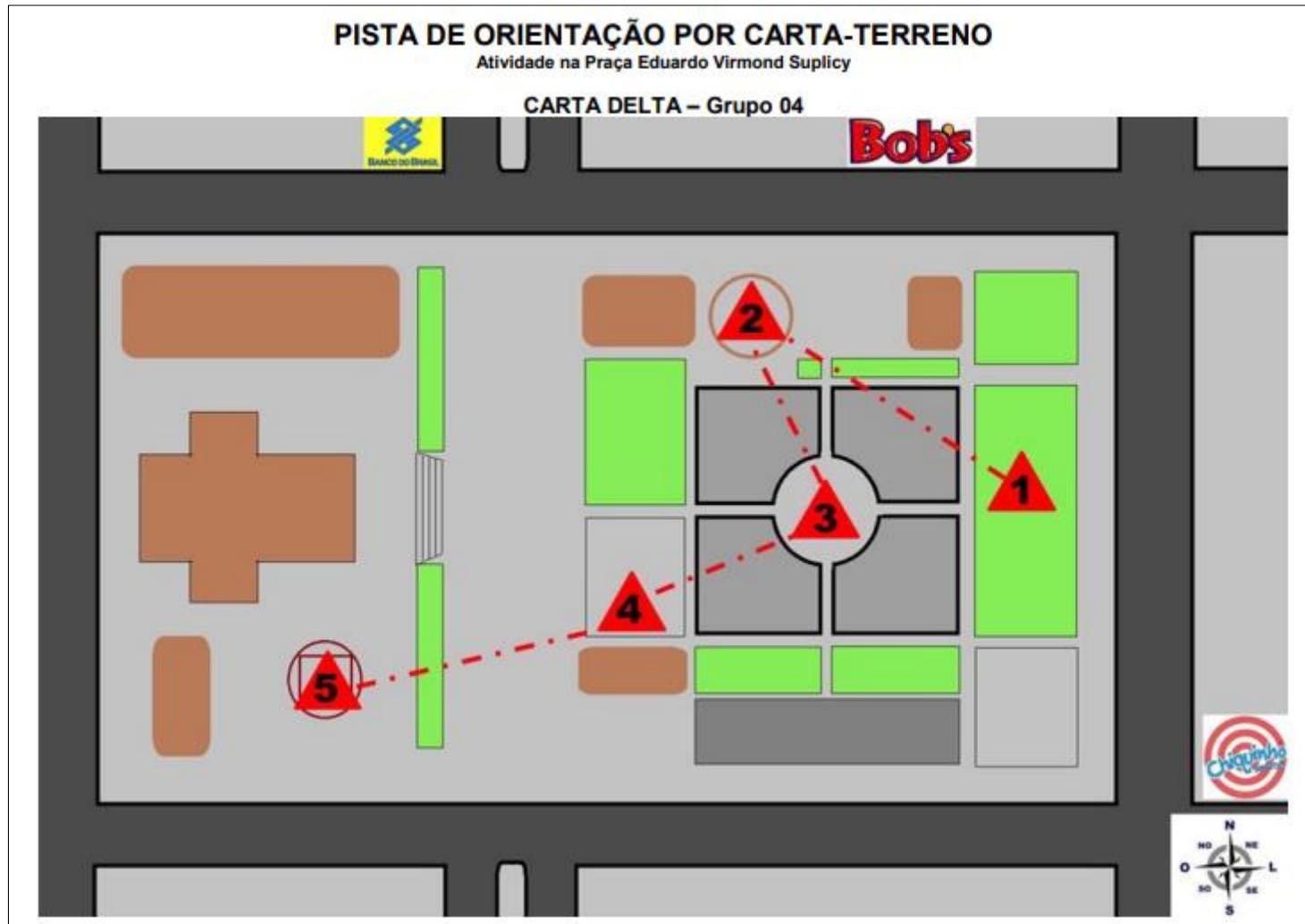
## APÊNDICE VII

Croquis da ação orientação, verso e adesivos









**CARTÃO-RESPOSTA**

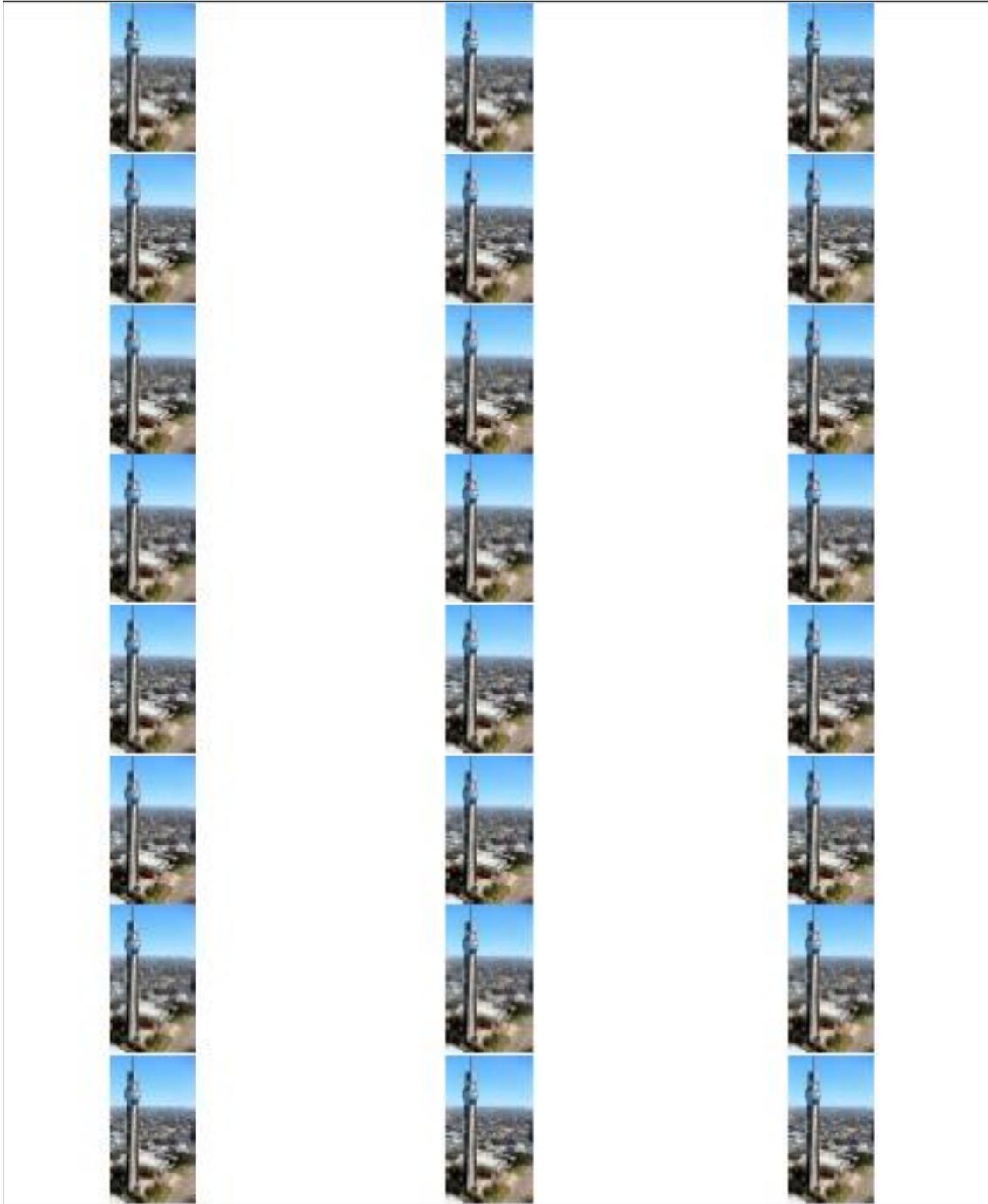
Oficina 01

Oficina 02

Oficina 03

Oficina 04

Oficina 05









## APÊNDICE VIII

### Folder frente e verso da ação da Fauna e Flora

<h1>FAUNA</h1>		<h1>FAUNA E FLORA</h1>
<p><b>Pombas</b></p>  <p><b>Características:</b> A maioria se alimenta de sementes, algumas espécies se alimentam de folhas e frutos. Normalmente vivem em casais ou pequenos grupos. Seu habitat natural são cerrados e campos, porém se adaptam facilmente a ambientes urbanos, quando há alimento. Se reproduzem o ano inteiro, colocam de 2 a 3 ovos e os filhotes saem do ninho em duas semanas.</p> <p><b>Danos:</b> A alimentação de pombos nos espaços públicos provoca superpopulação. As suas fezes podem portar microorganismos que provocam doenças, e estes excrementos ainda, danificam as superfícies em que entram em contato.</p> <p><b>Controle em locais públicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Não é permitido o extermínio destes, pois são protegidos pela Lei nº 9605/1998;</li> <li>* O controle é realizado pela retirada dos ninhos e ovos das árvores, uso de armadilhas de captura para enviá-los a locais próprios;</li> <li>* Não deve-se alimentar os pombos, pois provoca hábitos contrários à caça de alimento que são de sua natureza e influencia a superpopulação destes no ambiente.</li> </ul>	<p><b>PROJETO NÓS PROPOMOS!</b> <b>UNIOESTE</b> FRANCISCO BELTRÃO-PR</p> <p>Alcimar Paulo Freisleben Ana Caroline Tazinasso Ana Claudia Biz Bruna Kisathowski Fiss Daiane Cristina da Rocha Fabiano Ricardo de Oliveira Marrocos Geliane Toffolo João Henrique Biral Mafalda Nesi Francischett Maiara Tibola Rômulo Afonso Santos Ribeiro</p>    <p>Referência FISS. B. K. <b>Praça como espaço democrático da formação do sujeito e de registro histórico-cultural.</b> Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação. UNIOESTE, 2019. (Em desenvolvimento).</p>	 <p><b>PRAÇA</b> <b>DR EDUARDO VIRMOND SUPLICY</b> FRANCISCO BELTRÃO-PR</p>   

# FLORA

## Espécies Nativas

CORTICEIRA



UVAIA



PITANGUEIRA



FIGUEIRA



JACARANDÁ



BURITI



JABUTICABEIRA



ARAÇÁ



IPÊ



TIPUANA



CANELA

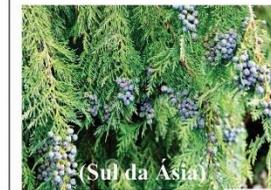


**Perigo de EXTINÇÃO**

PINHEIRO DO PARANÁ



CIPRESTE DO HIMALAIA



(Sul da Ásia)

PALMEIRA DE SAGU



(China e Japão)

GREVILEA



(Austrália)

ALFENEIRO



(China)

MAGNÓLIA



(EUA)

MANGUEIRA



(Ásia)

## Espécies Exóticas

PALMEIRA REAL



(Austrália)

CEREJEIRA DO MATO



(Europa)

TAMAREIRA-ANÃ



(Ásia)

Fonte: SANTOS e FRANCISCHETT (2003).  
Adaptado: AUTORAS, 2019.



**ATIVIDADE ESCRITA**

De posse do Mapa Temático do Fornecimento de Alimentos da Agricultura Familiar vocês irão relacionar todos os alimentos que foram degustados de acordo com cada localidade proveniente.

LOCALIDADE	ALIMENTOS
FRANCISCO BELTRÃO	
MARMELEIRO	
AMPÈRE	
SALGADO FILHO	

## APÊNDICE X

### Folder da ação da Torre

#### *Torre Concatedral Nossa Senhora da Glória*



Fonte:  
DEPARTAMENTO DE TURISMO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO/PR, 2013.

A Torre da Concatedral Nossa Senhora da Glória é um edifício e monumento que se localiza no município de Francisco Beltrão. Hoje, é o principal ponto turístico da cidade. Está situada ao lado

da Concatedral Nossa Senhora da Glória, sua construção teve início no ano de 1999 e sua inauguração aconteceu no dia 25 de novembro de 2010.

Ela tem 100m de altura, elevador panorâmico e dois mirantes, que proporciona aos visitantes uma bela vista do município, possui quatro relógios com iluminação em LED e um sino eletrônico em seu topo, o qual possui um toque inspirado no sino do Palácio de Westminster, na Inglaterra. Com a implementação do sino, a estrutura passa a estar entre as mais altas torres de relógio do mundo.

Fonte: DEPARTAMENTO DE TURISMO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCISCO BELTRÃO/PR, 2013.

No domingo do dia 15 de agosto de 1999, durante a 43ª Festa de Nossa

Senhora da Glória, foi lançado a pedra fundamental da Torre da Concatedral de Francisco Beltrão. Após a missa em homenagem à padroeira do município, o bispo Dom Agostinho desejou “que esta obra sirva para a edificação do corpo místico de Deus, que é a Igreja”; e que a torre “será sinal para todas as cidades da região”.

Para a construção da torre, teve um grande número de pessoas que contribuíram, fazendo parte da comissão organizadora, que em 2003 virou Astec: Associação dos Amigos da Torre da Concatedral.

A obra estava prevista para custar R\$ 190 mil e já foram investidos R\$ 1.867.773. A estimativa de hoje é que uma obra como esta custaria, no mínimo, R\$ 4 milhões.

Fonte: JORNAL DE BELTRÃO, 6.784, 2019.

**APÊNDICE XI****Questionário para os estudantes do CEI e CES****Nome:****1) Avalie a atividade da Praça:** Excelente. Por quê? Ótimo. Por quê? Bom. Por quê? Regular. Por quê? Ruim. Por quê?**2) Sobre a atividade da Praça:**

a) O que te chamou mais a atenção? Por quê?

b) O que foi mais importante? Por quê?

c) Quais atividades você gostaria de fazer novamente? Por quê?

d) O que não foi importante? Por quê?

**3) Sua visão sobre a Praça mudou depois da atividade?** Sim. O quê? Não. Por quê?**4) Você tem outras sugestões? Quais?** Sim. Quais? Não. Por quê?

**APÊNDICE XII**

Questionário para os professores do CEI e CES

- 1) No que a atividade da Praça pode ser considerada como componente curricular?**
- 2) Quais foram as contribuições da atividade para os estudantes?**
- 3) Quais foram as dificuldades para participar da atividade?**
- 4) O que foi inédito para você na atividade? Justifique.**
- 5) Quais suas sugestões para qualificar a atividade?**

**APÊNDICE XIII**

Ofício para o uso da Praça

**OFÍCIO SOLICITAÇÃO**

Ofício N.º 01

Francisco Beltrão – PR, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Senhor Diretor Pedrinho Veroneze

O Nós Propomos almeja produzir conhecimentos sobre pesquisa, ensino, formação de professores e experiência educativa. Neste sentido, o projeto vincula-se intrinsecamente às atividades de pesquisa com ensino pelos pesquisadores professores. A pesquisa busca trazer contribuições relacionadas ao ensino e aprendizagem sobre o conceito de lugar, com a mediação dos professores das escolas dos municípios da região Sudoeste do Paraná, pela troca de experiência com professores universitários e da rede básica e internacional. Neste sentido, os pesquisadores da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) em parceria com o Instituto de Geografia e Ordenamento de Território de Lisboa (IGOT) por meio do projeto Nós Propomos, visam desenvolver uma atividade prática na Praça Dr Eduardo Virmond Suplicy com alunos do Colégio \_\_\_\_\_ . Esta atividade consiste em algumas oficinas que irão trabalhar o conceito de lugar, a localização, a história da Praça e do município por meio dos monumentos, a fauna e a flora da Praça e a agricultura familiar presente por meio da feira.

Conforme o abordado acima solicito encarecidamente que a prefeitura conceda a autorização de uso do espaço da Praça Dr Eduardo Virmond Suplicy. Esta atividade irá ocorrer no dia \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, a partir das \_\_\_hrs até as \_\_\_hrs.

Desde já me coloco a inteira disposição através do número do telefone \_\_\_\_\_. Agradeço a atenção.

Atenciosamente

---

**Bruna Kisathowski Fiss****RG: xxx**

A Sua Excelência o Senhor  
Diretor administrativo Pedrinho Veroneze  
Rua Octaviano Teixeira dos Santos, 1000  
CEP 85601-030, Caixa postal 51, Francisco Beltrão-PR

## **ANEXOS**

## ANEXO I

Olá,  
bruna.kisathowski.fiss

 **JORNAL DE BELTRÃO**

MENU

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

ENTREVISTAS

CLASSIFICADOS

BANCA DO JDEB

COLUNISTAS

GPS

## JORNAL NA ESCOLA

Você está

FRANCISCO BELTRÃO

### Calçadão vira “sala de aula” para estudantes do Colégio Industrial

A atividade faz parte do “Nós Propomos!”, projeto no qual os alunos propõem uma prática no estudo da Geografia. Este projeto é promovido pela Unioeste, em parceria com o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (Igot), de Portugal.



Leandra Francischett • 09/08/2019 - 15h45min



Uma aula ao ar livre. Ontem, dia 7, alunos do Colégio Industrial participaram de um trabalho de campo no Calçadão. A atividade faz parte do “Nós Propomos!”, projeto no qual os alunos propõem uma prática no estudo da Geografia. Este projeto é promovido pela Unioeste, em parceria com o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (Igot), de Portugal.

Neste caso, em específico, professores e acadêmicos da Unioeste fizeram o inverso e propuseram práticas educativas na praça dr. Eduardo Virmond Suplicy. Por que na praça? “Escolhemos a praça por ser o reflexo da sociedade e por representar a história do município.

E também por ser objeto de estudo da minha pesquisa de mestrado (em Educação), sob a orientação da professora Mafalda (Nesi Francischett)”, responde Bruna Fiss. A professora Mafalda acrescenta: “A intenção é contribuir para que os estudantes compreendam o significado além do olhar sem sentido. Há significado nas representações da praça, nos monumentos, na forma que ela é constituída, além de propor a formação para cidadania.

O espaço público é um dos principais fenômenos para educar o cidadão”. Para Leandro Daneluz Gonçalves, coordenador da equipe pedagógica do Núcleo Regional de Educação (NRE), este evento é importante pela aproximação entre o ensino superior e a educação básica.

“É um trabalho que a professora Mafalda costuma fazer. Esta conexão entre o conteúdo e a realidade é importante para que o aluno assimile e perceba o que se trabalha em sala de aula; mostrar que isso tem importância para vida dele. Eles ficam sensibilizados a estudar o conteúdo quando percebem isso.”

Os alunos foram acompanhados por Ana Rúbia Gagliotto Galvão, professora de Geografia, e Elena Chaves da Silva Oliveira, professora de educação especial. Também estiveram presentes Monitliely Kummer e Ivete Rocha, representantes da Secretaria Municipal de Educação.

#### Monumentos

As professoras Ana Cláudia Biz e Maíara Tibola apresentaram os seis monumentos: do Getsop (Grupo Executivo de Terras do Sudoeste do Paraná), inserido na praça em 1972; da Cuia, inserido em 1993; da Bíblia, em 2000; Monumento à Maçonaria, em 1999; Obelisco, de 1969, em homenagem aos pioneiros; e Monumento à Associação das Senhoras de Rotarianos (ASR), que é o mais recente, inaugurado há poucos dias, em 2 de agosto, em comemoração dos 50 anos da ASR, sendo o primeiro memorial da entidade construído em praça pública do Brasil.



Paulo Freisleben registra Ana Claudia Biz e Maiara Tibola apresentando os seis monumentos: do Getsop; da Cula; da Bíblia; Monumento à Maçonaria; Obelisco; e Monumento à Associação das Senhoras de Rotarianos (ASR).  
Foto: Leandra Francischett/JdeB

### Oficinas

Rômulo Afonso Santos Ribeiro falou sobre a agricultura familiar. João Henrique Biral ficou responsável pela Torre. Fabiano Ricardo de Oliveira Marrocos ministrou oficina sobre orientação e localização, com o uso da bússola. Paulo Freisleben registrou o evento em fotos.

Geliane Toffolo, pós-graduada em Geografia pela Unioeste, e Daiane Rocha, mestranda em Educação pela Unioeste, fizeram a oficina da fauna e da flora da Praça, incluindo as espécies de árvores que estão em extinção e também sobre as pombas. "Devido à crescente expansão da agricultura, as pombas precisaram buscar novos lugares de alimentação. A rolinha rocha foi a espécie que mais se adaptou à cidade", comenta Geliane.

Esta é mais uma atividade do grupo de pesquisa Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativa (Retlee), da Unioeste de Beltrão.

## ANEXO II

Olá,  
bruna kisathowski fiss

**JORNAL DE BELTRÃO**

MENU ÚLTIMAS NOTÍCIAS ENTREVISTAS CLASSIFICADOS BANCA DO JDEB COLUNISTAS GPS

**JORNAL NA ESCOLA**

PROJETO "NOS PROPOMOS!"

## Formação cidadã na praça de Beltrão

Educação

Assessoria · 31/10/2019 · 08h00min

f t p s e



A atividade foi realizada com o 7º ano, nas aulas de Geografia do professor José Claudio, com apoio dos PIBidianos e residentes pedagógicos de Geografia.

Desta vez, os pesquisadores do RETLEE, por meio da pesquisa da mestranda Bruna Fiss, do Programa em Educação, e pesquisadores do Programa de Geografia da Unioeste de Beltrão, com os estudantes do Colégio Estadual Dr. Eduardo Virmond Suplicy realizaram ações com orientação por carta-terreno e foram descobrindo e conhecendo a fauna e flora da praça, que leva o mesmo nome do colégio. A torre oportunizou o estudo da paisagem da cidade; os monumentos auxiliaram para a discussão da história e cultura do povo beltronense, ao longo da sua história. Os alimentos da agricultura familiar é o registro da produção dos agricultores. A atividade foi realizada no mês de outubro, com o 7º ano, nas aulas de Geografia do professor José Claudio, com apoio dos PIBidianos e residentes pedagógicos de Geografia.

Mais sobre: [projeto nós propomos](#) [formação](#) [cidadã](#)